

Débora Niéri

Miniaturas Musicais

música dos e com bebês



Débora Niéri

Miniaturas Musicais

música dos e com bebês



| São Paulo | 2025 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

N675m

Niéri, Débora -
Miniaturas Musicais: música dos e com bebês / Débora
Niéri. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-505-3

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-505-3

1. Educação musical de bebês na creche. 2. Música contemporânea. 3. Abordagem musical criativa. 4. Envolvimento de bebês. 5. Esquema de observações. I. Niéri, Débora. II. Título.

CDD 372.21687

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação – Creche

II. Música

Simone Sales - Bibliotecária - CRB: ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 a autora.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiária em editoração	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	AI Generator - Chat GPT, iikhikmatulloh - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Abril Display, Belarius Sans
Revisão	Bruna Cantero
Autora	Débora Niéri

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski <i>Universidade La Salle, Brasil</i>	Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Adriana Flávia Neu <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos <i>Universidade do Vale do Itajaí, Brasil</i>
Adriana Regina Vettorazzi Schmitt <i>Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>
Aguimario Pimentel Silva <i>Instituto Federal de Alagoas, Brasil</i>	Caio Cesar Portella Santos <i>Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil</i>
Alaim Passos Bispo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil</i>	Carla Wanessa do Amaral Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Alaim Souza Neto <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
Alessandra Knoll <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Carlos Jordan Lapa Alves <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Corso <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Cassia Cordeiro Furtado <i>Universidade Federal do Maranhão, Brasil</i>
Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Cássio Michel dos Santos Camargo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Ana Rosangela Colares Lavand <i>Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil</i>	Cecília Machado Henriques <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
André Gobbo <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>	Christiano Martino Otero Avila <i>Universidade Federal de Pelotas, Brasil</i>
André Tanus Cesário de Souza <i>Faculdade Anhanguera, Brasil</i>	Cláudia Samuel Kessler <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Andressa Antunes <i>Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil</i>	Cristiana Barcelos da Silva <i>Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil</i>
Andressa Wiebusch <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Cristiane Silva Fontes <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>
Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Daniela Susana Segre Guertzenstein <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Angela Maria Farah <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Daniele Cristine Rodrigues <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Anísio Batista Pereira <i>Universidade do Estado do Amapá, Brasil</i>	Dayse Centurion da Silva <i>Universidade Anhanguera, Brasil</i>
Antonio Edson Alves da Silva <i>Universidade Estadual do Ceará, Brasil</i>	Dayse Sampaio Lopes Borges <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil</i>	Deilson do Carmo Trindade <i>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil</i>
Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil</i>	Diego Pizarro <i>Instituto Federal de Brasília, Brasil</i>
Ary Albuquerque Cavalcanti Junior <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Dorama de Miranda Carvalho <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior <i>Universidade Federal da Bahia, Brasil</i>	Edilson de Araújo dos Santos <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Edson da Silva <i>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil</i>

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Estevão Schultz Campos

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fauston Negreiros

Universidade de Brasília, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Flávia Fernanda Santos Silva

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Gabriela Moysés Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlerth Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geuciane Felipe Guerim Fernandes

Universidade Federal do Pará, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Joao Adalberto Campato Junior

Universidade Brasil, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jonathan Machado Domingues

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Juliano Milton Kruger

Instituto Federal do Amazonas, Brasil

Juliano Pizzano Ayoub

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Julierme Sebastião Moraes Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lauro Sérgio Machado Pereira

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

Leonardo Freire Marino

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Letícia Cristina Alcântara Rodrigues

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Luiz Eduardo Neves dos Santos

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Maikel Pons Giralt

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Manoel Augusto Polastrelli Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Márcia Alves da Silva

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva

Instituto Federal do Piauí, Brasil

Marines Rute de Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Maurício José de Souza Neto

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai

Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neide Araujo Castilho Teno

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

Neli Maria Mengalli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging

Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro

Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Rainei Rodrigues Jadejiski

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Raul Inácio Busarello

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt

Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano

Universidade Federal de Ubertândia, Brasil

Robson Teles Gomes

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos

Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho

Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama

Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tatiana da Costa Jansen

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Tayson Ribeiro Teles

Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Vanessa de Sales Marruche

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues

Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

Vania Ribas Ulbricht

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Vinicius da Silva Freitas

Centro Universitário Vale do Cricaré, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Wenis Vargas de Carvalho
Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alcidinei Dias Alves
Logos University International, Estados Unidos

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Artur Pires de Camargos Júnior
Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo B. Alves
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Davi Fernandes Costa
Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Brasil

Denilson Marques dos Santos
Universidade do Estado do Pará, Brasil

Domingos Aparecido dos Reis
Must University, Estados Unidos

Edson Vieira da Silva de Camargos
Logos University International, Estados Unidos

Edwins de Moura Ramires
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Elisiane Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jonas Lacchini
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Nívea Consuêlo Carvalho dos Santos
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Rayner do Nascimento Souza
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Sidney Pereira Da Silva
Stockholm University, Suécia

Suêlen Rodrigues de Freitas Costa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Walmir Fernandes Pereira
Miami University of Science and Technology, Estados Unidos

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Ângela Castelo Branco

Agradecimentos14

Dorotéia Kerr

Prefácio 16

Apresentação19

Introdução22

CAPÍTULO 1

Estudo I..... 37

1.1 Instrumentos e categorias
relevantes para o EON
(Esquema de Observação Niéri) 44

1.1.1 A Escala de Bem-estar do bebê..... 44

1.1.2 O Sistema de Observação
Elaborado por Mão..... 48

1.1.3 Categorias de Movimentos 51

1.1.4 Categorias Afeto e Intersubjetividade 55

1.1.5 Categoria Voz e Gesto:
a Musicalidade comunicativa relacionada
ao afeto e aos eventos intersubjetivos..... 58

1.2 O Esquema de Observação Niéri
(EON) como instrumento de Avaliação
do Envolvimento do bebê com o Miniaturas 59

1.3 Reflexões finais sobre o Estudo I 66

SUMÁRIO

CAPÍTULO 2

Estudo II:

o Projeto *Miniaturas Musicais*68

2.1 Intervenções77

2.1.1 Intervenção 1.....77

2.1.2 Intervenção 2..... 78

2.1.3 Intervenção 3..... 79

2.1.4 Intervenção 4.....82

2.1.5 Intervenção 5.....84

2.1.6 Intervenção 6.....86

2.1.7 Intervenção 7.....87

2.1.8 Intervenção 8.....88

2.1.9 Intervenção 9.....89

2.1.10 Intervenção 10 91

2.1.11 Intervenção 11.....93

2.1.12 Intervenção 12.....94

2.1.13 Intervenção 1395

2.1.14 Intervenção 14.....98

2.1.15 Intervenção 15.....99

2.2 O Grupo de Estudos
do *Miniaturas Musicais*..... 102

2.3 A Performance do *Miniaturas*
na creche 105

2.4 Dos Episódios Seleccionados
para análise com o EON 106

SUMÁRIO

SUMÁRIO

2.4.1 Episódio 1: Descrição e Análise com EON107

2.4.2 Episódio 2: Descrição e Análise com EON 110

2.4.3 Episódio 3: Descrição e Análise com EON 115

2.4.4 Episódio 4: Descrição e Análise com EON..... 122

2.4.5 Episódio 5: Descrição e Análise com EON 135

2.4.6 Episódio 6: Descrição e Análise com EON 139

2.4.7 Episódio 7: Descrição e Análise com EON..... 145

2.4.8 Episódio 8: Descrição e Análise com EON 149

2.4.9 Episódio 9: Descrição e Análise com EON 156

2.4.10 Episódio 10: Descrição e Análise com EON..... 161

2.4.11 Episódio 11: Descrição e Análise com EON 165

2.4.12 Episódio 12: Descrição e Análise com EON 168

2.4.13 Episódio 13: Descrição e Análise com EON..... 171

2.4.14 Episódio 14: Descrição e Análise com EON 174

2.4.15 Episódio 15: Descrição e Análise com EON 179

2.4.16 Episódio 16: Descrição e Análise com EON 182

2.5 Análises das Observações do EON:
uma perspectiva das ações musicais dos bebês em
relação a cada eixo musical..... 185

2.5.1 Categorias de Envolvimento:
Análises de cada Eixo, considerando-se
todos os bebês-participantes..... 186

2.5.1.1 Paisagem Sonora186

2.5.1.2 Estrutura Sonora..... 187

2.5.1.3 Exploração Sonora.....189

2.5.1.4 Vocalizações e Cantos189

2.5.1.5 Criação de Jogos Sonoros.....191

2.5.1.6 Escuta Ativa de Música Contemporânea.....192

2.5.1.7 Categorias de Não-Envolvimento:
Análises de cada Eixo, considerando-se
todos os bebês-participantes192

Resultados Principais 195

Referências Bibliográficas..... 198

Índice remissivo..... 209

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Aos meus pais, Luzia e Djalma.

Ao meu amor, Marco Aurélio.

À minha fihota, Lorena.

Com todo amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

*Àqueles que, direta ou indiretamente,
colaboraram com o desenvolvimento
e construção deste livro, os meus
sinceros agradecimentos...*

A Deus, fiel e verdadeiro amigo.

À minha supervisora, Profa. Dra. Tizuko Morchida Kishimoto,
luz e inspiração.

À querida professora Dorotéia Kerr, pela amizade e por
acreditar em mim.

Às riquezas da minha vida, meus pais, Djalma e Luzia.

Ao meu esposo, Marco Aurélio e à minha preciosa filha,
Lorena, pelo apoio e incentivo incondicionais.

Aos bebês do CEI que tanto me ensinaram.

À minha família, amigo(a)s e aluno(a)s.

Quem escuta

Quem escuta não depende apenas de bons ouvidos.

Há quem escute pelos pés, há quem escute pelas pontas dos dedos, há quem escute pelo estômago, pela paisagem. Pelo focinho gelado e úmido de um animal. Pelos olhos de alguém.

Quem escuta precisa desconfiar de sua posição única no discurso, precisa saber trocar de papel, cambalear. Tomar parte da escuta sabendo que é apenas uma parte. Precisa saber jogar. Precisa saber que aquele que escuta é também escutado.

Quem escuta, prescruta. Quem escuta, cutuca. Enraiza. Quem escuta, cria. Vê a luz do que escutou. Adentra uma língua outra.

Quem escuta, escuta com toda a pele, mãe dos sentidos. Posso localizar em alguma parte do corpo meu melhor jeito de escutar, mas não posso escutar sem minha pele.

Diz-me por onde você escuta que eu te direi quem és. [...]

Escutar precisa da voz, não apenas do outro, dos objetos, mas da nossa própria voz, do nosso próprio som. Requer o tônus do órgão da percepção, afiado na alegria dos encontros.

Escuta-caverna, ouvido-labirinto incrustado no crânio, entra-nha do estranho, canal de abertura ininterrupta em cada lado da cabeça. Eu te escuto porque não tenho como prever o que vou escutar. Eu te escuto porque não consigo saber quando vou ressoar.

Ângela Castelo Branco

PREFÁCIO

Em algum momento de sua vida, de suas atividades, o leitor/a imaginou ouvir falar de Educação Musical para recém-nascidos? Já pensou que bebês recém-nascidos “cantam”? Que podem ter “aula” de Educação Musical?

Em geral, mães podem perceber ou “ver”, nos primeiros balbucios, um sinal de que o bebê está cantando, principalmente se ela canta costumeiramente com ele. “Olha, ele está me imitando” é a conclusão orgulhosa com a precocidade do bebê.

Certamente, há imitação. A mãe, ou cuidadora atenta, canta, brinca, faz gestos que o bebê nunca viu antes, e ele parece querer imitar.

Acontece no lar, no momento de (ou do) aconchego entre mãe e bebê, e só ela, a mãe, na maioria das vezes, parece perceber. Assim, o primeiro modelo é a mãe ou a cuidadora, e todo mundo reconhece que é um gesto intuitivo esse de imitar.

No texto que temos em mãos, a autora Débora Niéri quer mostrar que se pode levar essas primeiras tentativas ou ensaios para fora da relação mãe/bebê, incorporando-as aos elementos da educação formal que se aprende na escola ou em qualquer situação de ensino, nas muitas e diferentes disciplinas que a criança irá conhecer durante sua vida escolar. O bebê está ali com seus primeiros modelos, em uma situação de aprendizagem para a qual, às vezes, não prestamos muita atenção.

A autora deste livro soube aproveitar muito bem a abordagem científica, que a escola e a universidade lhe proporcionaram, e mistura-la com as experiências cotidianas, oriundas do fazer, agir, pensar coletivamente, em situações mais banais. Mostra que os

bebês sabem mais do que supõe o adulto, e mesmo pais e mães delirantes, que já veem no filho um futuro Einstein, incorporam essa riqueza como vinda da oportunidade, do relacionamento e do afeto, que é algo que não se pode desperdiçar. E, também, aprendem a registrar as reações que quase sempre são surpreendentes por parte dos bebês. Aquilo que as mães sabem por instinto, pelo estreito convívio com o bebê, pode, assim, ser observado por mais pessoas de um modo mais acurado, aproveitando melhor a abordagem científica que a escola deve propor.

Este livro é, sem dúvida, para o profissional, para o mestre, para alertá-lo que muito mais acontece quando ele fala e interage com o bebê. Desse convívio, com um olhar mais alerta, pode-se extrair muitos outros momentos muito mais ricos, desde que o educador tenha um olhar mais atento e uma sensibilidade mais presente. As mães já sabem disso, mas vamos colocar também na escola ou nos locais mais profissionais que o lar, com mais clareza e com visão científica que é o modo profissional de ser no desempenho do trabalho educacional. Só por esse propósito vale a pena ler este livro, professores, cuidadores, pais.

A Educação Musical precisa ser proporcionada com mais qualidade nas escolas e nas instituições que lidam com a criança da idade regulamentar, mas não pode desperdiçar essa oportunidade única que a observação e atuação com os de mais tenra idade podem proporcionar. Só por ter em mente esse propósito esse livro vale a pena de ser lido por todos, cuidadores e familiares. Para a escola, onde cada vez mais os pequeninos são enviados, colocados desde muito cedo, abre-se uma oportunidade única de ser um lugar de instrução, mas também de crescimento.

O texto é agradável, bem escrito, fácil de ler e muito informativo. A autora busca dados novos, cria bases, levanta exemplos para suas informações e análises. As soluções aventadas são ricas, como, por exemplo, para introdução à música concreta, gravar sons

SUMÁRIO

de conversas de adultos no convívio da escola, ou como retrabalhar sons existentes que ocorrem no cotidiano da mesma para aliviar o cansaço. Esclarece sobre os muitos tipos de música. O leitor ficará, também, mais alerta às reações sonoras ou não, a registrar comportamentos, e até mesmo com vontade de criar novas situações.

A escola pode e deve inovar sempre. Quando professora no sistema de ensino público municipal de São Paulo, muitos anos atrás, atuei como Assistente Musical no primeiro grau, no primário como dizíamos, em duas escolas da periferia. Por alguns anos, só atuei na área de música, e vi esse trabalho florescer em todo o sistema municipal, por empenho de uma administração criativa, e tornar-se um elemento agregador da criança na escola. O período escolar era de quatro horas, mas algumas crianças passavam o dia todo comigo, mesmo no período em que não tinham aula, dando um certo alívio para os pais, que podiam saber onde se encontrava o filho. Até Escola de Samba surgiu, um sucesso que dava espaço para os mais velhos manejarem instrumentos de percussão de verdade, um palco para as meninas que gostavam de cantar e dançar, e um motivo para a admiração dos menores que ansiavam para chegar a vez deles de desfilar nessa combinação de todos.

Vale a pena ler com atenção, aproveitar os exemplos que a autora coloca com muita propriedade, e valorizar a escola, qualquer que seja o grau, como uma fonte permanente, rica e aberta para o crescimento de todos. Do menor até o professor, o qual também merece atenção.

Dorotéia Kerr

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Foi na "mansão cor-de-rosa" da Avenida Nazaré, ou IA, como chamávamos carinhosamente o Instituto de Artes da UNESP, que construí as bases que hoje dão sustentação aos princípios musicais que percorrem e iluminam as páginas deste livro.

Ali encontrei mestres que, mais do que orientar minha trajetória acadêmica, me inspiraram profundamente. Entre eles, destaco Maria de Lourdes Sekeff (*in memoriam*), Marisa Fonterrada e Dorotéia Kerr.

Sekeff coordenava o Projeto *Ritmo e Som*, baseado na performance de composições contemporâneas e na criação de obras por alunos e professores do Instituto. Esses encontros ampliaram minhas referências sonoras e musicais, rompendo com os limites tonais da formação conservatorial que até então me moldava. Marisa, por sua vez, abriu caminhos para a educação musical ao promover encontros com educadores como Murray Schafer, Lydia Hortélio e Josette Feres (*in memoriam*). Foi ela quem me incentivou a buscar cursos com educadoras como Enny Parejo, Teca de Alencar Brito, Elvira Drummond e Carmen Mettig Rocha, além das oficinas de Rítmica de Dalcroze com o professor Iramar Rodrigues. Também me apresentou à chamada "segunda geração" de educadores musicais – Schafer, Paynter, Porena – e à improvisação livre de Chefa Alonso, concepções hoje conhecidas como *abordagens criativas em música*, que se tornaram a base do meu trabalho. Com Dorotéia, aprendi a fazer uma boa revisão da literatura e a estudar, de fato, metodologia da pesquisa, características que me foram essenciais para a elaboração do esquema de observação dos bebês que apresento neste livro.

Não poderia deixar de registrar a importância da professora Teca de Alencar Brito, com quem, na Oficina Teca de Música, aprendi

sobre jogo, improvisação e criação sonoro-musical das crianças. Graças a ela conheci François Delalande, cuja investigação sobre as condutas sonoras infantis marcou profundamente minha trajetória, e se tornou um dos principais alicerces das minhas pesquisas.

Dessa forma, criação, música contemporânea, gestos sonoros, corpo em movimento, coletividade, paisagem sonora, estruturas sonoras, improvisação livre, jogos e escuta, frutos dessa formação, constituem a essência do trabalho que desenvolvo enquanto educadora musical.

Levei essa formação para a creche. Foram sete anos de trabalho intenso com bebês, anos de aprendizagens e desconstruções. Descobri que os bebês sabiam muito mais do que eu supunha, e que ensinavam a todo instante. Não me bastava cantar canções para eles – embora não visse nisso nenhum problema. Mas queria ir além. Queria vivenciar com os bebês os conhecimentos que tanto me encantaram durante a minha formação.

E assim comecei a experimentar. Inspirada pela música concreta, gravei e “recortei” vozes de porteiros, copeiras, inspetoras que conversavam com os bebês no cotidiano, das professoras e dos próprios bebês. Passei a gravar esses sons, recortá-los e fazê-los soar pelos alto-falantes em momentos aleatórios da rotina dos bebês. Convidei as professoras do berçário a registrar as reações durante as escutas. E então vieram as surpresas: o corpo que se imobilizava de repente, a pausa em silêncio, os sorrisos, os dedinhos apontando para os alto-falantes — sinais claros de que eu estava no caminho certo. Passei a gravar trechos de vozes seguidas de trechos da paisagem sonora da creche; vozes com sons de talheres do almoço em *looping*; paisagem sonora com sons da água do banho dos bebês entre outras. Fizemos várias experiências sonoras com as vocalizações, lalações e balbucios dos bebês, inspiradas no movimento Dadaísta, que chamei de “BlaBlando”, uma mistura de canto e fala, com tosses, espirros, choros, risadas

SUMÁRIO

e baba. Tudo isso servia como material para propostas em encontros com os pequenos.

Reservamos uma pequena sala somente para imersão sonora, onde construíamos instalações sonoras temáticas, ora com papéis, ora com tubos de PVC, ora com bolinhas e bacias de diferentes materiais.

Montamos um parque sonoro com objetos do cotidiano, fizemos estudo sonoro do meio, escutando a paisagem sonora ao redor da creche e compondo várias “pecinhas” a partir de folhas e gravetos recolhidos pelos próprios bebês.

Cada experiência ampliava ainda mais meu conceito de música e de educação musical.

Como coroamento de minhas experiências, tive um feliz encontro com a querida professora Tizuko Morchida Kishimoto, da FEUSP, que me fez acreditar no valor do caminho que eu trilhava: criar contextos sonoros potentes para os bebês. Com ela, aprendi a força do jogo, do brincar e da qualidade na Educação Infantil, mas foi sua generosidade e humildade que, mais do que ensinar, me inspiraram profundamente.

Este livro narra uma pesquisa que, antes de se constituir como tal, foi experiência vivida junto aos bebês. Ele nasce trazendo em seu bojo a cotidianidade, feita de encontros, escutas e descobertas compartilhadas. Mais do que um registro, trata-se da busca por uma epistemologia musical *dos* e *com* bebês que, articulada à interculturalidade do fazer musical, alinhe potência e saberes dos pequenos à multiplicidade de sons e infâncias que coexistem nos nossos contextos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Concepções sobre desenvolvimento humano e educação não são apenas historicamente conectadas com o contexto de cada época como repercutem os conhecimentos científicos sobre as possibilidades de formação do ser humano em todas suas fases.

A partir das últimas décadas do século XX, os estudos sobre bebês ganharam impulso tanto na psicologia (MOURA, 2004), reconhecendo que, ao nascer, eles já sabem muito mais do que se imaginava, quanto na sociologia da infância (SMITH & TAYLOR, 2010), que considera o bebê como sujeito protagonista, colaborador e produtor de cultura.

A pesquisa na área do desenvolvimento cognitivo de bebês sustenta que a comunicação e a imitação constituem predisposições inatas (TREVARTHEN & MALLOCH, 2007). Uma das primeiras evidências dessa capacidade é a ocorrência de protoconversas: diálogos não verbais e expressivos que os bebês estabelecem com seus cuidadores. Nessas trocas, que representam as manifestações protomusicais iniciais, a expressão dos bebês se dá por meio de movimentos controlados temporalmente, ao que Trevarthen (1999/2000; 2004) denominou de “musicalidade de condutas”.

Com base nessas evidências, Stephen Malloch elaborou o conceito de “musicalidade comunicativa”, definida como “uma habilidade inata e universal que se ativa ao nascimento, vital para a comunicação entre as pessoas, que se caracteriza pela capacidade de se combinar o ritmo com o gesto, seja ele motor ou sonoro” (MALLOCK, 1999/2000, p. 29, 52, tradução nossa). Esse conceito dialoga diretamente com outras descobertas da área, como a capacidade dos bebês, já em tenra idade, de realizarem

uma transposição intersensorial, integrando, por exemplo, informações táteis e visuais (mão-visão) ou auditivas e visuais (som-visão) (MELTZOFF; BORTON, 1979).

As competências musicais inatas do bebê se desenvolvem não apenas do ponto de vista cognitivo, pela psicologia, mas também do ponto de vista cultural, defendido pela sociologia. De acordo com este último enfoque, o desenvolvimento está intrinsecamente ligado aos significados que o sujeito constrói por meio da ação e da simbolização (BRUNER, 1997, p. 40) em sua interação com o meio sociocultural. Isso porque a mente do bebê do século XXI é garantida por sistemas de ação complexos, altamente organizados, flexíveis e em contínuo desenvolvimento, que entrecruzam os planos biológicos e culturais antes mesmo do nascimento (OLIVA, 2004, p. 96-97). Afinal, os bebês "eram muito mais espertos, mais proativos cognitivamente do que reativos, mais atentos ao mundo social imediato a sua volta do que se suspeitava anteriormente" (BRUNER, 1996, p. 72, tradução nossa).

Os estudos da sociologia da infância possibilitaram também o delineamento da concepção da criança como sujeito de direitos.

No Brasil, essa concepção vem sendo delineada na legislação educacional desde a promulgação da Convenção sobre os Direitos da Criança, promulgada em 1990¹, cujas concepções se alinham à Constituição de 1988, passando pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.9394, de 1996², nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2009³), e, mais recentemente, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada

1 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d99710.htm. Acesso em: 15 ago. 2016.

2 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: ?.

3 Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=3749-resolucao-dcnei-dez-2009&category_slug=fevereiro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 maio 2016.

em 2017. Esses documentos estabelecem princípios fundamentais para a Educação Infantil, que é concebida como um direito da criança e um dever do Estado, ancorada na indissociabilidade dos eixos educar e cuidar, na centralidade do brincar como prática pedagógica e na consideração da criança como sujeito ativo, produtor de cultura, saberes e conhecimentos.

Outros documentos contribuíram significativamente para a consolidação dos direitos das crianças na Educação Infantil, como os *Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil* (BRASIL, 2006) e a *Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de 0 a 6 anos à educação* (BRASIL, 2006). Esses documentos orientaram a organização das instituições e qualificaram os processos pedagógicos, trazendo temas como o direito ao brincar, à inclusão, à escuta, à participação e à articulação com os sistemas de ensino. Tais princípios foram posteriormente consolidados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) e reafirmados na Base Nacional Comum Curricular (2017), que reconhece a criança como sujeito histórico, social, de direitos, protagonista e produtor de cultura.

Paralelamente às discussões sobre a ampliação da Educação Infantil, a legislação brasileira foi fortalecida pela Lei n. 12.796/2013⁴, que tornou obrigatória a matrícula de crianças a partir dos quatro anos, e pelo Plano Nacional de Educação (BRASIL, PNE- Lei n. 13.005/2014)⁵, que estabeleceu metas para a universalização da pré-escola e a ampliação da oferta de creches. Soma-se a isso a BNCC (2017), que orienta a elaboração dos currículos em todo o país, incluindo a Educação Infantil, reafirmando os princípios de direitos de aprendizagem, das interações e das brincadeiras. Apesar desses avanços normativos, persistem desafios significativos para que tais

4 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm. Acesso em: 15 maio 2016.

5 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 15 maio 2016.

diretrizes se concretizem na realidade das instituições, especialmente no que diz respeito à ampliação do acesso, à qualidade das práticas pedagógicas e à valorização dos profissionais da Educação Infantil (TRENTINI, 2016, p. 52).

Com a música não é diferente. No contexto da Educação Infantil, ela ganha destaque pela primeira vez em um documento oficial em 1998, no *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)*, no qual é reconhecida como uma das linguagens que possibilita o estabelecimento de relação com os objetos do conhecimento por parte da criança (v. 3). Tornou-se conteúdo obrigatório no contexto da educação básica, e, portanto, também no da Educação Infantil, com a promulgação da Lei 11.769 de 2008⁶.

Apesar da promulgação da Lei nº 11.769/2008, que tornou obrigatória a presença da música na Educação Básica, a regulamentação desse dispositivo só foi formalizada anos depois, com o Parecer CNE/CEB nº 12/2013 e sua homologação pela Resolução CNE/CEB nº 2/2016, que estabelecem as Diretrizes Nacionais para a operacionalização do ensino de música na Educação Básica. Por um lado, a legislação que institui a obrigatoriedade do ensino de música é recente (2016), e a que instituiu o caráter de obrigatoriedade do conteúdo de música na educação básica (2008) era ambígua, e gerou diferentes leituras e interpretações por parte das escolas. No caso da Educação Infantil, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) tratava a música como linguagem, mas sem caráter de obrigatoriedade formal, delegando seu desenvolvimento ao professor polivalente, que, em geral, possuía (possui) pouca ou nenhuma formação específica em música. Assim, mesmo com os avanços legais, na prática, e principalmente no que concerne à educação musical de crianças pequenas, pouca coisa tem mudado até o momento.

SUMÁRIO

A maioria dos cursos de pedagogia na cidade de São Paulo não oferece formação pedagógica musical básica aos futuros professores dos Centros de Educação Infantil, como atesta Henriques (2011). Estudos indicam que a formação musical nos cursos de Pedagogia é frequentemente insuficiente ou inexistente, o que provavelmente limita a capacidade dos futuros professores de integrar a música de forma eficaz em suas práticas pedagógicas (Henriques (2011); Carvalho e Ramalho (2020); Natera e Mateiro (2021); Furquin (2009). Outrossim, não há no Brasil, no âmbito da Educação Infantil, concursos públicos para licenciados em Música. Conforme Henriques (2011) e Furquim e Bellochio (2010), o egresso desse curso, atua, na maioria dos casos, na Educação Infantil da rede particular de ensino, onde há maior flexibilidade para contratação por projetos ou regimes celetistas, o que leva à outra reflexão - a do *Direito* da criança à qualidade do ensino musical na educação pública.

O pedagogo, a partir da LDB vigente (1996), pode ministrar aulas de música? Pode ele ser o responsável por esse saber? Sim. Na educação infantil, no 1º Segmento do Ensino Fundamental e na modalidade da educação de jovens e adultos. O pedagogo, legalmente apto a exercer aulas de música, possui formação acadêmica necessária para tal fim a partir dos dados coletados nesse trabalho? Provavelmente não. (CARVALHO & RAMALHO, 2020, p. 86).

A expectativa de abertura de concursos aumentou com a Resolução CNE/CEB n. 2 de 2016, pois, pela primeira vez, apareceram referências à possibilidade de contratação de licenciados em Música por meio de concursos específicos (Artigo I, &2 VII). Verifica-se também, na Resolução, a intenção de se incluir, nos currículos dos cursos de Pedagogia, o ensino de Música, especialmente para a atuação na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental (Resolução n. 2, 2016, Artigo 1, &3, III); além disso, prevê a ampliação da oferta de cursos de Licenciatura em Música em âmbito nacional (Art. 1º, § 3º, inciso I) e a realização de programas

de formação continuada, tanto para pedagogos quanto para professores de música em exercício.

No entanto, as evidências da efetiva implementação dos pontos centrais previstos na Resolução CNE/CEB nº 2/2016 para o campo da música ainda são incipientes. Estudos como os de Carvalho e Ramalho (2020), Natera e Mateiro (2021), Nogueira (2012); Penna (2002, 2003, 2004a) e Aquino (2016), entre outros, destacam que a maioria dos municípios brasileiros continua não oferecendo concursos públicos exclusivos para professores de música na Educação Infantil, mantendo a atribuição dessa prática a pedagogos polivalentes, muitas vezes sem formação musical adequada. Sandra Mara da Cunha (2019) destaca que a formação musical dos professores da rede pública de ensino ainda se apresenta de forma incipiente, persistindo a ausência de políticas educacionais consistentes voltadas à formação continuada em música, área preterida, principalmente, pelas artes visuais (p. 26). Gomes e Carvalho (2025) também ressaltam, com base em uma revisão da literatura, que a ausência de fiscalização e de recursos destinados à formação continuada ou à criação de cargos específicos perpetuou a invisibilidade do especialista de música nas creches públicas. Em relação ao oferecimento da disciplina de música nos cursos de Pedagogia, Carvalho e Ramalho (2020), após analisarem currículos de 95 universidades públicas brasileiras e 224 cursos de pedagogia, afirmam que “apenas 11% das universidades públicas do país apresentam pelo menos uma disciplina de música, não polivalente, em suas grades curriculares” (p. 89-90). Dessa forma, e considerando-se a extensão territorial do Brasil e sua complexa realidade sociopolítica e educacional, é possível afirmar que a operacionalização do ensino de música nas escolas continua sendo um desafio. Sob o ponto de vista da BNCC (2017), a música na Educação Infantil (p. 44-81) é compreendida como linguagem, e encontra-se agrupada às demais (verbal, corporal, visual), podendo estar presente em algum dos campos de experiências a saber: «o eu, o outro e o nós; corpo, gesto e movimento; escuta, fala, pensamento e imaginação; traços,

SUMÁRIO

sons, cores e imagens; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações» (p. 64-81). Os campos de experiências baseiam-se nos Direitos de 'conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se' (BNCC, p. 61) das crianças e no desenvolvimento das crianças pequenas, o que evidencia pressupostos voltados à oferta de experiências e não às especificidades das linguagens.

No contexto específico das creches, um estado da arte sobre a pesquisa brasileira em educação musical infantil, no período entre 1996 e 2012, desenvolvido por Niéri (2014), evidenciou que a educação musical de bebês (0 aos 3 anos) estava se constituindo, aos poucos, objeto de estudo de pesquisadores. Na ocasião, das setenta e três (73) amostras que tratavam de música na Educação Infantil brasileira, onze se referiam ao estudo das relações entre a música e o bebê (NIÉRI, 2014, p. 67); no entanto, o número dedicado às pesquisas, no contexto das creches públicas, era ainda mais incipiente – apenas quatro (4) do total das onze (11) se dedicam a observar a educação musical de bebês em creches. Em revisão posterior, através de Niéri (2018) constatou-se um resultado de 26 produções acadêmicas com temáticas envolvendo música e bebês, sendo que algumas tratam da música na creche, como as de Marinho (1997), Bourscheid (2014), Pires (2006), Soares (2007); e outras, especificamente, da formação musical de educadores de bebês em creches, tais como as de Correa (2013), Tormin (2014), Mariano (2015), Cunha (2014) e Darezzo (2004)⁷. Em 2019, Vilarinho e Ruas publicaram uma revisão com recorte temporal entre os anos de 2000 e 2019, identificando um total de 18 produções acadêmicas sobre a temática (p. 359-360). Entre elas, destacam-se os trabalhos de Amorim (2017), Martinez (2017), Melo (2017), Pecker (2017) e Silva (2018), os quais não estavam presentes na revisão anterior realizada por Niéri (2018), o que resulta em um montante de 31 produções acadêmicas brasileiras entre 1996 e 2019 (Nieri, 2018; Vilarinho e Ruas, 2019). Em 2025,

7

As Referências Bibliográficas das produções acadêmicas indicadas neste parágrafo constam do Quadro das Amostras na página 44 deste livro.

foi realizada mais uma revisão de escopo de 2019 a 2025 por Nieri (2025)⁸, encontrando-se mais sete (7) produções, contabilizando, portanto, trinta e oito (38) produções acadêmicas que tratam da educação musical de bebês no Brasil.

Observa-se, portanto, um crescimento gradual no número de pesquisas dedicadas à temática da educação musical de bebês, o que evidencia o crescente interesse de pesquisadores da área, e contribui para a consolidação desse campo como objeto específico de estudo no âmbito da educação musical.

Internacionalmente, as pesquisas sobre ensino e aprendizagem de música na primeiríssima infância ganharam expressivo impulso, especialmente nas últimas décadas do século XX e nas primeiras do século XXI. As investigações se organizam em dois grandes eixos: o biológico-neurocientífico e o sociocultural. No primeiro, destacam-se os trabalhos pioneiros de Isabelle Peretz e Robert Zatorre (2003), da Universidade de Montreal, e de Sandra Trehub (2003), da Universidade de Toronto, que investigam os fundamentos neurobiológicos da musicalidade humana desde os primeiros anos de vida. No segundo eixo, centrado na narratividade, na significação e na interação, sobressaem-se os estudos de Colwyn Trevarthen (2000; 2002; 2004), que compreendem a experiência musical como uma temporalidade estruturada cultural, social e afetivamente, desde os primeiros meses de vida. Nesse campo, também se destacam as contribuições de Hanus Papousek (1996), sobre as origens biológicas e culturais da musicalidade, e de Mechthild Papousek (1996), que analisa as interações sonoro-musicais nas relações entre cuidadores e bebês. Por fim, as pesquisas de Irene Deliège, da Universidade de Liège, e de John Sloboda, da Universidade de Keele, aprofundam a compreensão das origens e do desenvolvimento das competências musicais na infância.

SUMÁRIO

Na Europa, alguns países se destacam como precursores no delineamento do campo da educação musical para crianças pequenas, especialmente a partir dos trabalhos de François Delalande (1993; 2009), que investiga as condutas musicais infantis. Internacionalmente, destaca-se também o pesquisador norte-americano Edwin Gordon (1997; 2000), criador da Music Learning Theory, que tem forte influência tanto na América quanto na Europa, especialmente no trabalho com bebês e crianças pequenas. No início do século XXI, esse campo foi impulsionado por comissões, grupos de pesquisa e laboratórios internacionais, como a *Early Childhood Music Education Commission (ECME)*, da *International Society for Music Education (ISME)*, e o projeto *Music One-to-One*, coordenado por Susan Young, além de eventos importantes, como o *Congresso de Neurociências e Música*, organizado pela Fundação Pierfranco e Luisa Mariani, na cidade de Veneza, em 2002, a Conferência Bienal da ECMEC, realizada em Taiwan, em 2006, e a 9ª *International Conference on Music Perception and Cognition*, realizada em Bologna, na Itália, em 2006. Na Itália, destacam-se as pesquisas da Profa. Dra. Anna Rita Adessi, da Faculdade de Ciências da Formação da Universidade de Bologna acerca das experiências músico-sonoras na primeira infância e no contexto da formação do professor da Educação Infantil. Em Portugal, Helena Rodrigues, professora de Música na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em Portugal, coordena o Laboratório de Música e Comunicação para a Infância (LAMCI), do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM). Criado em 2009, o LANCIM caracteriza-se como um espaço que enfatiza a investigação e o estudo interdisciplinar sobre música e bebês. Esses autores, portanto, constituem os marcos fundadores das pesquisas sobre musicalidade na primeira infância no contexto internacional.

No Brasil, a educação musical de bebês se desenvolveu a partir da década de 1950, em âmbito particular, com a pioneira Walkyria Passos Claro, seguida de Josette Feres em finais da década de 1980.

SUMÁRIO

O campo também encontrou adesão em algumas instituições, principalmente em projetos de extensão universitários. O projeto “Música para Bebês”, idealizado e coordenado por Esther Beyer na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), iniciado em 1999⁹, é considerado o primeiro projeto de extensão universitária, no Brasil, voltado especificamente à educação musical de bebês entre 0 e 2 anos, seguido pelos “Musicalização Infantil” da UFPR, em 2003¹⁰, com coordenação de Beatriz Ilari e da UFSCAR em 2005¹¹, liderado por Ilza Zenker Joly. Isso porque o Projeto de Musicalização Infantil da Universidade Federal da Bahia (UFBA), criado na década de 1960, teve como foco inicial o atendimento de crianças de 5 e 6 anos, sendo ampliado para a faixa etária de 0 a 6 anos apenas a partir de 2006¹². Outros se seguiram, tais como o Musicalização Infantil da Universidade de Brasília, coordenado por Ricardo Freire; Música para bebês, da Universidade Estadual de Maringá (Micheline Gois); Musicalização Infantil da Paraíba (Caroline Pacheco); e o Projeto “Primeira Nota”, da Universidade Estadual de Campinas (Rafael Keidi Kashima). Dentre os mais recentes, estão o “Musicalização de bebês: infância sonora”, da Universidade Federal do Piauí, sob coordenação da Professora Dra. Camila Ropke; Musicalização Infantil, coordenado pela Profa. Dra. Regiana Blank Wille, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); e o da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), sob a coordenação de Ziliane Teixeira. Alguns desses projetos foram

9 Informação obtida no site da UFRGS. BEYER, Esther Sulzbacher. Resumo do Projeto Música para bebês como ação de extensão do Departamento de Música da UFRGS, com início em 1999/1. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/203548?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 16 jun. 2025.

10 Informação obtida no site da Universidade Federal do Paraná. Disponível em: https://ufpr.br/cd-do-projeto-de-musicalizacao-infantil-da-ufpr-ja-esta-pronto/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 16 jun. 2025.

11 Informação obtida em site. Disponível em: https://www.saocarlosagora.com.br/entretenimento/projeto-musica-em-familia-da-ufscar-esta-com-inscricoes-abertas/84366/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 16 jun. 2025.

12 Informação obtida no site da UFBA. Disponível em: <https://sites.google.com/site/criancasnaufba/o-projeto?authuser=0>. Acesso em 16 jun. 2025.

descontinuados, como o caso do projeto da UnB; outros, acabaram por focar no atendimento de crianças a partir dos 5 anos, como o caso do 'Ensinos de Músicas Nas Infâncias', da UFPA.

Esse panorama evidencia que a educação musical de bebês tem despertado o interesse de pesquisadores em diferentes instituições de ensino superior no Brasil, delineando-se como um campo de estudos ainda recente, mas em plena expansão e com promissoras perspectivas de desenvolvimento.

No que concerne às abordagens didático-pedagógicas, o estado da arte (Niéri, 2014; 2018 e Vilarinho e Ruas, 2019) demonstra que, independentemente do contexto, a educação musical de bebês se baseia, principalmente, em canções da cultura das infâncias, na valorização do repertório tonal (erudito, popular e folclórico), no movimento corporal e na exploração sonora (com base em Delalande), com utilização de instrumentos musicais, instrumentos não convencionais, materiais sonoros e brinquedos diversos.

Parte dos estudos aponta a restrição do repertório musical como um problema que deve ser refletido pelo professor de música ou pelo educador do Centro de Educação Infantil, observando a importância e a necessidade de se ampliar o repertório musical desde o berço. Mas, como garantir a qualidade e a diversidade musical em creches?

Abordagens utilizando os princípios estéticos da segunda geração de educadores musicais (Paynter (1972; 1991); Schafer (1991; 2001); Self (1967), Porena (1973)), tais como as empreendidas pelo Prof. Dr. Paulo Maria Rodrigues, da Universidade de Aveiro, em Portugal, no âmbito da Companhia Teatral¹³ e pela escola italiana de educação

13

O Prof. Dr. Paulo Maria Rodrigues desenvolve pesquisas e projetos artísticos juntamente com a Profa. Dra. Helena Rodrigues, no âmbito da Companhia Teatral. O espetáculo ZYG caracteriza-se como uma experiência artística e interativa que cruza música e dança, e que inspira a abordagem elaborada nesta pesquisa. Disponível em: <http://www.musicateatral.com/>. Acesso em: 10 ago. 2016.

sonora (ADESSI, 2005), aqui nomeadas de “abordagens sonoro-musicais criativas”, foram encontradas em algumas poucas produções brasileiras¹⁴, carecendo ainda de pesquisas em torno do tema.

No âmbito da música erudita, verificou-se a utilização da música contemporânea¹⁵ ou música pós-moderna (séculos XX e XXI), estética que corrobora as aspirações dos educadores referenciados, em apenas cinco das trinta e oito produções acadêmicas levantadas. Ademais, em três destes casos, a referida produção musical não configurava o foco da investigação, restringindo-se a poucas citações ao longo do texto.

Acredita-se que essa perspectiva de educação musical voltada aos bebês caracteriza-se como um caminho possível no contexto das creches, pois pode ser desenvolvida pelo educador generalista da Educação Infantil, uma vez que se inspira na escuta, no som, no corpo, no gesto, na relação intersubjetiva (TREVARTHEN, 2000; 2002; 2004) entre bebê e educador. No entanto, por estar alicerçada em uma concepção ampliada de música, que incorpora a música contemporânea, as explorações sonoras, os jogos com ruídos, as interferências do ambiente, a paisagem sonora e as próprias vocalizações, lalações e balbucios dos bebês, essa abordagem ainda requer mais investigações que evidenciem sua adequação ao contexto dos berçários.

A adequabilidade ou não de abordagens sonoro-musicais criativas para bebês pode, provavelmente, ser analisada a partir do envolvimento do bebê. Segundo Ferre Laevers (1994), pesquisador que elaborou a Escala de Envolvimento *Leuven* para Crianças Pequenas, o envolvimento se refere:

14 Em Niéri (2025), Artigo no Prelo.

15 Nesta pesquisa, os termos “música contemporânea” ou “música moderna” dizem respeito às composições musicais, principalmente do século XX, que se pretendem livres do sistema tonal (GRIFFITS, 1987). Essa produção se baseia em outras maneiras de organizar o som, abrangendo técnicas instrumental e vocal inusitadas, privilegiando o timbre, a paisagem sonora, o ruído e a tecnologia.

[...] a uma dimensão da atividade humana. Não se relaciona com comportamentos específicos nem com níveis específicos de desenvolvimento. Tanto o bebê no berço a brincar com o pé como o adulto a tentar formular uma definição ou a resolver um problema estão “envolvidos”. Um dos aspectos principais deste envolvimento é a concentração (LAEVERS, 2008).

O envolvimento é uma medida de qualidade, e seus principais indicadores na criança são a concentração, a energia, a complexidade e criatividade, a expressão e postura, a persistência, e o tempo de reação, pressupondo entrega aos estímulos e uma profunda satisfação e forte fluxo de energia.

Em âmbito nacional, a *Leuven Involvement Scale for Young Children*, desenvolvida por Laevers, foi aplicada por Tormin (2014) na análise de uma formação musical de professores de creche fundamentada na teoria de Gordon (2000). Embora a proposta de Gordon apresente orientações para a avaliação do desenvolvimento musical de bebês, sua ênfase no sistema tonal limita sua adequação ao repertório contemplado nesta pesquisa. Na literatura internacional, são encontradas algumas pesquisas que se caracterizam pelo uso de escalas para analisar o envolvimento, a comunicação infantil e interação entre pares. Entre as escalas, destacam-se a “*Leuven Involvement Scale for Young Children*” de Laevers; a *Warwick-Edinburgh Well-Being Scale* (SWEMWBS); a *Early Communication Indicator*, de Greenwood de Walker, Hughes e Weathers; a *Preschool Language Scale* de Walker et al.; e *Indicator of Parent-childinteraction* (IPCI), de Bagget, Carta e Horn (NIÉRI, 2014, p. 148). No entanto, esses instrumentos foram usados, na maioria dos casos, para analisar o bem-estar e o envolvimento do adulto. Outro instrumento de análise encontrado na revisão da literatura foi baseado na Teoria do Fluxo de Csikszentmihalyi (1990; 1996), elaborado para a observação de adultos em situação de estresse, e adaptado pela equipe de pesquisadores italianos para observar o envolvimento de crianças com um continuador sonoro

SUMÁRIO

(ADDESSI *et al.*, 2006). Contudo, nenhum desses instrumentos parecia dar conta de atender às especificidades das observações que se pretendia realizar neste projeto.

Quais categorias de observação do envolvimento dariam conta de observar o envolvimento do bebê com abordagens sonoro-musicais criativas que se apropriam, inclusive, do repertório da música contemporânea de concerto? Quais categorias evidenciariam a criação e a composição musical dos bebês?

Essas indagações levaram ao primeiro momento da pesquisa, no qual foi realizada uma revisão sistemática dos instrumentos de análise já utilizados no campo da educação musical de bebês. A partir dessa revisão, foram selecionadas e adaptadas categorias que possibilitassem a elaboração de um Protocolo de Observação capaz de aferir o envolvimento dos bebês com propostas musicais não convencionais (Estudo I). O Estudo avançou para um segundo momento, de natureza exploratória, em que o protocolo (Esquema de Observação Niéri) foi aplicado em contexto de creche, durante vivências musicais criativas desenvolvidas com bebês, com o intuito de verificar tanto a adequação da proposta musical quanto a eficácia do instrumento de observação construído (Estudo II). Buscou-se observar tanto a adequabilidade do protocolo de observação, elaborado no Estudo I, quanto a proposta musical criativa para bebês, elaborada pela autora e apresentada no Estudo II.

Duas hipóteses orientaram esse trabalho: a primeira diz respeito à observação do envolvimento do bebê, que, no sentido aqui proposto, contribui para a avaliação da prática pedagógica do professor, bem como os instrumentos de análise que, utilizados com essa finalidade, contribuem para a qualidade da educação musical de bebês; a segunda é a de que bebês demonstram envolvimento, tanto no repertório musical tonal como no atonal, desde que estes lhes sejam apresentados desde cedo.

SUMÁRIO

O estudo intentou uma abertura no campo das análises na educação musical de bebês no Brasil, sugerindo, também, a ampliação do conceito de música que sustenta as práticas e o repertório musical trabalhados com bebês em creches brasileiras. A observação e registro do envolvimento do bebê são relevantes, pois os resultados, além de contribuírem para a avaliação da prática pedagógica do educador musical ou do pedagogo, podem nortear programas de formação de professores, orientando políticas públicas de qualidade para a educação musical de bebês no Brasil.

Esta pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

SUMÁRIO



1

ESTUDO I

O Estudo I consiste em uma revisão sistemática¹⁶ da literatura abrangendo uma delimitação temporal de 1996 a 2017, que tem como objetivo identificar os instrumentos de avaliação e de análise utilizados em pesquisas que tratam da educação musical de bebês (0 a 2 anos) no Brasil para, a partir deles, elaborar um Esquema de Observação do Envolvimento dos bebês com o som.

A coleta do material bibliográfico foi realizada em bancos de dados acadêmicos nacionais, como o Banco de Teses e Dissertações da CAPES, o repositório das Revistas da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e a plataforma SciELO.

Os critérios de inclusão, em relação à coleta da produção acadêmica brasileira, compreendem:

- Considerar apenas teses, dissertações ou artigos publicados entre 1996 e 2017¹⁷;
- Atender aos descritores pré-estabelecidos: educação infantil, educação musical na infância, música para criança, educação musical de bebês, criação musical na infância, música para bebês, musicalização infantil;
- Ser redigida em idioma português e;
- Atender ao requisito da faixa etária das crianças (0 a 2 anos).

Todas as pesquisas que atendem a esses critérios foram classificadas e organizadas em uma matriz de dados, optando-se por manter a identificação dos autores. Foram desconsiderados artigos

16 A revisão sistemática ou estado da arte caracteriza-se como uma pesquisa sobre pesquisas que busca articular os resultados de diferentes trabalhos numa pesquisa integrativa, atrelando-se a estudos de revisão bibliográfica com base na análise de documentos, delimitados por espaço de tempo definido (SOARES, 2006: 399).

17 Essa coleta se deu até 2017 porque o Estudo I foi elaborado durante um estágio de pós-doutoramento da autora, finalizado em 2018.

da Revista da ABEM decorrentes de recortes de dissertações e teses identificadas no Banco da CAPES.

Foram contabilizadas trinta e oito (38) produções acadêmicas que tratam da educação musical de bebês no Brasil. Entre as produções acadêmicas encontradas no Banco de Dados da CAPES, Vidal (1997); Marinho (1997); Valentina (2001); Makino (2003); Broock (2009); Santos (2021); Galaxe (2023) não se encontravam, no momento da coleta de dados, disponíveis *on-line*, sendo, portanto, desconsideradas da amostra, conforme os critérios de inclusão. A dissertação de Marco Aurelio Cardoso de Souza (2011), apesar de se referir à creche no título, não compreendeu a amostra porque foi desenvolvida com crianças entre 3 a 7 anos de idade.

Abaixo a tabela com os dados da Amostra:

Tabela 1 – Elaborada pela Autora

Autor	Ano	Título	Curso	Instituição
MARINHO, Maria de Fatima	1997	Musicalização Infantil na creche Bertha Luz.	Mestrado em Música	Conservatório Brasileiro de Música
VIDAL, Lairtes Júlia Maria Temple	1997	Música tonal versus música atonal: Um estudo da preferência em bebês humanos	Mestrado em Psicologia Experimental	Universidade de São Paulo
VALENTINA, Maria Geraldi	2001	Preferência por um trecho musical alterado de acordo com alguns parâmetros da fala dirigida a bebês de 4 a 15 meses.	Mestrado em Psicologia	Universidade de São Paulo
STAHLSCHMIDT, Ana Paula Melchiors	2002	A canção do desejo: da voz materna ao brincar com sons, a função da música na estruturação psíquica do bebê e sua constituição como sujeito	Doutorado em Educação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
MAKINO, Jéssica Mami.	2003	A arte invade o Brás: uma proposta de educação musical na creche do Brás	Mestrado em Música	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

SUMÁRIO

DAREZZO, Margaret	2004	Impacto de um programa de ensino para cuidadores em creches: música como condição facilitadora de condutas humanas ao lidar com bebês.	Mestrado em Educação	Universidade Federal de São Carlos
CARNEIRO, Aline Nunes	2006	Desenvolvimento Musical e Sensorio-Motor da criança de 0 a 2 anos.	Mestrado em Música	Universidade Federal de Minas Gerais
PIRES, Maria Cristina de Campos	2006	O som como linguagem e manifestação da pequena infância.	Mestrado em Educação	Universidade Estadual de Campinas
SOARES, Cintia Vieira da Silva	2007	A música na Educação Infantil: o movimento dos bebês em ambiente musical.	Mestrado em Educação	Universidade Federal de Goiás
STIFFT, Kelly	2008	A construção do conhecimento musical no bebê: um olhar a partir de suas relações interpessoais	Doutorado em Educação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
RAMIRO, Juliane	2008	Compartilhando um ambiente musical: processos educativos e relações afetivas entre pais e crianças de 8 a 24 meses.	Mestrado em Educação	Universidade Federal de São Carlos
SIMIONATO, Luciane Cristina	2008	A importância do fazer e cantar na primeira infância: Alguns estudos sobre Educação Musical para crianças de 0 a 3 anos	ICTUS Music Journal; Vol. 9 No. 1 (2008)	
BROOCK, Angelita Maria Vander	2009	A abordagem PONTES na musicalização para crianças entre 0 e 2 anos de idade.	Mestrado em Música	Universidade Federal da Bahia
PARIZZI, Maria Betânia	2009	O desenvolvimento da percepção do tempo em crianças de dois a seis anos: um estudo a partir do ecanto espontâneo	Doutorado em Ciências da Saúde	Universidade Federal de Minas Gerais.
SCHUNEMANN, Aneliese Thonnings	2010	Música e histórias infantis: engajamento de crianças de 0 a 4 anos.	Mestrado em Educação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
FOLONI, Tais	2010	O desenvolvimento cognitivo-musical de bebês entre 3 e 18 meses de idade: um estudo de caso.	Doutorado em Música	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

SOUZA, Marco Aurélio Cardoso de	2011	As cantigas de roda na Creche Jardim Felicidade - cenário vivo para o "Exercício do olhar": um estudo autoetnográfico.	Mestrado em Música	Universidade Federal de Minas Gerais
ADESSI, Rita Adessi	2012	Interação vocal entre bebês e pais durante a rotina da "troca de fraldas".	Revista da ABEM, 20(27)	Revista da ABEM
CORREA, Aruna Noal	2013	Bebês produzem música? O brincar-musical de bebês em berçário.	Doutorado em Educação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
JABER, Maira dos Santos	2013	O bebê e a música: Sobre a percepção e a estruturação do estímulo musical, do pré-natal ao segundo ano de vida pós-natal.	Mestrado em Música	Universidade Federal do Rio de Janeiro
SANTOS, Marcy de Lima	2013	As características musicais da comunicação entre adulto e bebê e suas implicações no desenvolvimento cognitivo-musical da criança no primeiro ano de vida.	Mestrado em Música	Universidade Federal de Minas Gerais
ROCHA, Mariane Girardo da	2013	Musicalização na educação Infantil e o desenvolvimento da linguagem oral nas crianças de zero a dois anos	TCC	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
BOURSCHEID, Clarice de Campos	2014	Escuta estética/poética na creche: encontros musicais com bebês e crianças pequenas.	Mestrado em Educação	Universidade de Santa Cruz do Sul
BRAGA, Claudia Lopes	2014	Impactos da exposição a estímulos musicais na infância: muito além do neurodesenvolvimento?	Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
CUNHA, Sandra Mara da	2014	Eu canto pra você: saberes musicais de professores da pequena infância.	Doutorado em Educação	Universidade de São Paulo
TORMIN, Malba	2014	Dubabi Du: uma proposta de formação e intervenção musical na creche	Doutorado em Educação	Universidade de São Paulo
BAVA, Arthur	2015	Musicalização de crianças entre oito meses e três anos de idade: uma abordagem relacional.	Mestrado em Música	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

LEITE, Fabiana Mariano	2015	Música no berçário: formação de professores e a Teoria da Aprendizagem Musical de Edwin Gordon.	Doutorado em Educação	Universidade de São Paulo
RODRIGUES JÚNIOR, André José	2015	As relações entre a afetividade e o desenvolvimento cognitivo-musical nos dois primeiros anos de vida.	Mestrado em Música	Universidade Federal de Minas Gerais
SILVA, Loide Batista Magalhães	2015	Música: um estímulo à expressão cognitiva e à linguagem dos bebês.	Mestrado em Música	Universidade Federal de Goiás
AMBRÓS, Tatiane Medianeira Bacinn	2016	A musicalização como dispositivo de intervenção precoce junto a bebês com risco psíquico e seus familiares.	Mestrado em Psicologia	Universidade Federal de Santa Maria
MIÃO, Cícero Rodarte	2016	O essencial é invisível aos olhos: análise de oficinas de musicalização enquanto possibilitadoras de desenvolvimento para bebês de 0 a 2 anos em situação de acolhimento.	Mestrado em Psicologia	Universidade Federal de São João del-Rei
MELO, Cecília Paulozzi de	2017	Possíveis contribuições da musicalização para bebês a crianças atendidas em programas de intervenção precoce	Mestrado em Música	Universidade Estadual de Campinas
MARTINEZ, Andréia Pereira de Araújo	2017	Infâncias Musicais: O desenvolvimento da musicalidade dos bebês	Doutorado em Educação	Universidade de Brasília
PECKER, Paula Cavagni	2017	A prática percussiva de Bebês: Análise Microgenética e Reflexões Pedagógicas	Doutorado em Educação	Universidade Federal do Paraná
AMORIM, Carla Patrícia Carvalho de	2017	Batuca bebê: A educação do gesto musical	Mestrado em Educação	Universidade de Brasília
SILVA, Dalila Mayara Caetano Werneck	2018	Conexões entre o comportamento dos adultos presentes nas aulas de música e o desenvolvimento musical dos bebês nos dois primeiros anos de vida	Mestrado em Música	Universidade Federal de Minas Gerais
SIUFI, Claudia Jaqueline de Souza	2018	A ludicidade e a inquiribilidade no processo da educação musical na primeira infância	Mestrado em Música	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

RUAS, José Jarbas; VILARINHO, Fabiana de Freitas Ângulo	2019	Os efeitos da musicalização para o desenvolvimento musical em bebês de zero a dois anos	Revista OPIUS v. 25, n. 3, set./dez. 2019, p. 368.	
GALERA, Maria Cristina Albino	2019	Musicalização na creche: Crianças de 2 a 3 anos e suas criações sonoras e musicais	Mestrado Profissional em Docência e Gestão Educativa	Universidade Municipal de São Caetano do Sul
MONTEIRO, Jocileia	2021	A influência da musicalização na formação das crianças.	Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação	Centro Universitário do Vale do Cricaré, São Mateus
SANTOS, Isaac Luis de Souza	2021	Educação Musical para crianças de zero a três anos de idade em tempos de pandemia e isolamento social: um estudo sobre práticas docentes de professores de música	Mestrado em Música	Universidade Federal de Minas Gerais
MIÃO, Cicero Rodarte	2022	De "lá dó" interior: o desenvolvimento musical de bebês de 0 a 2 anos em aulas de música em escolas públicas	Doutorado em Música	Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
TRAVERZIM, Monique	2023	A musicalidade das vocalizações de bebês na brincadeira sonoro-musical: um estudo de interações entre mãe-bebê e pai-bebê	Doutorado em Música	Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
GALAXE, Fabiani Pereira Ruelas	2023	A Musicalização na educação infantil como instrumento de aprendizagem: Creche Berçário em Presidente Kennedy/ ES	Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação	Centro Universitário do Vale do Cricaré, São Mateus
CHASSOT, Djeniffer Heinzmann; WOLFFENBUTTEL, Cristina Rolim	2023	A prática do canto dirigido entre mães e bebês	Revista da Abem, v. 31, n. 2.	

1.1 INSTRUMENTOS E CATEGORIAS RELEVANTES PARA O EON (ESQUEMA DE OBSERVAÇÃO NIÉRI)

Os instrumentos e as categorias de análises considerados importantes para o Miniaturas compreendem a Escala de Envolvimento de Laervers, apresentada na tese de Malba Tormin (2014); as ações musicais apontadas pelo Sistema de Observação de Mão (2016); e categorias de Movimento, Voz e Intersubjetividade presentes em algumas produções.

Avaliar a qualidade de uma proposta musical para bebês implica, necessariamente, considerar o envolvimento deles, pois não é possível desenvolver um trabalho musical consistente se a criança não estiver confortável e receptiva. De acordo com Larvers (2014, p. 157), para saber como as crianças estão envolvidas em um contexto, primeiro tem-se que observar o quanto à vontade estão, o quanto agem espontaneamente. A ideia (ou mito?) de que bebês tendem a preferir consonâncias em relação a dissonâncias e o fato das práticas musicais voltadas a essa faixa etária se apoiarem, em geral, no uso de brinquedos, objetos sonoros e instrumentos musicais, reforçavam a necessidade de avaliar o bem-estar dos pequenos mediante a proposta do *Miniaturas*, cujo foco recai sobre a música contemporânea, e cuja prática se orienta prioritariamente pela escuta, pelo movimento e pela voz, com pouco ou nenhum uso de material (objetos).

1.1.1 A ESCALA DE BEM-ESTAR DO BEBÊ

A Escala Laevers, instrumento revelador das competências e do processo de avanço dos pequenos, sustenta-se na perspectiva da criança e na qualidade de experiências que o ambiente de aprendizagem promove, tendo, como indicadores-chave de qualidade,

o grau de bem-estar da criança pequena e o nível de seu envolvimento (LAEVERS, 2014, p. 152).

O bem-estar refere-se ao quanto a criança se sente à vontade, agindo espontaneamente, mostrando vitalidade e autoconfiança. É um componente crucial da inteligência emocional e boa saúde mental.

Os indicadores de bem-estar são:

- 1) **Extremamente baixo:** a criança mostra claramente sinais de desconforto, como chorar ou gritar. Pode parecer abatida, triste, assustada ou irritada. Não responde ao meio ambiente, evita o contato e deve ser retirada. A criança pode se comportar de forma agressiva, machucando-se ou machucando aos outros;
- 2) **Baixo:** a postura, a expressão facial e as ações indicam que a criança não se sente à vontade. No entanto, os sinais são menos explícitos do que no nível 1 ou a sensação de desconforto não é expressa o tempo todo;
- 3) **Moderado:** a criança tem uma postura neutra. A expressão facial e a postura mostram pouca ou nenhuma emoção. Não há sinais indicando tristeza ou prazer, conforto ou desconforto;
- 4) **Alto:** a criança mostra sinais óbvios de satisfação (conforme listado no nível 5). No entanto, esses sinais não estão constantemente presentes com a mesma intensidade;
- 5) **Extremamente alto:** a criança parece feliz e alegre, sorri, grita com prazer. Demonstra vivacidade e energia. As ações podem ser espontâneas e expressivas. A criança pode conversar com o adulto ou consigo mesmo, tocar com sons, zumbir, cantar. A criança parece relaxada, e não mostra sinais de estresse ou tensão. Está aberta, acessível ao meio ambiente e expressa autoconfiança (LAEVERS, 2014: 152-185).

SUMÁRIO

Os indicadores de Envolvimento do bebê são:

- 1) **Concentração:** atenção está focada na atividade; movimentos oculares fixos na atividade;
- 2) **Energia:** tem a ver com a energia física das atividades motoras. Rubor e transpiração são indícios de energia;
- 3) **Complexidade e criatividade:** demonstra competência e esforço cognitivo, além de trazer um toque pessoal, individual à atividade;
- 4) **Expressão facial e postura:** Referem-se aos indicadores não verbais, tais como a postura;
- 5) **Persistência:** direção do foco; refere-se ao tempo de concentração na atividade, e a não querer deixar de fazer a atividade;
- 6) **Precisão:** observa os detalhes, realiza com esmero;
- 7) **Tempo de reação:** a criança reage com rapidez e motivação aos estímulos;
- 8) **Linguagem (comentários verbais):** fazem comentários, descrevem entusiasmadamente;
- 9) **Satisfação:** responde ao estímulo; explora e mostra o seu trabalho com satisfação.

Além dos indicadores do envolvimento, a Escala está organizada em níveis de envolvimento; do nível mais baixo de envolvimento (1) ao mais alto (5):

Nível 1 – Ausência de atividades. Laevers afirma que é preciso ter cuidado com esse nível, porque uma criança sem ação pode estar altamente concentrada.

Nível 2 – Interrompe a atividade frequentemente.

Nível 3 – Atividade mais ou menos contínua.

Nível 4 – Atividade com momentos intensos.

Nível 5 – Atividade intensa mantida (LAEVERS, 2014: 152-185).

A escala tem como ideia central descrever o mais minuciosamente possível a experiência de uma criança que participa de um ambiente educacional. É importante ressaltar que este instrumento não tem como objetivo diagnosticar capacidade ou incapacidade do bebê, mas observar se o ambiente educativo e as propostas desafiam e despertam o interesse do bebê, ou seja, é considerado “um indicador da qualidade do contexto educativo, e não das capacidades individuais da criança” (Portugal & Laevers, 2010, p. 29).

A Escala de Laevers serviu de base para a elaboração do instrumento de observação do envolvimento do bebê com o som destacado (EON), principalmente no que concerne ao bem-estar do bebê. Era de suma importância observar se o bebê se sentia bem e à vontade com a proposta sonoro-musical, isso por conta do repertório adotado, baseado em música contemporânea. No sentido do Envolvimento, a Escala foi pensada com foco no envolvimento sonoro do bebê e, por isso, teve de ser adaptada.

As análises recorrem a episódios gravados e selecionados. Desses episódios, é delimitado aleatoriamente o tempo de 2 minutos para análise com o instrumento; tais critérios foram adotados no EON.

No entanto, a Escala de Envolvimento de Laevers não se mostrou eficaz no sentido de observar o Envolvimento do Bebê com o som; de forma geral, os instrumentos que verificam o envolvimento do bebê com o som estão situados principalmente nas áreas da otorrinolaringologia e fonoaudiologia; são de natureza experimental, laboratorial, que coloca o bebê em situação de teste, exatamente o que não se pretendia nesta pesquisa. Por isso, considerou-se adequado pensar na Escala de Envolvimento Laevers como base, mas com categorias que possibilitam a observação do envolvimento do bebê com o som.

1.1.2 O SISTEMA DE OBSERVAÇÃO ELABORADO POR MIÃO

O sistema de Mião, elaborado para ser usado em contexto específico, é composto por treze (13) categorias e várias subcategorias como demonstrado abaixo (p. 111-115), e passou por teste de concordância entre observadores (p. 68).

Categoria 1: Linha temporal (tempo e duração).

Categoria 2: Atividades (atividade sensível; atividade de apreciação; timbre; som e silêncio).

Categoria 3: Ações musicais espontâneas (composição; improviso).

Categoria 4: Comportamento (ações observáveis: rir, chorar e fazer coreografia).

Categoria 5: direcionamento da ação do bebê e Mediação: (ação mediada por não humanos; direcionamento para o violão; direcionamento para outro bebê; direcionamento para outro estagiário; direcionamento para oficinairo).

Categoria 6: Observações (abertas e subjetivas).

Categoria 7: Diretriz (espontânea; imitativa; corresponde ao estímulo).

Categoria 8: Vocal (Prururururu – som que corresponde à vibração labial; Ahh, ah – som que corresponde a uma vogal).

Categoria 9: Corpo (bater palmas; mexer as pernas; mexer os braços; mexer a cabeça; mexer o tronco; movimentos laterais; para frente e para trás; para cima e para baixo).

Categoria 10: Metalofone (região aguda; região média; região grave).

Categoria 11: Complementar (pulso regular da música; pulso regular do bebê; pulso irregular; glissando).

Categoria 12: Correlações (sincrético aleatório; semelhança; generalização).

Categoria 13: Observações 2: (descreve a ação e os elementos observados).

Mião explica que o sistema foi criado para esse contexto específico (p. 66), (oficinas de musicalização para bebês em situação de acolhimento) por isso encontram-se categorias tais como "Metalofone", por ser comum a utilização desse instrumento nessas intervenções.

Ainda que Mião tenha contado com uma equipe de análise formada por dois estagiários do curso de psicologia e um colaborador com formação em música e mestrando em psicologia, que contribuíram tanto no teste de concordância como na atualização do sistema, seus dados não são generalizáveis. De acordo com ele, "reaplicar esse sistema de observação em outro contexto, descaracteriza sua proposta e sua construção" (p. 69).

Algumas categorias ou subcategorias não se adequam a Miniaturas, tais como "fazer coreografia". Isso porque nesta proposta não se trabalha com canções com palavras. Os movimentos são fluidos, caminhando em sentido oposto aos movimentos coreografados (LABAN, 1978; 1990). Nesse sentido, a expressão corporal, que no caso do bebê são seus movimentos, ou como ele expressa pelo corpo os sons, - um dos indícios de envolvimento, conforme a Escala Laevers (2014), alinha-se mais às ideias do Miniaturas do que a citada categoria (fazer coreografia).

Assim, não faria sentido incluir essa categoria, a menos que a coreografia emergja do próprio bebê, quando, então, deverá ser valorizada pelo adulto, porque diz respeito ao interesse da criança. No entanto, caso aconteça, o adulto poderá anotar o ocorrido em "observações".

Outras categorias, como, por exemplo, rir e chorar, já estavam contempladas na Escala de Bem-estar de Laevers.

Outras ainda tiveram de ser adaptadas, como é o caso da “atividade sensível”, apontada por Mião como subcategoria de “Atividades”. Segundo Mião, refere-se ao aproveitamento, por parte do professor, de uma ação espontânea da criança, pensamento que constitui um dos pilares da abordagem do Miniaturas, sendo, portanto, considerada eixo do Esquema de Observação Niéri.

A categoria do direcionamento da ação do bebê e da mediação do adulto também está contemplada pela adaptação feita da Escala de Saint-Georges (2011).

O olhar não foi considerado uma categoria no instrumento de Mião. De acordo com ele, “o fato de uma criança olhar para o violonista não quer dizer que essa ação deva entrar para a análise. Somente ações correspondentes ao sistema devem ser observadas” (2016: 114). Para o EON, o olhar é considerado um forte indicativo da comunicação do bebê, e, portanto, revelador do seu envolvimento, assim como em Mariano Leite (LEITE, 2015: 184), que traz a categoria das trocas de olhares, da atenção focada no outro e na Escala de Saint-Georges (2011: 1-17).

Para Mião, as ações musicais espontâneas não se relacionam diretamente com os elementos da atividade que o bebê está desenvolvendo; caso esteja, por exemplo, explorando um instrumento musical, e, de repente, bate palmas. O autor inclui composição (momento em que a criança cria motivos musicais, ou seja, pequenos trechos que podem ser rítmicos ou melódicos -, e os repetem) e improviso (atividade em que a criança cria motivos musicais e não os repetem, apresentando elementos aleatórios o tempo todo) nessa categoria. Para o EON, essas ações sonoro-musicais do bebê – composição e improvisação -, são de extrema relevância, e, ao contrário de Mião, se considera que estejam diretamente relacionadas às atividades que o bebê esteja desenvolvendo. Como a proposta se baseia em fluidez de movimento e vocalizações espontâneas, espera-se que o bebê responda com ações espontâneas. Essa categoria foi, portanto, adaptada e colocada em evidência por ser considerada essencial para a proposta.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

A categoria das correlações, que busca entender as relações entre os materiais sonoros e os estímulos, foi reconsiderada no Esquema. Com base em Vigotsky (1991), Mão específica, com subcategorias, a correlação sincrética aleatória (sem correlações observáveis); semelhanças (quando o bebê apresenta ação igual à do estímulo) e generalização (a ação não é igual ao estímulo, mas apresenta características que se relacionam com ele). Essa categoria foi incluída no Esquema, no entanto, foi aplicada somente no Eixo da agência do movimento pela pesquisadora, e nunca quando a agência do movimento estava com o bebê. No EON, considera-se o contexto como um todo, procurando não focar as observações somente em materiais ou estímulos. Isso porque o ambiente preparado das intervenções exerce um impacto direto nas ações espontâneas. Os bebês podem estar afastados, e entoar um improvisado que não se relaciona com o que está sendo desenvolvido, escutado ou entoado naquele momento, mas que se dá em função da motivação daquele contexto específico, daquela ambientação sonora.

1.1.3 CATEGORIAS DE MOVIMENTOS

A revisão da literatura deixa claro que existe uma estreita ligação entre a música/som e o movimento do bebê.

Fundamentada em Wallon, Soares (2007: 74-83) classifica alguns dos movimentos que os bebês realizam quando estão participando de intervenções musicais. De acordo com a autora, os movimentos posturais ou tônicos (inativos ou receptivos) são movimentos de profunda atenção, nos quais a ausência de movimentos é perceptível. Movimentos exploratórios são os ligados à exploração do objeto, sonoro ou não. Livres ou criativos são movimentos nos quais se pode observar uma diferenciação do gesto; quando, por exemplo, o bebê utiliza novos esquemas de ação, improvisando e inovando a ação. Os movimentos que expressam ou representam algo são considerados gestuais, e surgem a partir de atividades desenvolvidas no

contexto. E os movimentos decorrentes (categoria que foi adaptada de Beyer (2003)) são aqueles originados essencialmente da atividade musical, desencadeados pelo estímulo da música.

O movimento inativo (receptivo) se mostrou essencial para a observação do envolvimento do bebê com o som no EON.

Baseada em Vigotsky, Tais Foloni (2010, p. 87) identifica, em termos musicais, dois tipos de interesses: 1) o interesse receptivo, aquele em que o bebê fica atento, diminuindo os movimentos e ouvindo a música; e 2) o interesse ativo, quando ele procura a fonte sonora e balbucia. Os movimentos fluidos do bebê, suas ações espontâneas e a busca pela interação com a fonte da sonoridade se relacionam a esse interesse ativo de que fala Foloni; o movimento inativo corresponderia ao interesse receptivo, quando o bebê está atento, focado, geralmente apresentando poucos movimentos.

As pesquisas de Beyer e Correa (*In*: CORREA, 2013, p. 214) também corroboram a presença desses dois movimentos: o que apresenta ação do bebê e o que demonstra concentração, atenção, foco na observação, ao que Beyer chamou de movimento alerta inativo.

[...] o estado em que se encontravam durante a audição da música nos pareceu ser o alerta inativo. É interessante destacar que o estado concentrado da criança, onde ela está canalizando todas as energias só para ver e ouvir, foi acionado para ouvir música. Este poderia ser o início de uma capacidade de concentração que permite futuramente à criança focar suas estruturas cognitivas e perceptivas sobre um ponto específico, habilidade muito importante para abrir espaço para aprendizagens tanto musicais como num sentido geral (BEYER, 2003, p. 3).

No caso do EON, essa categoria (interesse receptivo ou postural-inativo ou alerta-inativo) observada a partir do livre movimento dos bebês pelo berçário, da não obrigatoriedade de participação e da não utilização do formato da roda, recebeu o nome de "Movimento Receptivo" no Esquema. É interessante observar que toda vez que

SUMÁRIO

o som chama a atenção do bebê, ele demonstra com um movimento inativo, ou seja, uma pausa, um não movimento, seguido de um olhar para a direção do som, ou em outros casos, um olhar de dúvida para a pesquisadora. Esse movimento inativo é essencialmente revelador do envolvimento do bebê com o som. Nesse sentido, Laevers chama a atenção para o nível 1 da Escala de envolvimento, que corresponde à ausência de atividade, explicando que este deve ser analisado com atenção pelo adulto, pois uma criança sem ação pode estar altamente concentrada (LAEVERS, 2014, p. 185).

A outra subcategoria de movimento – movimento ativo, se refere à quando o bebê procura a fonte sonora, balbucia ou interage com movimentos livres, agenciando ou imitando a pesquisadora.

Beyer (2005) categorizou como Movimentos de Exercícios aqueles impulsionados pela motivação da música, que não apresentam uma relação direta com a obra musical cantada ou ouvida. Essa categoria não foi incluída no EON, pois as canções com letras ou repertório com pulso métrico regular não fizeram parte da abordagem pedagógico-musical utilizada pela pesquisadora, o que facilitaria a observação de relação entre movimento e música; além disso, nesta abordagem, não se prevê uso de coreografias e movimentos pré-definidos conforme as letras de canções. Com base em Laban (1990, p. 20), os movimentos utilizados são caracterizados pela fluidez e pela descoberta desafiadora e estimulante do próprio corpo pelo bebê. Portanto, a categoria de “Pulso” (regular em relação à música), citada por Mião, e de Movimentos de Exercícios, de Beyer, não foram consideradas no Esquema de Observação.

É importante salientar que não se está afirmando que esse repertório (com canção e com uso de palavras) não deva compor a educação musical de bebês. Pelo contrário! Acredita-se que quanto mais variado o repertório oferecido aos bebês, melhor. No entanto, a reflexão central desse projeto orbita em torno da perspectiva musical contemporânea, por isso a canção com palavras não está incluída.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

A repetição do gesto, incluindo aqui os gestos realizados durante a exploração instrumental, também foi considerada dentro da categoria Movimento. Isso porque muitas vezes os bebês exploram um instrumento musical ou um objeto sonoro por outros sentidos que não o sonoro. Segundo Delalande (2008, p. 71), é possível perceber quando o bebê está envolvido com o som, porque sua exploração evolui para a repetição do gesto para conseguir determinado som. Essa repetição do mesmo gesto para se obter uma sonoridade específica foi considerada subcategoria importante da categoria Movimento.

Especificamente sobre a exploração sonora, Delalande desenvolveu um projeto com crianças pequenas nas creches da Itália e da França. As pesquisas indicam que o bebê passa por um processo de construção de conhecimento, partindo da exploração, passando pela invenção, chegando à invenção.

Os resultados da pesquisa de Correa também apontam para o bem-estar do bebê em relação à exploração de materiais sonoros e de instrumentos musicais em contexto do brincar livre em creche pública. De acordo com Correa, "os bebês mostravam através de sorrisos, expressões, olhares, vocalizações, que estavam ansiosos por aquelas descobertas, que estavam satisfeitos e entusiasmados com aqueles materiais" (2013, p. 185).

O EON poderia contemplar o emparelhamento do movimento, os tipos de movimento existentes, as ações detalhadas do bebê, ou seja, quantas vezes moveram a perna direita ou a perna esquerda; se levantaram os braços juntos ou um depois do outro etc.; no entanto, não é esse o interesse desta pesquisa; não se pretende tratar do desenvolvimento infantil, como já foi dito anteriormente. Não importa de que tipo é esse movimento, ou como foi o movimento em si; mas, se por meio dele, o bebê procurava expressar o que sentia em relação ao que estava acontecendo durante as intervenções, ou seja, se o movimento estava vinculado ao som, à música ou ao corpo-som da pesquisadora.

Nesse sentido, o Esquema de Observação está em consonância com as ideias de Stiff sobre o que esperar como resposta do bebê:

[...] não esperamos uma resposta dirigida e fechada, e sim uma resposta. Ao receber um chocalho, por exemplo, não condicionamos os bebês a sacudirem de um mesmo modo ou num ritmo específico, o que seria uma resposta dirigida e fechada. 'Ao contrário, esperamos que os bebês respondam de alguma maneira, seja observando atentamente o material, colocando-o na boca, jogando-o no chão, sacudindo-o, etc.' (2008, p. 161).

Dessa forma, na Categoria Movimento, três subcategorias foram consideradas essenciais para o Miniaturas. São elas: os movimentos fluidos (Ativo) (qualquer movimento que o bebê faça, desde que esteja relacionado à intervenção sonoro-musical; livre; criativo; espontâneos); a repetição do gesto do bebê (para se conseguir exatamente a mesma expressividade ou sonoridade); e o movimento Receptivo (ou inativo) (aquele em que o bebê para o que está fazendo para olhar em direção ao que está acontecendo em termos sonoro-musicais).

1.1.4 CATEGORIAS AFETO E INTERSUBJETIVIDADE

A abordagem das práticas musicais criativas, à qual o EON está associado, baseia-se nas relações de comunicações expressivas, tais como olhar, sorriso, toques, imitação de gestos, imitação dos sons vocais, evitando-se a linguagem falada. Das relações expressivas e comunicativas, podem emergir eventos de intersubjetividade; suas evidências são demonstradas pelo foco de atenção compartilhado, direcionamento à pessoa, troca de olhares, ações de apontar e imitar, afetividade e estabelecimentos de jogos sonoros, que podem ser entendidos como demonstrações do envolvimento do bebê com a proposta, daí sua importância no EON.

Considerando a Escala Saint-Georges (2011), os comportamentos infantis que se relacionam com a emergência da intersubjetividade são:

SUMÁRIO

- **Com o objeto:** busca um objeto com o olhar, prestando atenção em um estímulo sensorial que vem dele; olha um objeto mesmo sem estímulo ou simplesmente olha em volta buscando algo; segue sua trajetória; explora o objeto com as mãos, boca ou ações para senti-lo; sorri para o objeto; tem prazer com a experiência física ou visual com o objeto; busca o objeto com movimentos espontâneos;
- **Orientação a pessoas:** direciona-se ao estímulo sensorial vindo de uma pessoa, acompanha-a com o olhar; toca-a com as mãos ou boca para sentir como ela é;
- **Receptividade a pessoas:** olha para a face humana; sorri intencionalmente para uma pessoa; tem experiência de prazer ou satisfação física ou visual com uma pessoa, apresenta ações sintonizadas com as solicitações afetivas relacionadas ao humor do outro;
- **Buscando pessoas:** a criança realiza movimentos espontâneos e intencionais para buscar uma pessoa; solicita a atenção dela pela voz ou tato.
- **Intersubjetividade:** a criança antecipa a intenção do outro por movimentos antecipatórios; fita o adulto para saber se pode pegar um objeto; muda seu olhar do que está fazendo em direção ao que o outro está fazendo; responde ao seu nome; imita ação do outro após breve período; aponta ou apresenta um objeto visando compartilhar experiência; mantém engajamento social; vocaliza com sentido e mantém o turno endereçando vocalizações ao outro (*In* AMBRÓS, 2016, p. 70-1).

Essas categorias se referem às reações que o bebê apresenta quando em relação social com a mãe. Estudos comprovam que a música possibilita a emergência desses episódios intersubjetivos, como pode se verificar em Santos (2013), Rodrigues Junior (2015), Ramiro (2008), Darezzo (2006), Ambrós (2016), Stahlschmidt (2002), Mariano Leite (2015) e Stifft (2008).

A Escala Saint-Georges se destina à observação dos comportamentos que apontam para o surgimento da intersubjetividade. O foco não está no aprendizado musical em si, ou na experiência estética musical, mas em como a música pode contribuir para o desenvolvimento infantil. Uma vez que o EON tem como objetivo observar o envolvimento do bebê com o som e não o desenvolvimento infantil, tais categorias só teriam sentido de serem estudadas se fossem relacionadas aos eventos sonoro-musicais e ao corpo-som do adulto (educador musical, professor ou responsável). Essa relação foi estabelecida como apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 – Relação estabelecida entre Saint-Georges e o Esquema de Observação

Saint-Georges (2011)	Esquema de Observação
Com o objeto	Com o objeto sonoro
Orientação a pessoas	Orientação ao corpo-som
Receptividade a pessoas	Receptividade ao corpo-som
Buscando pessoas	Buscando o corpo-sonoro
Intersubjetividade	Intersubjetividade sonora

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Saint-Georges (2011, p. 1-13).

Ainda que as categorias do EON sejam voltadas para o bebê, a abordagem pedagógico-musical, utilizada durante a pesquisa, pressupõe uma abordagem baseada na inter-relação pessoal entre bebê e pesquisadora, podendo, portanto, contribuir com a emergência do afeto e de eventos intersubjetivos.

Leite (2015, p. 194), com base na Sintonia do Afeto de Daniel Stern (1992), também se serve de categorias de observação do bebê contempladas na Escala de Saint-Georges (2011). São elas: contato visual; imitação; afetividade, segurança e interação (entre bebê-bebê; bebê-pesquisadora; bebê- professora).

1.1.5 CATEGORIA VOZ E GESTO: A MUSICALIDADE COMUNICATIVA RELACIONADA AO AFETO E AOS EVENTOS INTERSUBJETIVOS

Ao estudar o conceito de Musicalidade comunicativa (TREVARTHEN, 1998, p. 15-46) percebe-se que ele está intrinsecamente ligado às categorias de Afeto e intersubjetividade.

Dessa forma, considerando-se que Musicalidade Comunicativa compreende o afeto e a intersubjetividade, o interesse desta pesquisa é justamente a relação com o som por meio do gesto e da voz; e, a fim de tornar o Esquema de Observação mais enxuto, foi decidido que Musicalidade Comunicativa seria uma categoria que compreenderia as subcategorias afeto e intersubjetividade.

As ações musicais relativas à voz e ao canto espontâneo, categorizadas por Mião como ações musicais espontâneas pelo bebê, tais como improvisação e composição, foram consideradas no Esquema por serem essenciais à abordagem.

As explorações vocais também foram foco de pesquisa de Beyer (2005), que as estudou considerando três situações, observando o grau de intensidade diferenciado: pouco em aula individual; mais do que a anterior em aula no grupo e com bastante frequência em casa. Essas categorias não puderam ser aplicadas ao Esquema, porque faltavam variáveis, uma vez que as intervenções foram sempre realizadas em grupo, e não se contou com a participação dos pais no sentido de averiguar se e quanto o bebê passou a vocalizar em casa a partir das intervenções.

Um aspecto pouco estudado, na produção analisada, diz respeito ao envolvimento do bebê com músicas gravadas. Como as canções e o olho no olho estão vinculados ao afeto, no geral, pouco se tem falado sobre a escuta de gravações musicais, embora

se perceba que é usual o uso desse aparato em aulas para bebês. Assim, considerou-se importante acrescentar essa variável (escuta de música ao vivo X escuta de música gravada) a fim de levantar indícios dos níveis do envolvimento do bebê.

1.2 O ESQUEMA DE OBSERVAÇÃO NIÉRI (EON) COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DO BEBÊ COM O MINIATURAS

Todos esses instrumentos serviram de arcabouço para a elaboração do Esquema de Observação proposto para o Miniaturas, e foram analisados com base em dois objetivos centrais:

- Observar o bem-estar do bebê;
- Observar o envolvimento do bebê com o som.

O Esquema não tem como objetivo observar o desenvolvimento infantil ou cognitivo-musical, mas verificar se a abordagem e as práticas do Miniaturas, principalmente as que tratam da escuta de repertório contemporâneo propiciam (ou não) bem-estar e envolvimento nos bebês. A música é aqui entendida como direito do bebê. No entanto, ainda que a preocupação deste estudo não seja com o desenvolvimento infantil ou cognitivo-musical, eles estão implicados nas categorias do Esquema de Observação.

Não foi um estudo experimental, ou seja, não havia controle das variáveis, tais como frio, calor, sono, algum incômodo como uma gripe, um resfriado, que, de fato, podem afetar o bem-estar do bebê e, consequentemente, seu envolvimento com a proposta.

SUMÁRIO

No entanto, a preocupação do projeto não é de cunho quantitativo; o foco não está no número de ações dos bebês, mas na possibilidade de ele estar bem, feliz. Em certo sentido, o estudo se alinha mais às perspectivas sociológicas da infância na busca por um ambiente estimulante, preparado a favorecer experiências ricas que potencializem a sensibilização dos bebês do que à psicologia com seu enfoque no desenvolvimento infantil. De acordo com Delalande, “observar as crianças do ponto de vista de sua conduta significa se concentrar em suas motivações e não em seu comportamento” (DELALANDE, 1993: 43). A observação constitui método de pesquisa tanto em uma área como na outra. A organização da observação, com enfoque na participação e no envolvimento do bebê, é possível nas duas áreas; no entanto, como se pode perceber, a descrição é mais comum nas pesquisas alinhadas à sociologia enquanto os instrumentos de análise mais estruturados advêm da psicologia.

O instrumento não passou por teste de concordância e nem por validação.

Em termos de Estrutura, o Esquema de Observação, elaborado para esta pesquisa, contém um cabeçalho (Tabela 1) a fim de especificar o nome do bebê; Idade; numeração do vídeo selecionado; tempo total do vídeo; tempo do evento crítico; tempo total da observação; além de espaço para descrição do Episódio e do local da Cena.

Por Episódio, entende-se o conteúdo principal da atividade e a cena em si; o local da cena diz respeito ao espaço físico onde o episódio ocorreu.

Há ainda, no Cabeçalho, questões objetivas para serem analisadas que se referem às características musicais e de movimento dos episódios que se relacionam aos princípios do Miniaturas. São elas:

SUMÁRIO

- Se a escuta foi gravada ou ao vivo;
- Se a agência do movimento foi da pesquisadora ou do bebê;
- Se a atividade foi trazida pronta pela pesquisadora; se o jogo foi elaborado a partir da ação do bebê; ou ainda, se foi produzido pelo bebê.

Tabela 1 – Cabeçalho do Esquema EON

Vídeo nº.:		
Tempo total do vídeo:	Tempo do “Evento crítico”:	Tempo de Observação:
Eixo:		
Descrição do Episódio:		
Cena:		
Escuta: gravada () ou ao vivo ()	Agência do movimento do bebê ()	Agência do movimento da pesquisadora ()
Atividade trazida pronta pela pesquisadora ()	Jogo elaborado a partir da ação do bebê ()	Jogo produzido pelo bebê ()

Fonte: elaborado pela autora.

O Esquema compreende também uma ficha contendo cate-
gorias de análises (Tabela 2) para a observação do envolvimento e
do não-envolvimento dos bebês com o Miniaturas.

Tabela 2 – Ficha com as categorias de análises

Nome:					Idade:										
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	Ações Musicais										
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	(6)	(7)	(8)	(9)	Vocalizações						
					M.A	M.R	G.R	G.I	(10)	(11)	(12)	(13)	(14)	(15)	
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int	
Observações:															

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 2 - Legendas do Esquema de Observação

Legenda:	
(1) - T	Tempo
(2) - D	Duração
(3) - F + D	Fora, mas dentro
(4) - F.I	Fora da intervenção
(5) - D.A	Desvio de atenção
(6) - M.A	Movimento ativo
(7) - M.R	Movimento receptivo
(8) - G.R	Gesto repetitivo
(9) - G.I	Gesto imitativo
(10) - V.I	Vocalização imitativa
(11) - V.C	Vocalização composição
(12) - V. Imp.	Vocalização improvisação
(13) - V.M.S	Vocalização mesmo som
(14) - V.A.D	Vocalização alturas diferentes

Fonte: elaborado pela autora.

As categorias de Envolvimento referem-se ao Fora, mas dentro; Movimento Ativo; Movimento Receptivo; Gesto Repetitivo; Gesto Imitativo e Vocalizações organizadas em três tipos (imitativas, composição e improvisação).

As categorias que demonstram pouco ou nenhum envolvimento são três: Desvio de Atenção; Fora da intervenção e Episódios de Choro.

Há nesta ficha duas colunas iniciais que dizem respeito ao Tempo e Duração da observação. Por Tempo, entende-se a marcação temporal no vídeo do momento em que a ação aconteceu; enquanto Duração significa quanto tempo essa ação permanece ativa.

SUMÁRIO

Por Fora, mas dentro – entende-se que o bebê está longe, afastado da intervenção, às vezes até brincando ou entretido com outra coisa, mas está percebendo e ouvindo o que está acontecendo na intervenção. Os indicativos desta categoria são as respostas que o bebê produz, principalmente em relação à vocalização, entoação e padrões rítmicos. Por exemplo, se o bebê estiver brincando com um brinquedo que não faz parte da intervenção, afastado da cena, mas no momento de responder ou completar o padrão proposto pela pesquisadora, ele responde, e a categoria deve ser acionada.

Dentro da categoria de envolvimento, entende-se por Movimento ativo qualquer movimento que o bebê realize desde que esteja dentro da intervenção, e que não se enquadre em nenhuma outra categoria do Esquema.

Movimento receptivo significa, no EON, a suspensão do movimento que o bebê estava a realizar (fora ou dentro da intervenção) para voltar-se à cena, para observar algum evento que lhe chamou a atenção. Somente são considerados movimentos receptivos as ações que se relacionam com a intervenção sonoro-musical. Movimento receptivo também se refere àquelas situações em que o bebê aguarda a sua vez para atuar no jogo.

Infere-se, por Gesto repetitivo, a repetição pelo bebê do seu próprio gesto. O gesto não é um movimento casual; caracteriza-se por ser intencional, pelo desejo de repetição. Acontece quando um bebê se esforça para obter o mesmo resultado.

Por Gesto imitativo, entende-se a ação de imitação do adulto ou de outro bebê por parte do bebê, ainda que não sejam idênticas as do adulto. Caso se perceba a tentativa ou esforço de imitação, a categoria é acionada.

A categoria Vocalização está organizada em três tipos principais:

Vocalização imitativa: entende-se por Vocalização imitativa a vocalização na qual o bebê procura imitar o que está a ouvir, seja música gravada, instrumental, eletrônica ou cantada ou entoada pelo adulto ou outro bebê com a voz.

Vocalização-composição: São consideradas vocalizações do tipo composição aquelas em que o bebê repete, entoando, o mesmo motivo, trecho ou padrão (rítmico ou melódico). Ainda que tenha alguma modificação do original, o observar deve se atentar para as similitudes da entoação. Desde que fique evidenciado o esforço do bebê no sentido de repetir o trecho, a ação deve ser computada nesta categoria.

Vocalização-improvisação: São aquelas em que o bebê entoa trechos e vocaliza sons dentro do contexto da intervenção, mas que não se caracterizam pela imitação do adulto e nem se repetem em outro momento. Destaca-se que as vocalizações devem estar inseridas no contexto musical e não da comunicação. Assim, se o bebê estiver tentando falar ou mostrar alguma coisa para o adulto ou outro bebê, não deve ser considerada Vocalização-improvisação. O observador deve estar atento para o sentido musical das vocalizações, visto que, dentro dessa perspectiva musical, uma tosse ou um espirro podem ser considerados como ação musical.

Esses três tipos de vocalização apresentam, ainda, subcategorias que acontecem concomitantemente ao eixo principal e são as mesmas para os três tipos de Vocalizações:

- **Mesmo Som:** quando a entoação ou vocalização acontece na mesma altura de som, ou seja, em uma mesma frequência sonora; o que em linguagem musical tradicional chama-se de nota musical.
- **Alturas diferentes:** quando a entoação ou vocalização acontece em alturas sonoras diferentes, ou seja, se dão por meio de frequências sonoras diferentes.

SUMÁRIO

- **Intensidade:** refere-se à amplitude da onda sonora; relaciona-se com o volume, com o grau de pressão (maior ou menor) do som. Em música, utiliza-se o P (de piano) para representar o fraco (pouco volume de som) e o F para representar o forte (muito volume de som).

Todas essas categorias referem-se ao envolvimento do bebê; ou seja, só serão acionadas caso o bebê esteja envolvido com a proposta. O EON não está organizado em níveis porque o que se pretende é observar se há ou não envolvimento do bebê com a proposta. A duração das ações não constitui referência para avaliar o nível do envolvimento em música. Caso o observador entenda que o bebê não está altamente envolvido, poderá se servir do campo Observações para fazer suas anotações.

As categorias Desvio de Atenção, Fora da Intervenção e Episódios de Choro dizem respeito ao pouco ou nenhum envolvimento do bebê com a proposta.

- **Desvio de Atenção:** indica que o bebê estava dentro da intervenção, participando, e qualquer outra coisa o tira do foco, chamando sua atenção. Não significa que tenha perdido o interesse total na intervenção, mas que desviou sua atenção por alguns momentos, podendo retornar ao jogo.
- **Fora da intervenção:** entende-se, por fora da intervenção, que o bebê está completamente afastado da intervenção; não está no jogo, não está interagindo, não demonstra interesse pela cena. Está brincando com outra coisa, entretido com objetos que não estão relacionados à intervenção.
- **Episódios de Choro:** representa o nível mais baixo de envolvimento; demonstra mal-estar.

Se o bebê demonstra pouco ou nenhum envolvimento, é necessário que o educador o observe atentamente. O bebê está bem

de saúde? Suas necessidades básicas estão atendidas? Esse comportamento (pouco ou nenhum envolvimento) é recorrente neste bebê ao participar de atividades que envolvem som ou música? É importante que o educador investigue, a partir da documentação detalhada desse bebê, quais características podem estar gerando o baixo índice de envolvimento.

As observações dos bebês, feitas pelas gravações das intervenções em vídeos, tiveram como base alguns princípios do sistema de observação de Laevers (2014), tais como o de observar um episódio em vídeo durante dois (2) minutos e elaborar uma descrição detalhada.

O objetivo do Esquema é o de facilitar a avaliação das práticas do Miniaturas à luz dos seus principais atores: os bebês, podendo ser utilizado a curto, médio ou longo prazo. Nada impede que o educador o utilize em um encontro sonoro-musical e proceda à análise dos dados a fim de observar a adequação de práticas específicas. No entanto, a ideia central do EON é facilitar a documentação de contextos e da participação dos bebês nesses contextos para proceder à avaliação do processo; dimensionar e redimensionar a organização dos campos de experiências, buscando oferecer um contexto da mais alta qualidade ao bebê. Portanto, O EON pode servir como registro de avaliação de um encontro, de um ciclo ou de uma etapa da educação infantil.

1.3 REFLEXÕES FINAIS SOBRE O ESTUDO I

O Esquema de Observação (EON) foi utilizado em análises de episódios gravados a partir de intervenções realizadas na creche durante o período do pós-doutoramento que tratou do desenvolvimento e aplicação de uma abordagem de educação musical de bebês baseada em práticas criativas e música contemporânea.

O instrumento foi testado a partir de gravações em vídeos, respeitando-se o tempo sugerido por Laevers (2014) de dois minutos para cada categoria. Aderiu também à indicação de Laevers (2014) de elaborar uma descrição detalhada junto às análises, uma vez que, apesar do instrumento ser de cunho quantitativo, se presta às análises de natureza qualitativa.

Os resultados principais apontam que o Esquema possibilita relacionar e comparar dados, permitindo avaliar e readequar o trabalho realizado junto ao bebê. O olhar panorâmico que o EON possibilita seria desafiador em estudos descritivos sem o uso de escalas. A duração dos eventos em segundos permite observar por qual caminho cada bebê traça o seu aprendizado; análise praticamente impossível de ser realizada somente com as observações em diários de campo.

Ressalta-se que o instrumento foi elaborado sob a perspectiva de um ensino musical alinhado aos pressupostos das práticas criativas (escuta, criação, improvisação e música contemporânea), não sendo, portanto, generalizável, e que sua utilização está sujeita às gravações em vídeos daquilo que se pretende analisar. Deverá, ainda, passar por testes de concordância e, posteriormente, por validação, sendo necessária a continuidade da pesquisa.

Nessas circunstâncias, o Esquema de Observação (EON) demonstrou ser eficaz no sentido de observar o envolvimento do bebê com o som. O EON foi considerado viável no contexto da creche, de fácil utilização, e mostrou facilitar a avaliação do envolvimento dos bebês com as práticas pedagógicas musicais desenvolvidas, possibilitando também ao adulto avaliar as práticas e oferecer experiências educativas de qualidade aos pequenos.

SUMÁRIO

2

ESTUDO II: O PROJETO *MINIATURAS MUSICAIS*

O Estudo II trata do “Miniaturas Musicais”, um projeto que se caracteriza como uma abordagem musical criativa voltada aos bebês entre 0 e 2 anos de idade, em situação de creche. Pode ser desenvolvida pelo professor da Educação Infantil, ou seja, pelo não-especialista em música, uma vez que se baseia na relação entre gesto (movimento) e som dentro de uma perspectiva ampla de música, que compreende sonoridades múltiplas, das lalações à música contemporânea.

A proposta foi sendo delineada aos poucos, fruto de anos de envolvimento da pesquisadora com a educação musical de bebês em creches e com as práticas criativas musicais.

Enquanto pesquisa acadêmica, foi aplicada em contexto durante estágio de pós-doutoramento realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo em 2018, sob a supervisão da Profa. Dra. Tizuko Morchida Kishimoto, sendo os dados submetidos à minuciosa análise com o auxílio do Esquema de Observação (EON) elaborado no âmbito da pesquisa, que permitiu observar o envolvimento do bebê com o som.

Propostas musicais para bebês, utilizando sonoridades múltiplas (SCHAFFER, 1991) e repertório de música contemporânea (DELALANDE (1993; 2009), PAYNTER (1991)), baseados na relação entre escuta e movimento, por sua hodiernidade, carecem de evidências científicas, tanto no que concerne à sua aplicabilidade tanto no que diz respeito ao envolvimento do bebê.

O estudo envolve interfaces das áreas da Psicologia, Sociologia da Infância, Educação e Música, e visa à abertura no campo das análises da educação musical de bebês no Brasil, além de contribuir com evidências acerca do envolvimento de bebês em relação a um repertório pouco investigado nesse campo, a partir de abordagem pedagógico musical possível de ser trabalhada pelos professores não especialistas em Música da Educação Infantil.

SUMÁRIO

Em termos metodológicos, caracteriza-se como pesquisa-intervenção no contexto da educação, e não na perspectiva da Psicologia ou da Medicina. O sentido utilizado alinha-se às ideias de Damiani:

[...] “denominam-se intervenções as interferências (mudanças, inovações), propositadamente realizadas, por professores/pesquisadores, em suas práticas pedagógicas. Tais interferências são planejadas e implementadas com base em um determinado referencial teórico e objetivam promover avanços, melhorias, nessas práticas, além de pôr à prova tal referencial, contribuindo para o avanço do conhecimento sobre os processos de ensino/aprendizagem neles envolvidos. Para que a produção de conhecimento ocorra, no entanto, é necessário que se efetivem avaliações rigorosas e sistemáticas dessas interferências (DAMIANI, 2012, p. 2884).

Utiliza-se das técnicas de gravação em vídeos e Diário de Campo para a coleta de dados. A otimização da transcrição dos dados de vídeos era indispensável, pois, caso não houvesse delimitações e recortes, as análises poderiam ficar, em função do volume de dados, superficiais. Optou-se, portanto, pela ideia de recorte oferecida pela Escala Laervers (1994) no que tange à escolha de episódios e delimitação de tempo de análise de vídeos (de 2').

A sustentação central do “Miniaturas” é a Escuta. Essa escuta é entendida de duas formas: e no sentido malaguzziano de escutar (observar atentamente) os bebês porque o interesse do bebê e as ações espontâneas dos bebês são os ganchos para o desenvolvimento das propostas e das experiências sonoro-musicais; e, no sentido de escutar/ouvir, quando diz respeito à apreciação de obras de compositores dos séculos XX e XXI.

“Miniaturas” não é uma proposta que se baseia na concepção de “aula de música” para bebês, tal como é entendida e disseminada no Brasil nos dias atuais. Considera-se, nesta proposta, que o bebê desenvolve suas explorações, e aprende a todo o momento,

SUMÁRIO

SUMÁRIO

independente do lugar em que esteja, seja na creche, seja em casa, seja na rua. No entanto, a escuta atenta do adulto e o ambiente facilitador constitui o cerne para que essas experiências sejam potencializadas. Daí a importância de uma formação em educação sonoro-musical para os profissionais responsáveis pelos bebês em creches; para que possam intermediar, ampliar, amparar, oferecer e potencializar as descobertas e invenções sonoras dos bebês. Cabe ao adulto observar o espaço e perceber nele potencialidades sonoro-musicais. Permitir experiências estéticas sonoras e musicais no cotidiano da creche de forma corriqueira, no tempo do bebê, e sem a expectativa de aprendizado do adulto, exige uma escuta atenta do bebê e uma formação em contexto que capacite o adulto para desenvolver esse trabalho.

É possibilitar que situações ricas em sonoridades sejam promovidas; é perceber quando se pode ampliar uma experiência sonoro-musical de um bebê; é estar atento para quando a imitação, por parte de um adulto, de um gesto ou som de um bebê, pode despertar curiosidade, convidando-o há um tempo maior de vivência com o evento; é perceber quando o bebê quer dizer alguma coisa com os olhos e mãos... Enfim... É escutar os bebês, no sentido malaguzziano.

A ideia principal do “Miniaturas” é a de que o adulto esteja preparado e disponível para improvisar sonoro-musicalmente, a partir da proposta do bebê, seja ela de movimento ou de som. É de instigar, por meio da escuta, o bebê a perceber sonoridades, ser um ouvinte atento e curioso.

O desenvolvimento musical não é entendido como produto final nem como objetivo primordial, mas como um processo que tem seu início na fase inicial da vida pela oferta de experiências estéticas sonoras e musicais, e que perdura, se modifica e se desenvolve ao longo da vida.

Essas vivências relacionam-se aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento infantis, e não às expectativas de aprendizagem, alinhando-se às expectativas da nova Base Curricular Nacional

(BRASIL, 2016). O trabalho, inspirado nas ideias de Delalande (1993; 2009), Gordon (2000), Schafer (1991; 2001); Paynter (1972; 1991) e Laban (1978; 1990), inter-relaciona campos de experiência descritos na Base Curricular Nacional, tais como os do “corpo, gestos e movimentos”, “escuta, fala, pensamento e imaginação”, “traços, sons, cores e imagens” e “espaços e tempos” ao ofertar experiências inspiradas na ideia de comunicar-se (TREVARTEN & MALLOCH, 2007).

Da música contemporânea, a proposta empresta ideias, tais como considerar o som em si (e não em relação a outros sons, como no sistema tonal), a importância da espacialidade sonora (material físico-frequência sonora), a paisagem sonora e o movimento do som enquanto experiência estética e a ampliação do repertório a se apreciar com os bebês.

A respeito da espacialidade sonora, indaga-se: onde está o som? De que direção vem? De que textura e densidade se compõem essas sonoridades? Como se relacionam com os materiais da sala em relação à sonoridade? Som é frequência, e, portanto, movimento. Daí, a importância, no Miniaturas, dos jogos de visualização de frequências (movimento do som) por meio eletrônico. Há também jogos inspirados nas ideias de John Paynter (1972; 1991), especialmente em duas delas. A primeira consiste em compreender o ritmo como movimento, passível de ser regido não apenas pelo pulso e pela métrica, mas também por princípios como a ressonância, podendo assumir um caráter aleatório, fluido ou vinculado a métricas pouco usuais ou complexas (no sentido de serem tecidas em conjunto). A segunda refere-se à necessidade de uma estrutura sonora que assegure a comunicatividade da linguagem musical.

Para a elaboração de jogos baseados no conceito de paisagem sonora¹⁸, perguntam-se quais sons os bebês escutam diariamente na creche? Quais sons escutam na sala dos bebês? Que

18

Termo cunhado por Murray Schafer (2011), que envolve os fenômenos sonoros que circundam o homem, e são também produzidos e modificados por ele.

sons os bebês escutam enquanto participam das intervenções musicais? E enquanto estão no parque, no banho, no almoço, nos lanchinhos? De que sons é constituída a sonoridade da sala no momento do soninho? Como sentem (escutam) essa paisagem sonora nesse momento?

A escuta de obras de compositores contemporâneos, tais como Ligetti, Berio, Redolfi, Denise Garcia, Flo Menezes entre outros, constitui outro eixo essencial do projeto. Essa escuta de obras é sempre feita com movimentos fluidos que podem ser agenciados pela pesquisadora ou pelo bebê.

No campo do movimento, as orientações advêm da Teoria do Movimento de Laban (1978; 1990), que discorre acerca da qualidade do movimento, estruturada em quatro fatores principais: fluência, espaço, peso e tempo, que se referem às direções, níveis, planos espaciais e de fluxo do movimento. A experiência de movimento que Laban sugere envolve o sujeito como um todo, e “ensina” o corpo. O aspecto que se destaca, no trabalho com bebês, refere-se principalmente ao fluxo/fluência, níveis e espaços do movimento.

Em relação ao movimento corporal, os gestos feitos pelo bebê, para produzir sons, são aqui entendidos como um movimento que pode ser imitado pelo adulto, para instigar a observação do bebê em relação ao seu próprio gesto. Segundo Delalande (1993, 2009), o jogo sonoro nessa concepção é entendido como possibilidade de compreender e descrever as condutas/gestos musicais dos sujeitos (1993; 2009).

Outro ponto central do Miniaturas é a comunicação entre pares. A interação, o compartilhamento e a subjetividade entre os sujeitos da creche, seja bebê/bebê ou bebê/adulto. Pergunta-se, nesse sentido, como os adultos podem ampliar as experiências sonoro-musicais dos bebês, e quais interações emergem em situações de experiências estéticas.

SUMÁRIO

A ênfase das análises do “Miniaturas” recai na exploração vocal e corporal, e principalmente na escuta sem o uso de objetos. Aposta-se nas relações que o bebê pode estabelecer com o sonoro, a partir desse brincar livre, por meio do seu corpo e voz; com os demais bebês e em relação ao corpo-voz do adulto brincante que está junto dele nesses momentos. Orienta-se, portanto, pela relação entre o som e o movimento e a escuta. A partir da escuta dos bebês é que se propõe uma improvisação sonora e gestual.

Não é exigida uma postura dos bebês; não é exigido que fiquem em roda; nem que participem se não estiverem interessados. Os bebês se aproximam e se afastam quando desejam. Têm escolha. Enquanto acontecem as intervenções, os bebês continuam brincando com o que desejam.

A ideia do pouco uso de palavras (não se utiliza nem em comando nem em canções) foi inspirada na afirmação de Gordon (2000) de que as palavras exercem um fascínio nos bebês, de modo que a ênfase acaba recaindo na palavra, e não na música em si. Dessa forma, pouco se utilizam as palavras, e quando são utilizadas, em pequenas composições para voz, o tratamento conferido acaba resultando na perda do sentido semântico das palavras, como acontece frequentemente na música contemporânea.

No Miniaturas, as sonorizações vocais dos bebês não são utilizadas para analisar o desenvolvimento cognitivo-musical dos bebês, mas como ganchos para pequenas improvisações baseadas em imitação, respostas ou contrastes, ou ainda tomada como matéria-prima para a elaboração de jogos de escuta. Brincadeiras sonoras, vocalizações e improvisações são gravadas e apreciadas em autofalantes, como em uma instalação sonora.

As ações espontâneas dos bebês geram três tipos de atividades básicas e fundamentais no Projeto:

SUMÁRIO

SUMÁRIO

- Pequenos improvisos vocais da pesquisadora a partir da vocalização ou balbúcio dos bebês;
- Jogos vocais cumulativos; nos quais a pesquisadora, atenta às sonoridades produzidas pelos bebês, imita-os, acumulando-os aos novos sons que vão surgindo.
- Imitação, pela pesquisadora, dos movimentos corporais e dos sons vocais realizados por um bebê;
- Imitação dos movimentos corporais do bebê, que, por sua vez, orientam improvisações vocais ou corporais por parte da pesquisadora.

Adessi destaca o valor dessas improvisações livres vinculadas ao universo do bebê, afirmando que “vocalizações mais repetitivas com ritmos culturalmente codificados e afinação parecem estimular menos a criança do que os jogos vocais, que entram em sintonia com a criança numa improvisação livre de estilo vocal” (2012, p. 27).

As intervenções foram desenvolvidas em um Centro de Educação Infantil (CEI), da Prefeitura Municipal de São Paulo, localizado na Zona Sul da cidade, que atende crianças de 0 a 3 anos de idade. O CEI, inaugurado em 1990, se caracteriza pelo espaço aberto à pesquisa, e por receber formação em contexto dos seus profissionais desde 2002, quando se integra ao Grupo de pesquisa em educação da infância da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), coordenado por Tizuko Morchida Kishimoto e Monica Pinazza. Segundo o Projeto Político Pedagógico (2018), a parceria entre a acadêmica e o contexto impactou na qualidade do atendimento educacional infantil prestado no CEI, retroalimentando a formação e a atuação de profissionais e de pesquisadores dos contextos de creche, como se pode notar pelas teses de Freyberguer (2005), Filgueiras (1998) e Tormin (2014), cujo contexto de pesquisa foi o CEI em questão.

Figuras 1, 2 e 3 - Centro de Educação Infantil (CEI)



Fonte: elaboradas pela autora.

Na ocasião das intervenções, o Berçário I contava com sete (7), cinco (5) do sexo masculino e dois (2) do sexo feminino, compreendendo a faixa etária de um ano e dois meses e um ano e quatro meses de idade.

Quadro 2 – Alunos do Berçário I

Bebê	Data de nascimento	Idade na ocasião da pesquisa
Danilo	26/05/2016	1 ano e 3 meses
Davi	09/05/2016	1 ano e 3 meses
Mariana	28/04/2016	1 ano e 4 meses
Martin	19/06/2016	1 ano e 2 meses
Matheus	25/04/2016	1 ano e 4 meses
Pedro	07/04/2016	1 ano e 4 meses
Isabel	Sem dados	Sem dados

Fonte: elaborado pela autora.

Dois bebês frequentavam a creche somente no período da manhã; um desses bebês não participou de nenhuma intervenção e o outro participou de uma apenas. Os dois, entretanto, estiveram presentes durante a apresentação do Espetáculo, pois este foi realizado na parte da manhã. A grande maioria dos dados refere-se

aos cinco bebês que frequentavam o período vespertino, todos do sexo masculino. No entanto, os bebês faltam muito por não estarem bem de saúde. De modo que poucas intervenções foram desenvolvidas com os cinco.

Foram realizadas quinze (15) intervenções iniciadas em junho, sendo realizadas uma vez por semana, geralmente às quintas-feiras, entre 14h30' e 15h30'. Algumas foram feitas em outros dias da semana por conta de feriados e emendas.

2.1 INTERVENÇÕES

2.1.1 INTERVENÇÃO 1

Experiências Sonoras: exploração sonora de um pianinho de brinquedo levado pela pesquisadora e elaboração de vivências com o conceito de “Estrutura Sonora” de John Paynter.

Nesta intervenção, os bebês exploraram o pianinho e a pesquisadora trabalhou, com base na ideia de “Estrutura Sonora” (Paynter), as linhas do objeto, aproveitando os gestos de exploração dos bebês para gerar algumas sequências sonoras.

Num primeiro momento, a pesquisadora apenas observou a exploração dos bebês; em um segundo, passou a imita-los.

Os gestos dos bebês consistiam em golpear o teclado com as duas mãos e percutir as teclas com apenas um dedo. Foram elaboradas sequências sonoras, elaboradas a partir dos gestos sonoros dos bebês e da ideia de estrutura sonora de Paynter:

- Som contínuo vocal sem dinâmica, seguido de glissando no teclado do pianinho.

SUMÁRIO

- Som contínuo vocal, seguido de uma escala pentatônica descendente à direita do pianinho; mantém um som grave, seguindo a linha da base do pianinho, e segue a linha da lateral esquerda do pianinho, cantando os graus da escala pentatônica ascendentemente, terminando com um som contínuo da linha da base superior do objeto.
- *Clusters*¹⁹ intercalando as mãos; ora com a direita, ora com a esquerda, culminando num *cluster* com as duas mãos.

Interessante notar como os bebês alternam seus gestos exploratórios com a observação da ação da pesquisadora.

Logo, o pianinho estava no chão e os bebês estavam sobre ele. A ideia de estrutura sonora com linhas vocais foi substituída pela exploração de sons percutidos e golpeados (alguns bebês subiram no objeto e golpeavam com os pés).

Alguns trechos da filmagem foram gravados em Mp3 e utilizados como material de escuta em outras intervenções.

2.1.2 INTERVENÇÃO 2

Experiências Sonoras: Imitação da vocalização dos bebês com movimentos corporais fluidos da pesquisadora e entoação de peças vocais elaboradas pela pesquisadora a partir dos nomes dos bebês.

A intervenção teve início com um movimento fluido da pesquisadora, que imitava também os sons vocais dos bebês. Matheus faz logo no início uma bonita lalação, que foi gravada e aproveitada para o trabalho de escuta em outra intervenção.

19

Cluster, em música, indica um agrupamento de três ou mais sons, tocados simultaneamente, criando uma dissonância intencional.

Davi vocaliza “bruuuuu” com a boca, e repete com frequência esse som, que é imitado pela pesquisadora. Logo, Matheus acaba imitando o mesmo som de Davi, demonstrando que o bebê está atento às sonoridades do ambiente. Percebem que ela os imita e vocalizam mais, sorrindo.

Nesta intervenção, interpretaram-se, também, as pequenas peças vocais intituladas “Peça dos nomes”, que são pequenas composições que a pesquisadora elaborou com os nomes de cada bebê. Os bebês ficaram atentos aos movimentos da pesquisadora, mas não se observou nenhuma correspondência entre o que era feito na canção e o que os bebês balbuciavam.

Nessa intervenção, ocorreu pela primeira vez o jogo da bola (estrutura sonora), inventado por Matheus. A pesquisadora, rolando a bola entre as mãos, repetia o guem-guem-guem de Matheus, e depois soltava a bola no chão, entoando um som contínuo.

Matheus está focado nas mãos da pesquisadora, que faz gestos fluidos conforme os sons da música. Poucos minutos depois, repete o gesto, imitando o movimento. Mesmo quando a pesquisadora se afasta dele, ele olha para suas próprias mãos, e faz novamente o gesto fluido.

Ouve-se um lindo canto espontâneo de Matheus, e, então, ele retoma o movimento das mãos. Provavelmente imitando a pesquisadora, já que está se movimentando fluidamente com foco nas mãos e braços.

2.1.3 INTERVENÇÃO 3

Experiência Sonora: Escuta da gravação do som dos pedais de uma motoca do parque (gravado previamente); imitação do

som com acompanhamento de linhas de objetos da sala (estrutura sonora). Escuta ativa do Cd de Arianna Sedioli²⁰.

Dessa intervenção, participaram três bebês: Pedro, Danilo e Matheus.

Estrutura Sonora - Gravação do som dos pedais da motoca do parque, gravados bem de perto. Pesquisadora coloca para reproduzir (minuto 2':00"). Aproveita o almofadão, que é forrado de corvim (material sintético que imita couro), e passa a esfregar a textura no mesmo movimento do som gravado.

No tempo 3':40" (= ou -), há uma intersubjetividade entre Matheus e Pedro. Enquanto a pesquisadora está brincando com Danilo, acontece um evento intersubjetivo entre Matheus e Pedro. Os dois estão bastante curiosos quanto ao aparelho celular que está em um suporte afixado no vidro da janela.

Matheus está curioso com o celular desde a primeira intervenção. Nesse momento, aponta para ele, e estabelece um diálogo com Pedro, que também caminha em direção ao aparelho, e responde a Matheus.

Matheus diz bem alto, apontando para o aparelho:

— Ah Da daaaaa. Repete: - Da, dáaaaaaa.

Pedro responde, num tom bem mais baixinho, apontando para o celular:

— Eiiiiii!

Matheus repete:

— Da, dáaaa! - Olhando para Pedro, e apontando para o celular.

No tempo 3':24", Pedro parece querer "falar" com a pesquisadora ou "mostrar" a Matheus que o celular é da pesquisadora, pois vira apontando para ela, olhando para Matheus logo em seguida, dizendo: - Uauá...

Matheus olha bem para Pedro, e diz:

— Dadada!

Pedro aponta novamente para o celular, e responde:

— Dadá (3':29").

Enquanto isso, concomitantemente, um momento bonito entre pesquisadora e Danilo ocorre.

É interessante observar como ocorrem momentos ricos simultaneamente. Enquanto ocorria um momento de intersubjetividade entre a pesquisadora e Danilo, acontece outro, entre Pedro e Matheus; esses eventos não tinham o mesmo propósito. Entre a pesquisadora e Danilo, ocorria um momento de estimulação sonora vocal (por parte da pesquisadora) e facial (para Danilo – que explorava a face da pesquisadora). Danilo chega a abrir a boca da pesquisadora, olha com muita atenção por dentro para ver se "encontra" o som.

Danilo está perto da mãe, que, nesse dia, foi buscá-lo mais cedo. Está sendo reproduzido o CD de Arianna Sedioli (Faixas 1 e 9); a pesquisadora se aproxima do bebê, tapando o rosto com as mãos e abrindo as mãos quando o prato soa (CD de Arianna Sedioli – faixa 9), fazendo uma expressão de surpresa. Danilo se interessa. Observa sorrindo.

Começa sua exploração pelo rosto da pesquisadora. Passa as mãos pelo rosto, apertando em alguns momentos. Quando a pesquisadora escuta a "conversa" de Matheus com Pedro, imita-o, mesmo de longe. Nesse momento, Danilo abre a boca da pesquisadora, e

SUMÁRIO

procura o som lá dentro. Seu rosto evidencia uma concentração total e muito interesse!

Matheus e Pedro se voltam para a pesquisadora. Matheus vocaliza frequentemente “bababuuu; bababuuu”, como um padrão, e Pedro observa atentamente o que está se passando. Depois da brincadeira com Danilo, a pesquisadora repete o padrão de Matheus, que a olha com muito interesse e sorri.

Percebe-se como a imitação é importante para os bebês, e acontece entre eles também:

Matheus estava deitado de barriga para baixo sobre um colchonete, apoiando apenas o tronco, enquanto as pernas permaneciam fora e balançavam. Danilo, observando atentamente, aproximou-se, e, assim que Matheus se afastou, imitou exatamente o mesmo movimento.

Os bebês demonstraram interesse, e já estavam confiantes com a pesquisadora. Não houve nenhum momento de choro ou estranhamento.

2.1.4 INTERVENÇÃO 4

Experiência Sonora: Relação som e movimento, com música ao vivo (violino).

Nessa intervenção, a filha da pesquisadora participou. Lorena estava com 11 anos de idade, na ocasião, e estudava violino há quatro anos na Escola Municipal de Iniciação Artística (EMIA). Ela acompanha a mãe quando sua agenda permite, principalmente nos espetáculos para bebês. Desde cedo, participou como integrante de grupos de musicalização infantil ministrados pela pesquisadora, estando, portanto, bem familiarizada com a proposta criativa e com o conceito musical de compositores contemporâneos.

Essa intervenção teve como base a improvisação livre de Chefa Alonso, e teve como objetivo principal a apreciação musical contemporânea por parte do bebê.

Iniciou-se a intervenção trabalhando-se a relação do som e do movimento. Lorena tocava seu instrumento, fazendo pausas (momentos de silêncio) e combinações de sons curtos, longos, fortes, fracos, agudos, graves, além de glissandos descendentes e ascendentes; enquanto a pesquisadora fazia movimentos corporais que correspondiam aos sons.

A segunda atividade consistia no uso combinado de gesto e voz pela pesquisadora (papel de regente, mas livre para usar a voz), enquanto Lorena tinha de "responder" a esses sons e gestos com seu violino.

Para a terceira, formamos um duo de movimento e som (vocal e instrumental), e interpretamos as composições dos Nomes dos bebês.

Aproximadamente no meio do vídeo, há uma vocalização de Matheus: – É déééééé... Nananan...

Um fato interessante aconteceu durante essa intervenção. Matheus pegou uma bola grande e a entregou para a pesquisadora. Gostava muito da bola e de repetir o jogo sonoro que ele inventou no segundo dia de intervenção, quando vocalizou "Guem guem guem", rodando uma bola (média – do tamanho da de futebol). Nesta intervenção, a pesquisadora acrescenta o "guem, guem, guem", assim que recebe a bola de Matheus numa pequena improvisação que estava fazendo – improvisação gerada a partir da vocalização de Matheus: É déééééé (ascendente sonoramente e com os braços)... Nanananannn... (descendente, sonora e corporalmente, com os braços).

Matheus ficou feliz porque a pesquisadora brincou com a bola que ofereceu, e foi buscar outra. Dessa vez, uma bolinha pequenina,

SUMÁRIO

SUMÁRIO

de massagem. A pesquisadora aceita a bolinha, e faz “guem, guem, guem’ num tom mais agudo. As bolas correm pelo chão da sala enquanto a pesquisadora repete a improvisação. Davi se apressa em pegar a bola média, e está a brincar com ela. No momento em que a pesquisadora chega à parte do ‘Guem, guem, guem’ agudo, Matheus busca a bolinha pequena, e a entrega rapidamente à pesquisadora. Esse fato evidencia que Matheus entendeu a brincadeira de associar o som grave à bola maior e o som agudo à menor. Tais associações merecem ser investigadas mais a fundo. Ao mesmo tempo em que podem favorecer um aprendizado integrado, incorrem em associações, e geram mitos muitas vezes discrepantes e sem nexo no contexto da educação musical.

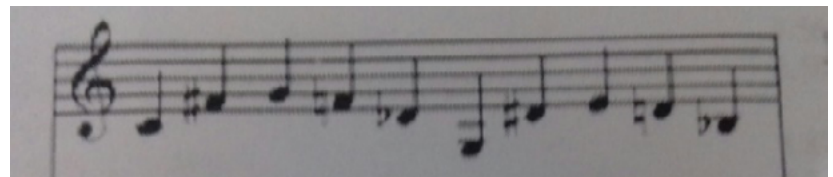
Trechos desse material foram selecionados e gravados em CD, como material para escuta em intervenções posteriores.

2.1.5 INTERVENÇÃO 5

Experiência Sonora: 1) Entoação de pequeno trecho melódico atonal seguido de imitação das sonorizações dos bebês, como um jogo de acúmulo. 2) Exploração Sonora – Jogo das Saboneteiras.

Na primeira parte da intervenção, a pesquisadora entoa um trecho melódico (uma linha) atonal, acrescentando-lhe as vocalizações dos bebês, como num jogo de acúmulo.

Figura 4 – Trecho melódico atonal



Fonte: TREHUB, 2014, p. 42.

Danilo inicia uma exploração sonora ao explorar tatilmente o rosto da pesquisadora, enquanto ela lhe canta uma melodia atonal direcionada especificamente a ele.

A pesquisadora está sentada bem em frente a ele, e, enquanto canta, Danilo começa a passar a mão no rosto da pesquisadora; ele parece procurar alguma coisa no rosto; então, volta-se à sua própria boca e começa a balançar os lábios com os dedos e fazer brum-brum. A pesquisadora o imita e ele volta a tocar no rosto da pesquisadora; vai em direção aos lábios, abre a boca com as duas mãos e olha dentro. Assim como tem curiosidade de manipular um instrumento musical ou um objeto sonoro, Danilo tem curiosidade de manipular a boca por dentro porque sabe que ela é a fonte do som que está sendo produzido.

Mais uma vez, aqui se destacam as relações de aprendizagens que se dão nesse contexto. Enquanto Danilo produz sons vocais, explora a boca e os lábios da pesquisadora, experimentando sensações táteis e sonoras, Matheus se mantém num jogo que ele mesmo estabeleceu um pouco antes com a pesquisadora, onde levantava cubos com um movimento ascendente de corpo, procurando reproduzir o movimento ascendente vocal realizado pela pesquisadora anteriormente (com um aaaaaaaaaa), seguido de um movimento de corpo descendente, que culmina num PA! (batida do puf no chão). A canção era entoada antes do jogo. A pesquisadora já estava com Danilo, mas Davi se mantinha no jogo, repetindo sozinho os mesmos gestos e sons.

Pedro e Davi parecem estar brincando com os brinquedos que estão segurando, no entanto, o olhar dos dois bebês demonstra que estão observando a dupla bebê-pesquisadora.

Na segunda parte da intervenção, foi oferecido um jogo de saboneteiras sonoras previamente preparadas. Os bebês demonstraram grande interesse em explorar o conjunto de saboneteiras.

SUMÁRIO

Colocavam os objetos no ouvido para escutá-los! Faziam expressões de dúvida, de interrogação quando “sua” saboneteira não fazia som (algumas saboneteiras estavam vazias propositalmente).

Assim que a pesquisadora dispõe, no chão, a cesta de vime contendo as doze saboneteiras previamente preparadas com algum material dentro ou vazias e devidamente lacradas, os bebês se achegam muito rapidamente. Chocalham com pouco ou muita intensidade, e fazem investigação entre uma e outra.

2.1.6 INTERVENÇÃO 6

Experiência Sonora:

- 1) Entoação (sem palavras), por parte da pesquisadora, do canto de Maria Luisa (vocalizações espontâneas realizadas por bebês, sujeitos da pesquisa de Foloni (2010), e transcritas em notação tradicional aproximada (FOLONI, 2010, p. 201);
- 2) Exploração sonora de tambores;
- 3) Jogos de imitação, por parte da pesquisadora, da vocalização de bebê acrescida de glissandos.

A pesquisadora entoava a canção de Maria Luisa. A Pesquisadora cobre a cabeça com lenço e ento a melodia. Matheus vai puxando o lenço; ao sair completamente, a pesquisadora interrompe o canto. Ele sorri muito feliz! A pesquisadora pega outro lenço e cobre a cabeça novamente, começando a cantar a mesma melodia. Mais rápido agora, Matheus puxa o lenço e sorri feliz! Coloca o lenço na sua própria cabeça agora. Tira o lenço e sorri. Coloca novamente. Danilo e Pedro não tocam nos lenços, mas observam atentamente Matheus. Estamos muito próximos uns dos outros. E a observação é a maneira como Pedro e Danilo vivenciam essa experiência.

Logo, o jogo passa a ser o seguinte: Pesquisadora imita a vocalização que Matheus faz e o jogo passa a ser o seguinte:

- Cobre o rosto, vocalizando Pããããããã... quando Matheus tira o lenço faz um glissando descendente.

Nesse momento, Danilo tira o lenço da pesquisadora. Pedro tosse e a pesquisadora o imita. Os três bebês acham graça e sorriem. Matheus imita, tossindo também.

Matheus se cobre com o lenço e vocaliza Pããããããã... Ele mesmo tira o lenço de sua cabeça e sorri! A brincadeira do lenço ainda continua por mais alguns minutos e os bebês começam a se dispersar.

Entra o tambor para fazer uma introdução à entoação da melodia. O interesse dos bebês se renova. A pesquisadora entrega os tambores para exploração. Uma vez ou outra entoa a melodia.

2.1.7 INTERVENÇÃO 7

Experiência Sonora:

- 1) Escuta de Música contemporânea gravada – Luciano Berio (*Sequenza III*) com movimentos fluidos feitos nos tecidos de organza.

Nesta intervenção, a ideia era não interferir na peça escutada. Apenas ficávamos balançando fluidamente o tecido, sem voz. Martin ficou no colo da pesquisadora. Matheus no colo da pesquisadora; Danilo e Pedro ficaram brincando com o tecido. Todos estavam tranquilos.

Os movimentos foram feitos com um tecido azul de organza. Ouvem-se vários “a (s)” durante a escuta. Matheus vem para o colo da pesquisadora, que o nina. Entramos embaixo do tecido. A música termina e alguns trechos são interpretados pela pesquisadora.

Segue-se a entoação do padrão: trecho da peça, silêncio, entoação de i (agudo e longo) e Pá com movimento das mãos.

Os bebês vocalizaram pouco. Estavam concentrados, observando. Quase no final da intervenção, Davi e Matheus estão fazendo os movimentos do padrão com as mãos.

2.1.8 INTERVENÇÃO 8

Experiência Sonora:

- 1) Escuta de gravação e apreciação de performance (a mesma peça foi gravada, cantada pela pesquisadora e tocada no teclado);
- 2) Música contemporânea + movimento com agência da pesquisadora;
- 3) Reprodução de trechos selecionados de vocalizações dos bebês.

Nessa intervenção, Matheus imita os movimentos da pesquisadora lindamente!! Uma cena linda de ser ver! Os primeiros minutos valem a análise!

Depois de duas vezes de escuta – uma feita no plano baixo, outra no plano médio e alto, a pesquisadora passa a entoar uma peça vocal. Depois, uma peça, até então entoada pela pesquisadora, é reproduzida pelo celular. Esse fato gerou um interesse novo nos bebês.

É interessante perceber o interesse gerado nos bebês pelo fato de reconhecerem que a voz (gravada) era a da pesquisadora.

Assim como Beyer (2004, p. 106), Stiff observa que ouviu pouco o canto dos bebês durante os encontros (p. 181). As análises dos vídeos também demonstram pouca imitação da entoação das

peças atonais por parte dos bebês; no entanto, a professora do berçário, Miriam, afirmou que nunca tinha ouvido os bebês fazerem os sons que estavam fazendo depois que começaram as intervenções. Disse que os bebês entoam muitas vogais, A, E e I e sequência de Ba, Pa, "s", "x" e "Z", tal como se faz durante as intervenções.

O movimento de rolar no chão também exerceu interesse nos bebês, e continuou durante as próximas atividades.

A pesquisadora ainda tinha como foco a canção, ora cantada, ora reproduzida no celular. Mas acontece um jogo inventado por Danilo com a bola.

2.1.9 INTERVENÇÃO 9

Experiências Sonoras:

- 1) Entoação de improvisações vocais e padrões rítmicos com movimento fluidos agenciados ora pelo bebê, ora pela pesquisadora.
- 2) Estrutura sonora com objetos trazidos pelo bebê.

O objetivo desta intervenção era trabalhar estruturas sonoras a partir das propostas dos bebês e entoação de improvisações vocais e padrões rítmicos com movimentos fluidos agenciados ora pelo bebê, ora pela pesquisadora. Neste dia, somente Martin estava presente, e, talvez por isso, tenha tido um alto nível de envolvimento durante as atividades.

O plano da aula consistia em aproveitar as brincadeiras dos bebês como "ganchos" para a realização das estruturas sonoras e improvisações vocais.

Pesquisadora começa deitada no chão. Imóvel. Como um objeto propositor. Martin observa e procura olhar por baixo da

SUMÁRIO

pesquisadora pra ver o que está acontecendo. Quando a pesquisadora olha para ele, sorri. Levanta e vai pegar um brinquedo que está perto dele no chão. A pesquisadora começa a improvisar sequências de estruturas sonoras com os brinquedos que ele tem em mãos. Martin se interessa imediatamente. A pesquisadora começa a cantar um padrão (uuuuuuuuuuu (começando mais forte e terminando mais fraco / / Pá Pá!), e Martin continua a brincar com os brinquedos da creche. Nesse momento, ele se vira e vocaliza:

— Aba, Aba (Pausa) – Baba.

Pesquisadora repete.

Pesquisadora entoa o padrão do início da aula. Faz uuuuuuuuuu, e Martin responde:

— PáPá!

Martin sorri, e não entoa mais o “PáPá”;

Dirige-se ao colchonete do outro lado do berçário, e começa a fazer o jogo do “HãHã” com o corpo. Percebe-se que toda vez que Martin está muito feliz, se divertindo, durante as intervenções, ele pede para fazer o jogo que ele inventou. Parece lhe trazer um prazer muito grande. Ele até gargalha. Sai dali para mostrar algo para a professora Miriam. Pega um tambor e o entrega para a pesquisadora, dizendo PáPá! Leva o tambor para a professora, que o percute, fazendo um padrão rítmico. Ele sorri, mas não reproduz o padrão. Volta para o colchonete. Ele pega um brinquedo que tem uns dados dentro e faz som. A pesquisadora vem em direção a ele, traçando uma linha no chão com um som contínuo até alcançar o brinquedo.

É importante ressaltar que não há comando nenhum. Em nenhum momento é usada a palavra. A não ser as sílabas neutras e onomatopeias. Não há nenhuma palavra com letra, nem uso da linguagem oral para estabelecer contato ou comando. Tudo acontece pela linguagem sonoro-musical e pelo movimento.

Quase no fim desse áudio, tem-se a escuta de *Sequenza III*, de Luciano Berio. A música é colocada, mas a brincadeira continua normalmente. A peça é colocada somente para chamar atenção da escuta de vez em quando.

É interessante notar como Martin para o que está fazendo para olhar para o aparelho de som, quando o que está sendo reproduzido lhe chama atenção. Ele suspende o movimento, olha em direção ao som. Agora se movimenta, parecendo que quer dançar.

A pesquisadora pega um lenço. Martin tem medo do lenço. Vai buscar outro brinquedo. Ele volta para o colchonete, e pede o jogo dele novamente. E, assim, terminamos a intervenção.

2.1.10 INTERVENÇÃO 10

Experiências Sonoras:

- 1) Jogo de escuta que se inicia com silêncio e movimentos fluidos, intercalados pela escuta da gravação da paisagem sonora da creche e de algumas passagens do cotidiano dos bebês (almoço, parque e banho) e pausa no movimento corporal. A agência dos movimentos é dos bebês;
- 2) Escuta da paisagem sonora da creche no Solário, sem o uso de gravação.

A escuta da paisagem sonora da creche, gravada previamente, inicia com silêncio e movimento, intercalados pela gravação. A agência dos movimentos é dos bebês. No primeiro momento, um bebê agência os movimentos corporais. Suspende frequentemente o movimento para ver de onde vem o som. Olha atentamente para o aparelho. Procura dentro da câmera. Depois retoma os movimentos, olhando para a pesquisadora, instigando-a a continuar o jogo.

Os outros dois bebês fixam atentamente o olhar. São excelentes observadores. Ora observam o bebê que agencia o movimento, ora observam a pesquisadora. Ora procuram “de onde vem o som”.

A gravação é bem longa (7:11”)²¹; os bebês ficam o tempo inteiro no colo da professora, mas não desviam o olhar - fixam o tempo todo na ação da pesquisadora e do bebê, que está agenciando o movimento.

Este bebê que agencia o movimento demonstra alto envolvimento e bem-estar, e está seguro. Os outros dois não saem do colo da educadora, mas não desviam o olhar da cena que se desenrola entre pesquisadora e bebê agenciador do movimento. Assim que os sons se tornaram eletrônicos ou do cotidiano, os bebês passaram a sorrir e começaram a se soltar, querendo descer do colo da professora. A música passa a ser de sons /ruídos. Quando começa a voz, a pesquisadora passa a “vocalizar” junto, e eles começam a sorrir e a interagir, demonstrando que a afetividade tem um grande impacto na apresentação desse repertório. Martin passa a interagir. Pede para fazer o jogo dele. Começa a fazer movimentos, e pede que eu repita. Acha graça. Está feliz. A pesquisadora começa a chamar atenção para a gravação. Pausando e continuando a peça. Eles demonstram estar ouvindo, pelos olhos atentos e focados.

Encerrada essa primeira etapa, saímos para o Solário para escutarmos sons sem uso de gravação. É um terraço pequeno, com grade e portão para impedir que os bebês o abram sozinhos. Alguns bebês ficaram em pé; outros se sentaram assim como a pesquisadora. Logo depois, um caminhão passou na rua, fazendo um som bem alto. Instiguei a escuta daquele som. Os bebês silenciaram e abriram bem os olhos. Davi e Matheus colocaram os indicadores em riste e diziam: Ó! Ó!

Eu disse: - Som do caminhão.

Davi começou a repetir: - Minhão? Minhão?

Alguns carros e ônibus começaram a subir a rua, e começamos a diferenciar os sons por essas categorias: carros, ônibus e caminhão.

Ao lado do Solário dos bebês, fica o Solário do Berçário II. A porta também estava aberta, e, muito embora não houvesse nenhuma criança nele, dava perfeitamente para ouvir os sons que produziam. O som de uma menina, especificamente, chamou a atenção de Martin, que começou a colocar o indicador em riste. Imediatamente Davi começou a dizer: - Nina, Nina...

Incluímos a voz da menina em nossa categorização de sons. Ficamos ali por aproximadamente 15' que se passaram depressa! A professora afirmou que, depois desta intervenção, todas as vezes que os bebês saiam por aquela porta, paravam e convidavam os amigos a escutar os sons da rua!

2.1.11 INTERVENÇÃO 11

Experiência Sonora:

- 1) Apreciação de música contemporânea gravada, acompanhada de movimentos feitos com almofadas e estátua quando a música é pausada.

O foco dos bebês parece ser o objeto; no entanto, eles param imediatamente assim que a música é pausada, demonstrando que estão ouvindo. Parece que a música, nessa brincadeira, serviu para "criar um clima" de movimentos amplos e leves. Esse tipo de atividade deve, portanto, ocorrer em forma de espetáculo. Para os bebês assistirem e interagirem. A música, de certa forma, cria um contexto – um clima - que leva a determinados movimentos.

Martin sonoriza através dos colchões empilhados, que estão num canto da sala de música, imitando um jogo que a pesquisadora inventou. Mais uma vez, aqui se observam experiências diferentes acontecendo simultaneamente. Enquanto os demais bebês dançam livremente com as almofadas, Martin está relembrando um jogo inventado em aulas anteriores.

A sala é pequena e os bebês parecem estranhar um pouco o ambiente. Ficam olhando tudo ao redor. Stifft (2008) narra o estranhamento dos bebês quando se mudaram de sala (p. 176). Isso aconteceu também com os bebês, sujeitos desta pesquisa. Ficaram sérios, alguns queriam sair da sala; o que demonstra que aquilo que é diferente/novidade causa ou estranhamento ou interesse/curiosidade.

2.1.12 INTERVENÇÃO 12

Experiência Sonora:

- 1) Exploração e invenção sonora por meio de teclados de computadores. A *Sequência* n. I, peça para flauta de Luciano Berio, foi colocada “de fundo” como ambientação para o jogo;
- 2) Projeção de frequências sonoras em uma grande tela a fim de visualizar o movimento do som.

Foram entregues teclados de computadores a cada um dos bebês. E a música foi colocada como fundo. Esse jogo serviria como escuta para outras intervenções, no entanto, não foi gravado por problemas no aparelho celular da pesquisadora. Infelizmente, não há nenhum registro em vídeo ou fotos dessa intervenção. A segunda parte dessa intervenção consistia em projetar, em uma grande tela, a frequência de algumas vocalizações dos bebês, produzidas em intervenções anteriores e passadas para o programa *Audacity*,

programa que mostra a frequência por meio de gráficos coloridos e que se movimentam.

Os bebês, nessa ocasião, já estavam mais crescidos, e falavam:

- Nenê
- Óóó (com os dedinhos erguidos, mostrando para a pesquisadora que estavam escutando).

É interessante observar que uma das vocalizações era de Matheus; e, assim que ele a ouviu, disse: - Menino...

Não posso dizer que reconheceu sua voz, mas algo o tocou, porque, nas demais ocasiões, ele não fez nenhum comentário.

2.1.13 INTERVENÇÃO 13

Experiência Sonora:

- 1) Movimento de corpo e entoação de padrão rítmico com objeto.

Nesse dia, ao chegar à creche, os bebês estavam no parque. A professora estava arrumando um brinquedo (um brinquedo construído de sucatas - fios onde várias tampinhas de garrafas estavam presas a um suporte), e os bebês brincavam livremente. Matheus estava observando, e tentando interagir com as crianças do berçário II; de onde estava, dava para ver essa sala. Martin estava com uma cenoura de plástico nas mãos. E Pedro estava sentado no chão, explorando alguns objetos do Parque Sonoro.

Assim que me viram, olharam ao redor rapidamente a fim de procurar algo para me mostrar.

Olhavam de um lado para outro, vocalizando ó ó ó ó.

Pedro estava no Parque Sonoro*. Assim que me viu, pegou um pauzinho e começou a percutir em um objeto (que parecia estar fazendo a função de um prato). Olhava para mim com os olhos bem abertos, e olhava para o objeto.

Martin veio depressa com uma cenoura de plástico nas mãos. Começou a vocalizar ó ó ó ó. Virou-se depressa olhando ao redor. Parecia querer encontrar alguma coisa para me mostrar. Seus bracinhos se movimentavam bastante, e ele quase corria. Passou então a balançar os fios do brinquedo que a professora arrumava. Parecia muito feliz em me ver. Balançava-os, e parecia querer “falar” com os olhos. Seus olhos mostravam muita vivacidade; tinham um brilho intenso e estavam bem abertos. Mexia o corpo todo enquanto balançava os fios.

Enquanto isso, Matheus correu ao meu encontro. Ao lado do brinquedo de fios, havia uma poça d’água (nesse dia havia chovido pela manhã). Ele olhou para mim, feliz, sorrindo, dizendo: - Água!!

Fez menção de pisar na poça, no que foi imediatamente seguido por Martin, (creio que um rico trabalho sonoro poderia ter sido desenvolvido naquele momento), mas foi desencorajado pela professora. Os sapatos molhariam e as mães dariam broncas.

Pedro continuava a chamar a pesquisadora, que começou a improvisar no objeto que ele percutia. Mas não havia ninguém para gravar. Portanto, não se tem registro em vídeo desse evento; evento este alinhado inteiramente às perspectivas do “Miniaturas”, uma vez que os bebês estavam livres, em ambiente externo, muito interessados e ansiosos por me mostrarem suas descobertas.

A professora considerou melhor fazer a intervenção na sala do berçário, alegando a dificuldade de “segurar” os bebês ali.

Ficou decidido, então, levar os bebês para a sala, e fazer uma intervenção na parte interna. Eles acompanharam a pesquisadora,

SUMÁRIO

mas seus rostinhos demonstravam dúvida; pareciam querer perguntar: - Por que temos de entrar?

A professora se manteve arrumando o brinquedo no parque. Disse que estava fazendo terapia, e, caso precisasse, poderia chamá-la.

Ao lembrar o episódio, me sinto decepcionada pela decisão tomada. A intervenção devia ter sido realizada no parque, mesmo sem filmagem, porque era ali que os pequenos queriam ficar. A intervenção desse dia está registrada em vídeo, e demonstra que os bebês têm um senso de flexibilidade grande; se adaptam e tentam aproveitar o máximo das experiências vivenciadas; mas, demonstra também que sabem o que querem; têm opinião; têm interesses. E, infelizmente, não foram ouvidos. Deu-se mais atenção ao fato de não se poder gravar a intervenção e ao fato de a professora ter pedido para que se entrasse do que ao interesse deles.

A atividade dentro da sala do berçário consistiu em movimento de corpo rítmico, sem objeto e com objeto.

A pesquisadora movimenta o corpo mais ritmicamente nesta intervenção. Os bebês observam. Matheus tenta imitar.

Matheus estava virado para o lado quando ouviu a pesquisadora "galopar" (com sons vocais) uma boneca sobre um golfinho grande que fica no canto da sala. Virou rapidamente a cabeça; olha para o que a pesquisadora está fazendo, mas volta a olhar para alguma coisa que tem nas mãos. Fica mais 6 segundos assim, e vira-se novamente para a pesquisadora. Tira as bonecas de cima do golfinho, e sobe nele. Faz movimentos corporais que parecem querer acompanhar o pulso do "galope" da pesquisadora. Continua fazendo os movimentos com pernas, troncos, braços e cabeça. Deita-se sobre o golfinho. Parece querer nina-lo. A pesquisadora canta Nin... Nin... Zin... (em intervalo de terça). Martin se aproxima e chama-o, pois quer sentar-se sobre o golfinho também. Matheus fica em uma

SUMÁRIO

SUMÁRIO

ponta e Martin em outra. Matheus se movimenta ritmicamente com movimentos contínuos e ritmados. Suspende o movimento para olhar para Pedro, que, nesse momento, se levanta e quer se aproximar. A pesquisadora retoma o movimento com a boneca, e Matheus repete sempre no silêncio. Matheus aguarda o padrão rítmico ser feito pela pesquisadora; em seguida, faz o seu movimento. Martin observa enquanto a pesquisadora brinca com a boneca e o golfinho, entoadando o padrão rítmico. Depois de 30", sai de onde está, e vai engatinhando até o golfinho. Olha para mim, apontando para o Matheus, que está deitado sobre o golfinho, de modo que ele não consegue subir. Ele chama Matheus cutucando-o com as mãos. Senta-se na ponta do golfinho e inicia seus movimentos. A parte superior apresenta movimentos mais rápidos do que a inferior, dando a sensação de que os membros inferiores estão fazendo o tempo e os membros superiores a subdivisão. Alguns segundos depois seu corpo inteiro faz o mesmo movimento. Chega a quase se levantar do golfinho. Suspende o movimento e chama o Pedro. Parece preocupado com o fato de que o amigo não está brincando junto sobre o golfinho. Pedro tem uma boneca nas mãos, que Matheus quer que seja colocada no golfinho. Volta a fazer o movimento. Suspende o movimento, e volta a chamar o Pedro.

Após a realização dos movimentos rítmicos, foram entoados padrões melódicos a partir de melodias dissonantes. A melodia utilizada refere-se a um trecho apresentado em um experimento feito pela educadora musical canadense, Sandra Trehub (2014, p. 42).

2.1.14 INTERVENÇÃO 14

Experiência Sonora:

- 1) Jogos de Texturas:
 - a) muitas bolinhas, muitos sons; poucas bolinhas, poucos sons.

- b) bolinhas na bacia acompanhando a textura dos sons tocados pela pesquisadora num teclado.

Os dois jogos foram elaborados pela pesquisadora e levados prontos para ser demonstrado em data show no dia da intervenção. Os materiais também foram levados e disponibilizados para os bebês enquanto viam os jogos no Datashow. Esta intervenção foi feita na sala de Música e teve como suporte o projetor.

Foram reproduzidos dois jogos a fim de se trabalhar textura. Em uma bacia, foi colocada apenas uma bolinha, que se movia conforme um único som que foi feito pelo teclado. Depois, foi filmado o movimento de várias bolinhas dentro da mesma bacia, conforme os sons que se tocavam no teclado; nesta atividade, os sons eram feitos em forma de *clusters* (cachos) de sons.

Outra ideia foi o jogo das bolinhas de ping-pong, agora sem a bacia. A bolinha era filmada sendo jogada no chão, quicando. Em seguida, grava-se outra cena, agora com várias bolinhas sendo jogadas ao mesmo tempo. Um som (uma nota tocada no teclado) acompanha a primeira bolinha; vários sons (*clusters*) acompanhavam as bolinhas.

As bacias com bolinhas foram entregues aos bebês, que se divertiram brincando livremente com as bolinhas e bacias. A pesquisadora demonstrava, com os materiais, o que acontecia no vídeo. Os bebês vocalizavam muito, e batiam palmas!

2.1.15 INTERVENÇÃO 15

Experiência Sonora:

- 1) Dança livre com pausas para escuta da paisagem sonora do Pátio externo do CEI.

Essa foi a última intervenção realizada para fins da pesquisa. Transcorreu na sala da música, e consistia em intercalar momentos de dança (com música gravada) e momentos de escuta da paisagem sonora da creche. Os bebês já estavam acostumados a escutarem a paisagem sonora. A professora da sala sempre me dizia que eles vocalizam “muito parecido com o que você faz em aula”, e apontam o dedo, na intenção de chamar a atenção para a escuta, toda vez que passa alguém gritando, cantando ou algum som mais alto vindo da rua.

A turma estava quase completa nesse dia. A aula foi muito divertida. Eles reconheceram o som dos pedais das motocicletas do pátio externo. Imitavam alguns gritos e sorriam muito quando ouviam as vozes das crianças brincando no pátio.

Como a sala de música fica ao lado da brinquedoteca, que, por sua vez, faz parte do salão do refeitório (uma parte do refeitório foi separada para a instalação da brinquedoteca; a divisão é feita com uma estrutura de prateleira de madeira), ouve-se perfeitamente o que acontece no refeitório. Algumas crianças tomavam lanche, e eram repreendidas pelos adultos para que ficassem quietas. Os bebês mudavam de expressão, de alegria para seriedade, quando escutavam uma criança sendo repreendida. Foi bem interessante.

O repertório de escuta musical contemplou composições de Gyorgy Ligeti e Hermeto Pascoal.

Nessa ocasião, os bebês haviam crescido, já falavam algumas palavras (os mais velhos, tais como Davi e Matheus, falavam muitas palavras), e se movimentavam com segurança. Também tinham afeto pela pesquisadora, percebido pelos gestos de carinho (beijos, abraços, pedidos de colo e sorriso), o que facilitava as intervenções, uma vez que agora a pesquisadora fica sozinha com eles. A professora se dispunha, se fosse necessário, mas não permanecia mais durante as intervenções. Aproveitava esse tempo como momento de descanso.

SUMÁRIO

As gravações das últimas intervenções foram feitas pelo meu próprio celular, afixado no vidro da janela. O problema com esse tipo de gravação é que não foca no rosto do bebê. De modo que, em algumas situações, fica impossível fazer a análise do envolvimento conforme a Escala Laervers.

Neste dia, havia muitos materiais na sala de música. Colchões e colchonetes de variadas formas. Havia também um tambor em um dos cantos. Decidi tirar somente o material que julguei que poderia machucar (pequenas cítaras com pregos nas pontas) e outros que poderiam dispersar muito a atenção deles da escuta (uma arara com várias fantasias (roupas e acessórios); uma prateleira com livros e brinquedos sonoros de plaqueta (imitando metalofones). Mas não retirei os colchonetes.

Dois sons gravados chamaram a atenção dos bebês: o som das águas e o som de um berrante. Eles pararam imediatamente de se movimentar para ouvir a música. E reclamavam quando a música acabava, dizendo: Cabô??? Enquanto outros diziam: Mais, mais...

Pedro continuava dançando quando a música retornava. Davi dançava um pouco, depois voltava a brincar. Outros bebês continuavam a brincar de onde haviam parado (antes da escuta). Certo é que todos pausavam o que estavam fazendo para escutar!

Mais ou menos na metade do vídeo, vemos o Danilo dançando! A coisa mais linda!

Matheus pediu para “ver” o aparelho de som. A pesquisadora segura cada um dos bebês no colo, e os coloca perto da caixa do aparelho. Eles olham primeiro para ela e, logo em seguida, colocam o ouvido na caixa.

Quase no fim do vídeo, Pedro começa a fazer o jogo do “Ah, Ah,” de Martin!! Pela primeira vez, e em outro ambiente (o jogo de Martin era sempre feito na sala do berçário), Pedro realiza o jogo, indicando que observou e aprendeu!!

SUMÁRIO

Outro fato interessante que aconteceu nessa intervenção foi a intenção dos bebês de compartilharem a experiência da escuta da paisagem sonora com a professora. Ao terminar a intervenção, deixei-os no parque com a professora. Imediatamente, escutei Danilo, Davi e Matheus se dirigindo à professora com os dedinhos levantados, dizendo:

- Óóó... minhão!
- Niina!! (referindo-se à menina que havíamos ouvido durante a intervenção)
- Óóó (com dedinhos em riste e os olhos bem abertos).

Uma pena que a professora não soubesse do que se tratava, e, por isso, não conseguiu potencializar essa experiência.

2.2 O GRUPO DE ESTUDOS DO *MINIATURAS MUSICAIS*

O grupo de estudos foi formado especificamente para esta pesquisa, tendo como objetivo central estudar a fundamentação teórica do “Miniaturas”, e preparar o grupo dentro dessas perspectivas musicais para a realização de Espetáculo para bebês. Foi elaborado um *post* com informações sobre o curso de capacitação, o qual foi publicado na rede social (*Facebook*) da pesquisadora. Nove sujeitos se interessaram, e iniciaram o curso, mas somente cinco sujeitos permaneceram até o final, compondo o grupo do Espetáculo. Os cinco sujeitos são educadores musicais formados em curso de Licenciatura em Música, sendo uma cantora, uma pianista, um eufonista, um violoncelista e um violonista.

Figura 5 - Grupo de Estudos do *Miniaturas Musicais*



Fonte: arquivo pessoal.

Ainda que formados em Música, os sujeitos tiveram muita dificuldade de pensar o som e a música dentro dessa abordagem. Foi necessário um trabalho prático de ampliação sonora pela escuta, pelo movimento, leitura e discussão de autores que embasam a proposta. Um ponto que ficou prontamente evidenciado foi a falta de familiaridade com esse tipo de repertório. Não havia conhecimento prévio dos compositores contemporâneos, nem de suas peças. O repertório sonoro era muito limitado – tanto em termos de composições prontas como em termos de sonoridades para o trabalho com os bebês. Ampliar as referências sonoras e musicais dentro dessa linha foi o primeiro passo.

O curso foi estruturado em oito (8) encontros de quatro (4) horas, quinzenais, aos domingos, compreendendo os meses de julho a outubro. Em setembro, iniciaram-se os ensaios para o Espetáculo. Foram realizados dez (10) ensaios, com duração de duas (2) horas, sempre às quintas-feiras à noite.

Os encontros foram pautados por leitura e discussão de textos relativos à Pedagogia da Escuta (Malaguzzi), ao Sistema Laban e às propostas musicais criativas (Paynter, Schafer, Alonso, Sediolli).

Também foi apresentada a Teoria da Aprendizagem Musical, de Edwin Gordon, e a pesquisa sobre as condutas sonoro-musicais de bebês de Delalande.

Foram realizadas práticas de movimento fluido, procurando desconstruir movimentos estereotipados (Laban)

Foram desenvolvidos jogos de Improvisação a partir da escuta e do movimento; escuta de música contemporânea; levantamento de repertório; e criação sonoro-musical.

O grupo desenvolveu várias práticas musicais criativas, com foco na escuta e no movimento, dentre elas destacam-se:

- 1) Levantamento de fonemas (Fonética) e possibilidades de tratamento musical com os fonemas.
- 2) Improvisações a partir dos fonemas.
- 3) Improvisações a partir dos movimentos do corpo em relação aos sons.
- 4) Levantamento de sonoridades com a boca e formas de tratamento desses sons (anasalados, língua para cima, língua para baixo, boca aberta, boca fechada, boca semiaberta).
- 5) Levantamento de sons corporais e tratamento.
- 6) Levantamento de sons vocais e sua relação com os movimentos corporais.
- 7) Improvisar sempre a partir de possibilidades cantadas e não faladas.
- 8) Improvisar dentro da tessitura de uma quinta.
- 9) Improvisar dentro de uma tessitura intervalar (intervalo de segunda e terça – Maior e Menor).

SUMÁRIO

2.3 A PERFORMANCE DO *MINIATURAS* NA CRECHE

"Miniaturas" se caracteriza como uma experiência estética interativa, que busca, por meio de um espaço imersivo sonoro, despertar a escuta. Escuta esta que se traduz no corpo, no movimento e na interação sensível entre bebês e adultos.

Foi pensado e produzido a partir de um processo de construção do grupo sob a orientação desta pesquisadora.

A criação artística, voltada para a faixa de 0 aos 2 anos de idade, parte da ideia de uma teia sonora, uma complexidade de sons (no sentido de Morin), no qual o bebê está enredado desde sua gestação, em relação com os sons do exterior.

Fios de sons são lançados, esticados, cruzados, entrelaçados e entremeados com os sons do ambiente e dos bebês, transformando-se em uma amálgama sonora.

A partir da imagem do útero materno, um espaço poético, cenas sonoro-musicais são desenvolvidas por aproximadamente meia hora. O grupo, composto por seis músicos (duas pianistas, uma cantora, um violoncelista, um violonista e um eufonista -, todos educadores musicais), se relacionam com os bebês e com os integrantes a partir de uma escuta afinada com as emergências do contexto e de estrutura básica de improvisações e repertório previamente preparados.

O objetivo central consiste em oferecer oportunidade de experiência estética e poética com sons, silêncio e movimento para o bebê e com o bebê.

As observações feitas pelos vídeos demonstram o bem-estar dos pequenos durante o evento e envolvimento em algumas

atividades que compõem o espetáculo. Acredita-se que o envolvimento e o bem-estar dos bebês, essenciais para o desenvolvimento musical, dependem menos do tipo de música que se apresenta ao bebê, e mais do afeto da relação que se estabelece entre adulto e bebê, e da escuta que o adulto tem dele.

Figuras 6 e 7 – Atividades entre educadores musicais e bebês



Fonte: arquivo pessoal da autora.

2.4 DOS EPISÓDIOS SELECIONADOS PARA ANÁLISE COM O EON

Dezesseis (16) episódios foram selecionados em função dos eixos que fundamentam o “Miniaturas” para serem analisados com o Esquema de Observação. Os eixos são: paisagem sonora, exploração sonora com objetos, exploração vocal com movimentos, exploração vocal e canto atonal, escuta ativa de música contemporânea, estrutura sonora e criação de jogos sonoros pelos bebês.

Cada intervenção contou com um número diferente de bebês do Miniaturas; a escolha não se deu pelo número de bebês presente. Algumas intervenções contaram com seis bebês; outras, com um. Definido os episódios que constariam das análises, dois minutos foi o tempo estipulado para a análise do envolvimento de

cada bebê presente na intervenção. Em relação ao tempo do vídeo, a ideia era manter as observações linearmente, ou seja, a cada dois minutos de vídeo, o bebê em foco passaria a ser outro. No entanto, as gravações foram feitas amadoramente, e os bebês não aparecem sequencialmente nos vídeos durante o tempo todo da intervenção, inviabilizando esse tipo de critério, que foi atendido quando possível.

2.4.1 EPISÓDIO 1: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Paisagem Sonora

Bebês presentes: 3 (Davi, Martin e Pedro)

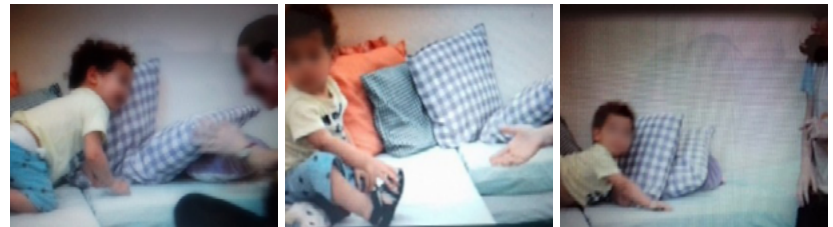
Descrição: Escuta de paisagem sonora gravada. A pesquisadora gravou, em um CD, uma seleção de trechos de paisagem sonora da creche e dos próprios bebês da creche. O CD estava intercalado com momentos de silêncio entre uma paisagem sonora e outra. A pesquisadora brincava de imitar os movimentos dos bebês, enquanto o CD estava nos momentos de silêncio; e parava o movimento quando o CD iniciava a paisagem sonora.

a) Análises de Vídeo (2')

Infelizmente, a gravação dessa intervenção focaliza somente Davi, apesar de ter mais dois bebês, o Martin e o Pedro em sala. Davi estava sorrindo e olhando para a pesquisadora. Estava sentado, mas demonstrava uma alegria mexendo o corpo, colocando uma perna sobre a outra. Dava uns saltos sentado, impulsionando o corpo com as pernas. Seus olhos brilhavam e sua boca sorria. Percebia que a pesquisadora o estava imitando. Levantou-se, engatinhou e ficou em pé de novo. Correu para o colchonete que fica no chão da sala. Sentou-se e olhou imediatamente para a pesquisadora, esperando a “vez” dela. Assim que teve início a paisagem sonora, a pesquisadora interrompe o movimento, e Davi, imediatamente, vira o corpo e os

olhos em direção à fonte do som. Cessa seu movimento e os olhos estão bem abertos. A paisagem sonora termina, e ele percebe isso porque volta novamente para a brincadeira de fazer os movimentos, esperando que a pesquisadora os repita.

Figuras 8, 9 e 10 – Interações entre Davi e a pesquisadora



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Seus movimentos são fluidos, agora deitado, com a cabeça apoiada no colchão. Senta-se e bate três vezes com as duas mãos no colchão. Não deixa de sorrir em nenhum momento. A pesquisadora repete seu gesto, e ele se “esconde” na almofada dando risadas. Nesse momento, começa a segunda paisagem sonora (dessa vez um homem gritava a venda de gás). Davi tira a cabeça de “dentro” das almofadas, e olha direto na direção do aparelho de gravação. “Ele se mantém imóvel, deitado sobre as almofadas, durante todo o tempo em que dura a paisagem sonora 22”. A paisagem termina com um padrão rítmico de pancadas, mais ou menos assim: Semínima, semínima, duas colcheias + uma semínima.

E ele começa a engatinhar, batendo as palmas das mãos no chão. A pesquisadora o acompanha. Esta foi a única paisagem rítmica; que tinha, de fato, um ostinato. Interessante notar que os movimentos de Davi, antes fluidos, se tornaram agora marcados, pulsados.

Não seguem o ritmo do ostinato, mas definitivamente o movimento é mais rígido, marcado com palmas no chão. No silêncio, Davi começa a rolar no chão.

b) Análises com EON

Tabela 1 - EON - Cabeçalho Episódio 1

Vídeo nº.:	Pasta 2017.09.14 // Vídeo 14.09.2017-1				
Tempo total do vídeo:	28'	Tempo do "Evento crítico":	0:00 à 2:00	Tempo de Observação:	2'
Eixo:	Paisagem sonora				
Descrição do Episódio:	A pesquisadora gravou, em um CD, uma seleção de trechos de paisagem sonora da creche e dos próprios bebês da creche. O CD estava intercalado com momentos de silêncio entre uma paisagem sonora e outra. A pesquisadora brincava de imitar os movimentos dos bebês, enquanto o CD estava nos momentos de silêncio; e parava o movimento quando o CD iniciava a paisagem sonora.				
Cena:	Nesta cena, o jogo de imitação dos movimentos se estabelece com Davi. Os registros de campo atentam que os outros bebês estavam observando atentamente o que estava acontecendo, contudo, não é possível conferir esses dados por vídeo, pois a gravação estava focada em Davi.				
Escuta: gravada (X) ou ao vivo () Agência do movimento do bebê (X) Agência do movimento da pesquisadora ()					
Atividade trazida pronta pela pesquisadora (X) Jogo elaborado a partir da ação do bebê () Jogo produzido pelo bebê ()					

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 2 - EON – Ações Musicais Episódio 1

Nome:	Davi				Idade:	1 ano e 3 meses								
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais									
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações					
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int
00:00 à 00:48	48				X									
00:49 à 00:54	5					X								
00:55 à 01:04	9				X									
01:05 à 01:25	20					X								
01:26 à 02:00	34				X									
Observações:														

Fonte: Elaborada pela autora.

SUMÁRIO

Observações de Davi a partir de EON: Davi apresenta o movimento receptivo todas as vezes que a gravação é retomada.

Como os trechos sonoros gravados são curtos, ele apresenta sempre o mesmo padrão: suspende o movimento e o retoma quando os episódios gravados terminam.

Esse fato pode indicar que alternar pequenos trechos de escutas contemporâneas, com movimentos e brincadeiras, pode ser uma maneira de apresentar esse repertório aos pequenos.

A música é apresentada aos 00:48". Um segundo depois, Davi olha imediatamente para o lugar onde está a caixinha de som. O exemplo musical tem a duração de 15"; Davi permanece escutando atentamente por 5".

Aos 01':04", o exemplo musical é retomado. Davi suspende os movimentos corporais e escuta, exatamente um segundo depois, e permanece 11" escutando atento.

Nada indica que ele não esteja escutando enquanto realiza seus movimentos ativos. No entanto, o foco na escuta se revela claramente pelo movimento receptivo.

2.4.2 EPISÓDIO 2: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Paisagem Sonora

Bebês presentes: Martin; Davi; Pedro.

Descrição: O objetivo da atividade consistia em escutar os sons externos ao Berçário, sem o uso de gravações.

a) Análises de vídeo (2')

Escuta dos sons do lado de fora da sala. No terraço! Estava um pouco frio nesse dia; mas os bebês estavam agasalhados, e a porta do Solário foi aberta para que se escutasse a sonoridade externa. Imediatamente os bebês saíram. É um terraço pequeno, com grade e portão.

Figura 11 - Terraço



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Não tinha como eles saírem, a menos que o portão fosse aberto. Alguns bebês ficaram em pé; outros se sentaram, assim como a pesquisadora.

Logo depois, um caminhão passou na rua, fazendo um som bem alto. Instiguei a escuta daquele som. Os bebês silenciaram e abriram bem os olhos. Davi e Matheus colocaram os indicadores em riste e diziam: - Ó! Ó! Eu disse: - Som do caminhão. Davi começou a repetir: - Minhão? Minhão?

Alguns carros e ônibus começaram a subir a rua, e começamos a diferenciar os sons por essas categorias: carros, ônibus e caminhão.

Ao lado do Solário dos bebês, fica o Solário do Berçário II. A porta também estava aberta, e, muito embora não houvesse nenhuma criança nele, dava perfeitamente para ouvir os sons que produziam. O som de uma menina, especificamente, chamou a atenção de Martin, que começou a colocar o indicador em riste. Imediatamente, Davi começou a dizer: - Nina, nina...

Incluímos a voz da menina em nossa categorização de sons.

Ficamos ali por aproximadamente 15', que se passaram depressa!

A professora afirmou que, depois desta intervenção, todas as vezes que os bebês saiam por aquela porta, paravam e convidavam os amigos a escutar os sons da rua!

b) Análises com EON

Tabela 1 - EON - Cabeçalho Episódio 2

Vídeo nº.:	Pasta 2017.09.14 // vídeo 14.09.17-1				
Tempo total do vídeo:	28'	Tempo do "Evento crítico":	25:00 à 27:00	Tempo de Observação:	2'
Eixo:	Paisagem Sonora				
Descrição do Episódio:	O objetivo da atividade consistia em escutar os sons externos ao Berçário, sem o uso de gravações.				
Cena:	Alguns bebês estavam sentados no chão do solário, outros permaneciam em pé e se escutava os sons do local.				
Escuta: gravada () ou ao vivo (X)		Agência do movimento do bebê (X)		Agência do movimento da pesquisadora ()	
Atividade trazida pronta pela pesquisadora (X)		Jogo elaborado a partir da ação do bebê ()		Jogo produzido pelo bebê ()	

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 2 - EON – Ações Musicais - Episódio 2

Nome:	Davi										Idade:	1 ano e 3 meses					
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais												
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações								
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int			
25:00 à 25:15	15					X											
25:16 à 25:23	7							X									
25:24 à 25:30	6				X												
25:31 à 25:42	11					X		X									
25:43 à 25:50	7										X						
25:51 à 26:05	14					X											
26:06 à 26:15	9					X		X									
26:16 à 26:32	16				X												
26:33 à 26:44	11					X											
26:45 à 26:51	6							X									
26:52 à 27:02	10				X												
Observações:	Vocalizações ligadas à fala não foram registradas.																

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Martin										Idade:	1 ano e 4 meses					
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais												
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações								
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int			
25:00 à 25:16	16					X											
25:17 à 25:25	8					X		X									
25:26 à 25:29	3					X											
25:30 à 26:07	37					X		X									
26:08 à 26:31	23					X											

26:32 à 26:46	14	X
26:47 à 27:00	13	X
Observações:		

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:		Pedro				Idade:		1 ano e 6 meses						
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais									
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações					
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int
25:00 à 25:14	14					X								
25:15 à 25:25	10					X								
25:26 à 25:41	15				X									
25:42 à 25:49	7					X								
25:50 à 26:06	16				X									
26:07 à 26:20	13					X								
26:21 à 26:31	10				X									
26:32 à 26:43	11					X								
26:44 à 26:48	4				X									
26:49 à 27:00	11					X								
Observações:														

Fonte: Elaborada pela autora.

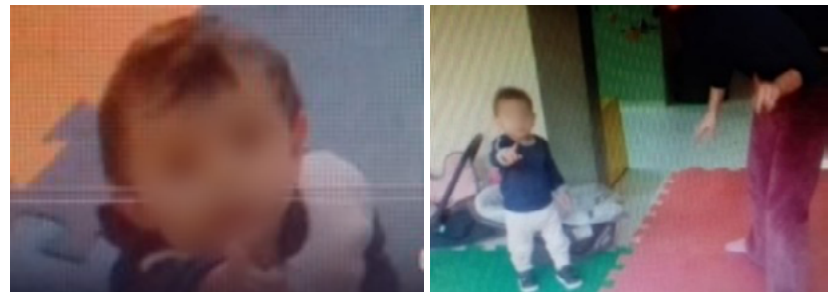
Percebe-se que os bebês sentem necessidade de compartilhar o que estão escutando. Davi mantém um padrão facilmente observado pelo EON de escuta (movimento receptivo), seguido de vocalizações (que não foram registradas no EON por não se tratar de vocalizações musicais), que, no geral, tratavam de exemplificar o que estava escutando (nina para menina // minhão para caminhão, no caso de Davi; uh, uh no caso de Pedro).

SUMÁRIO

Aqui, percebe-se claramente que o movimento receptivo está vinculado aos momentos em que os sons se faziam ouvir. Não há padrão de duração na categoria dos movimentos receptivos. Isso porque eles se dão quando os carros passam na rua, mais precisamente quando o farol abre ou quando a menina da sala ao lado grita.

Os olhos bem abertos também são indícios de foco na escuta.

Figuras 12 e 13 – Reações dos bebês com relação ao que estão escutando



Fonte: arquivo pessoal da autora.

2.4.3 EPISÓDIO 3: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Paisagem Sonora

Bebês presentes: 2 (Martin e Pedro)

Descrição: A intervenção consistia em ficar em silêncio, e ouvir os ruídos externos à sala de música. A pesquisadora “procurava” os sons nos cantos da sala. Fazia movimento de estátua quando escutava algum som vindo de fora. Reproduzia o som vocalmente e, então, olhava para os bebês.

a) Análises de Vídeos (2')

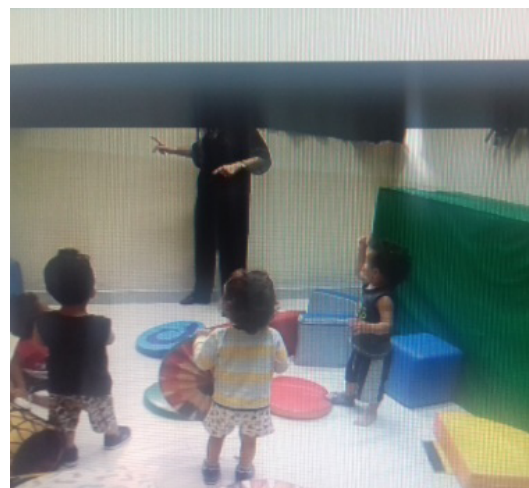
Martin estava em pé, no centro da sala, observando a pesquisadora, virando todo o corpo para acompanhá-la com os olhos.

SUMÁRIO

Gargalha quando a pesquisadora tenta imitar os gritos de uma criança que está no pátio e de outra que está dando risadas altas. Enquanto Martin acha graça, sorri, vira o corpo na direção do som; caminha na direção da porta que é de onde a direção do som vem vindo; em seguida, se vira novamente para a pesquisadora sorrindo, e mostra (com os dedos das duas mãos em movimento circular – como se estivesse sovando uma massa) a porta.

A professora da classe me disse que os bebês estavam com “mania” de olhar imediatamente para ela, apontando o indicador quando escutavam sons externos, principalmente os mais altos, tais como os de ônibus e caminhão (a sala do berçário fica próxima à rua) e de crianças da própria creche. Disse que Matheus até procura reproduzir o que está escutando das outras crianças.

Figura 14 – Professora e bebês durante a atividade



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Pedro está entretido olhando com atenção para uma pilha de tablados que estão sobrepostos em um dos cantos da sala. É importante lembrar que foram retirados muitos materiais

da sala; no entanto, os colchões e o armário aberto foram mantidos em função do peso.

Em outras intervenções, o tablado foi usado para fazer um canto atonal com contorno de estrutura sonora. Pedro parecia estar relembrando esse momento, pois fazia os mesmos movimentos, procurando “chamar” alguém pelos vãos. Quando a pesquisadora “procura” os sons nos cantos da sala, ele está virado para o tablado. Só olha quando a pesquisadora imita vocalmente os sons externos. Continua com as mãos no tablado, mas agora seu corpo está totalmente virado para a pesquisadora. Ele sai de perto do tablado, olha para a pesquisadora e aponta para o berimbau, que fica pendurado no alto de uma das paredes. Pedro parece lembrar-se de um jogo de sopros que se estabeleceu em outra intervenção. A pesquisadora começa então a “soprar” o berimbau, movimentando-se para cima e para baixo. Pedro estica os pezinhos para pegar o berimbau. Para imediatamente o que está fazendo, e se vira totalmente para frente quando a pesquisadora começa a imitar os sons de fora perto do tablado. Coloca as duas mãozinhas na boca, e levanta as duas pontas dos pés (como se quisesse balançar). Não vocaliza; sua posição demonstra que está prestando atenção na pesquisadora, mas não deixa pistas de que entendeu o jogo da escuta dos sons externos como Martin. Parece mais preocupado com os movimentos da pesquisadora e com os objetos da sala.

b) Análises com EON

Vídeo nº.:	03/08/2017 – 004		
Tempo total do vídeo:	28'	Tempo do “Evento crítico”:	12:00 à 14:00
Eixo:	Paisagem Sonora		
Descrição do Episódio:	A intervenção consistia em ficar em silêncio, e ouvir os ruídos externos à sala de música. A pesquisadora “procurava” os sons nos cantos da sala. Fazia movimento de estátua quando escutava algum som vindo de fora. Reproduzia o som vocalmente, e, então, olhava para os bebês.		
		Tempo de Observação:	2'

Cena:	Os bebês brincavam livremente pela sala; a pesquisadora interagiu com eles e chamava a atenção dos bebês, movimentando-se e imitando os sons externos quando os escutava. Imediatamente os bebês paravam o que estavam fazendo para escutar.		
Escuta: gravada () ou ao vivo (X)	Agência do movimento do bebê (X)	Agência do movimento da pesquisadora ()	
Atividade trazida pronta pela pesquisadora (X)		Jogo elaborado a partir da ação do bebê ()	Jogo produzido pelo bebê ()

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Martin				Idade:	1 ano e 2 meses									
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais										
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações						
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int	
13:00 à 13:21	21				X										
13:41 à 13:47	6							X							
13:50 à 14:04	14							X							
14:06 à 14:08	2							X							
14:14 à 14:28	14							X							
14:31 à 14:35	4							X							
14:36 à 14:57	21					X									
14:58 à 15:11	13							X							
Observações:															

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Matheus								Idade:	1 ano e 3 meses					
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais										
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações						
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int	
12:53 à 12:59	6					X									
13:00 à 13:01	1				X										
13:02 à 13:05	3				X										
13:13 à 13:20	7						X								

SUMÁRIO

13:32 à 13:51	19		X
13:52 à 13:56	4	X	
14:01 à 14:03	2	X	
14:04 à 14:19	15	X	
14:31 à 14:42	11		X
14:50 à 14:53	3		X
14:56 à 15:05	9	X	
Observações:			

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Pedro				Idade:	1 ano e 4 meses									
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais										
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações						
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int	
12:54 à 13:10	16					X									
13:11 à 13:12	1				X										
13:13 à 13:15	2					X									
13:16 à 13:18	2				X										
13:19 à 13:31	12					X									
13:32 à 13:37	5				X										
13:38 à 13:55	17					X									
13:59 à 14:08	9							X							
14:14 à 14:16	2				X										
14:17 à 14:18	1					X									
14:19 à 14:21	2				X										
14:22 à 14:26	4					X									
14:27 à 14:30	3				X										
14:31 à 14:54	23				X										
Observações:															

Fonte: Elaborada pela autora.

SUMÁRIO

Nome:	Davi										Idade:	1 ano e 3 meses					
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais												
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações								
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int			
14:00à 14:10	10					X											
14:11 à 14:16	5				X												
14:18 à 14:24	6						X										
14:28 à 14:37	9				X												
14:38 à 14:44	6					X											
14:45 à 14:47	2						X										
15:00 à 14:47	47	X															
15:48 à 15:57	9						X										
Observações:																	

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Danilo										Idade:	1 ano e 2 meses					
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais												
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações								
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int			
13:00 à 13:05	5					X											
13:09 à 13:17	8					X											
13:18 à 13:26	8				X												
13:27 à 13:29	2				X												
13:31 à 13:32	1				X												
13:42 à 13:44	2						X										
14:00 à 14:02	2						X										
14:05 à 14:07	2						X										
14:30 à 14:31	1						X										
14:32 à 15:09	37					X											

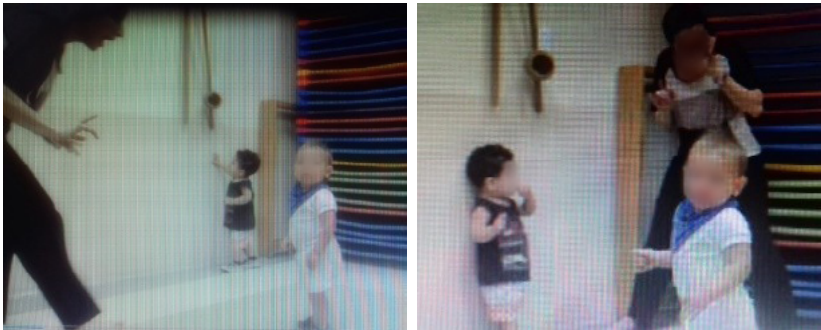
SUMÁRIO

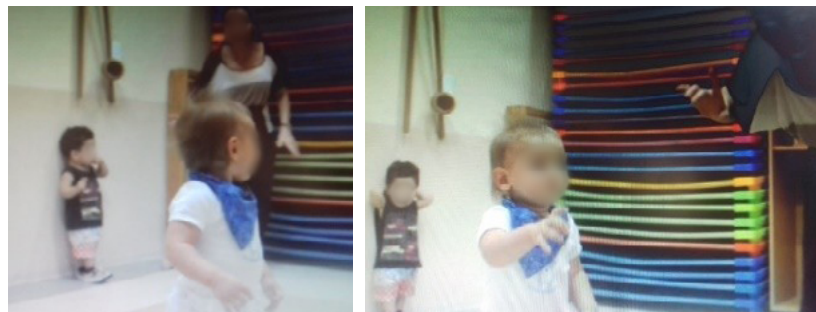
15:10 à 15:25	15	X
15:26 à 16:03	37	X
16:04 à 16:16	12	X
16:40 à 16:42	2	X
16:43 à 16:45	2	X
16:48 à 16:53	5	X
Observações:		

Fonte: Elaborada pela autora.

No trecho observado, Martin realiza vocalizações imitativas e improvisadas. Em 1':35", escuta a menina conversando lá fora. Coloca o dedinho em riste; sempre se volta para mim; sorri muito. Martin sorri e gargalha por dois minutos. Está feliz. Apesar de estarmos trabalhando a escuta, algo não sensorial, e que poderia trazer algum desconforto para os bebês, Martin demonstra alto envolvimento e bem-estar. Faz muito silêncio dentro da sala. Os bebês estão, de fato, prestando atenção nos sons externos. Isso fica muito claro quando eles apontam com o dedinho, e quando se voltam e olham para mim para mostrar que estão ouvindo.

Figuras 15, 16, 17 e 18 – Bebês atentos aos sons externos





Fonte: arquivo pessoal da autora.

SUMÁRIO

Pedro permanece 40" repetindo gestos que fizemos em outra intervenção, o que demonstra que estava aprendendo pela memória. Ele está voltado para os colchões empilhados - com os quais fizemos uma estrutura sonora em outra intervenção -, repetindo os gestos dessa outra intervenção. No restante da observação, ele permanece em movimento receptivo, observando atentamente ao que está acontecendo. Não vocaliza, mas aponta o dedo em riste e o leva na boca em seguida. Não demonstra mal-estar.

O silêncio e a atenção dos bebês, evidenciados pelos dedinhos em riste e pela suspensão dos movimentos e/ou movimentação em direção ao som, demonstram o quanto a atividade de escuta é percebida pelos bebês. De modo geral, a creche é um local bastante ruidoso. Vale a pena oferecer aos bebês a possibilidade de perceber os ruídos numa perspectiva artística.

2.4.4 EPISÓDIO 4: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Exploração Sonora com Objetos

Bebês presentes: 5 (Davi, Martin, Matheus, Pedro e Danilo)

Descrição: Exploração sonora de um jogo de saboneteiras previamente preparadas sonoramente para esta intervenção.

SUMÁRIO

a) Análises de Vídeos (2')

Martin estava no colo da professora. Assim que coloquei a cesta no chão, ele se levantou e veio sorrindo, em direção à pesquisadora. Ainda cambaleando (ele não andava muito firme ainda), abaixa-se e pega o objeto na cesta com a mão direita. Imediatamente começa a chacoalhá-lo. Suspende o movimento, pega outro com a mão esquerda, chacoalha-o por três vezes também (embora o gesto tenha menos força/intensidade), e começa a bater os dois chocalhos. A partir daí, pega a cestinha e passa a colocar as saboneteiras dentro e fora da cesta. Disputa o objeto que está dentro da cesta quando outro bebê tenta pegá-lo. Puxa bem forte, conseguindo retirar o objeto da mão do amigo. Repete o gesto de chacoalhar por três vezes. Olha para o amigo. Chacoalha novamente o seu. Pega a saboneteira do amigo, enquanto este pega a cesta. Chacoalha os dois juntos. Fica com o objeto na mão esquerda, porque o amigo pega o objeto da sua mão direita. O gesto parece ser sempre o mesmo: movimenta o objeto na frente ou na lateral do corpo, como se estivesse “riscando”. Geralmente são três gestos. O gesto é sempre de exploração sonora. Martin não leva o objeto à boca em nenhum momento. Ele parece querer ouvir o som. Aqui se podem perceber as ideias de Delalande, de que existe uma diferença entre o brincar com um objeto e a sua exploração sonora. Martin repete o gesto porque sabe que, se o fizer daquela forma, produzirá som.

Ele percebe que a professora está batendo palmas a fim de parabenizar um amigo, então ele sai de onde está (levando a saboneteira na mão direita) e vai engatinhando, depois se levanta em direção à professora. Vai em direção a ela, chacoalhando seu objeto e sorrindo. Entrega seu objeto a ela, que o chacoalha, e ele o pega de volta da mão dela (nesse momento, parece ocorrer uma intersubjetividade, mas Martin se distrai com Matheus que vem chegando). Matheus tenta pegar o objeto da mão de Martin, que não permite. Puxa com força para baixo, e reclama com uma vocalização: Ah!!, olhando para a professora (a vocalização parece querer dizer: - Olha! Ele está tentando tirar de mim! Ajude-me!). Matheus se afasta, e Martin volta a observar

SUMÁRIO

a pesquisadora. Fica sorrindo de onde está. Entrega o objeto para a pesquisadora, e segue caminhando em direção à pesquisadora, que está chacoalhando um objeto que não tem nada dentro. Ele se senta, pega o objeto e repete o gesto. Percebe que não tem som, e busca outro. Quando percebe sua sonoridade, levanta-se e vai mostrar para a professora. Vocaliza: Hum, hum ... Apontando o objeto. Entrega o que tem som (apesar de estar com os dois objetos na mão). A professora devolve o objeto, e ele percute os dois. Entrega tudo novamente para a professora, que segura as mãos dele junto com os objetos e os chacoalha. Ele quer entregar os objetos a ela. E, assim que ela lhe solta as mãos, ele entrega os dois, dizendo: Hum, hum.... Parece que quer que ela faça alguma coisa com os objetos. O processo de intersubjetividade fica claro quando o objeto e a brincadeira (foco e intenção) são compartilhados por bebê e professora. Ele se afasta com o objeto na mão, e vai em direção à pesquisadora. Martin sempre procura um adulto para compartilhar suas experiências. No meio do caminho, encontra mais um objeto (esse sem nada dentro); repete os mesmos gestos, e entrega os objetos para a pesquisadora, que improvisa um jogo de intercalar som e silêncio. Martin fica observando atentamente. Pega o seu objeto e o chacoalha; levanta-se e vai mostrar para a professora. Pega outro objeto do chão, senta-se e continua a chacoalhar. O primeiro gesto dos bebês parece ser o de chacoalhar o objeto com a mão direita, como se estivessem desenhando um risco no ar; não têm uma frequência de pulso, é fluido e o movimento é leve. Mas em quase todas as vezes se repete por três vezes.

Matheus está de costas, tentando pegar um brinquedo na prateleira. Ao escutar a pesquisadora chacoalhando uma das saboneteiras, se volta imediatamente para a direção do som. Ao ver a cesta vem depressa. Pega uma saboneteira e a chocalha (essa não tinha som); sorri, muito feliz. O gesto é o mesmo de Martin, porém um pouco menos longo: um movimento para frente e para trás, como se estivesse "riscando"; o número de vezes também é diferente; repete oito vezes seguidas o gesto; senta-se, pega outro. Chacoalha 19 vezes

SUMÁRIO

esse objeto que tem som; continua sorrindo, muito satisfeito. Sempre direciona o olhar para a pesquisadora. Pega outro, e, com dois objetos, um em cada mão, se levanta e vai em direção à professora. Olha para ela sorrindo, muito satisfeito. A professora, preocupada porque um dos bebês está sem o objeto, pede a ele que dê um para o amigo. Ele continua a chacoalhar com a mão direita, depois com as duas mãos. Mexe com a cabeça junto; está se esforçando para mostrar sua descoberta para a professora. Os olhos estão bem abertos, a boca também; ele não deixa de sorrir em nenhum momento. Alterna vários gestos de mão direita com a mão esquerda. Chacoalha uma mão, depois a outra. Suspende o movimento. Olha para os objetos. Desiste de mostrar para a professora, e vira-se para os amigos. Olha para os amigos, e retoma os gestos (curtos, com muita energia). A boca continua aberta e, agora, os pés acompanham os gestos, levantando os calcanhares e abaixando-os. Alterna um pé, depois o outro. Parece muitíssimo feliz. Altera o gesto da mão esquerda, começando a virar para os lados a saboneteira devagar, de um lado para o outro. Depois, retoma o gesto anterior. Continua a movimentar o objeto (apenas um agora, outro amigo pegou o outro dele) na mão direita. É interessante notar que Matheus mantém a saboneteira perto do ouvido. Seu gesto varia entre o ritmado (primeiro gesto) e o segundo (mais lento, movimento de virar o objeto de um lado para o outro). Os gestos de Matheus têm muita energia, vigor e intensidade. Seu corpo todo acompanha sua exploração sonora; os pés, as pernas, os braços, seus olhos e sua boca; tudo demonstra envolvimento, concentração e felicidade.

Pedro estava perto da porta, brincando sozinho com um brinquedo. Ele escuta a pesquisadora cantando uma melodia, e vira-se. Fica observando atentamente a pesquisadora, e, quando esta tira a cesta da sacola, deixa rapidamente seu brinquedo de lado, se levanta e vem para junto do objeto. Olha para a pesquisadora antes de pegar o objeto, como se precisasse de autorização. Sorriu para ele, e, imediatamente, ele abaixa para pegar a saboneteira. Pega uma e me mostra. Vira-se e a mostra para a professora, que chacoalha o

objeto. Esse não tem som. Ela fala para ele pegar outro. Ele vai ao meu encontro, com o objeto na mão, e o estica para mim. Parece não estar entendendo o motivo do seu objeto não soar. Olha-me com as mãozinhas esticadas e os olhos de quem pede ajuda. Nesse momento, a pesquisadora percute as pontas dos dedos na caixinha. É interessante notar o silêncio que se percebe na gravação nesse momento. Todos os bebês (alguns de costas!) pausam suas explorações, e se viram para escutar o novo som!

Conforme afirma Delalande (2009), dessa maneira, podemos verificar que o bebê está atento, de fato, ao som e não ao objeto material em si.

Pedro então sorri satisfeito, e percute com as mãos abertas no objeto. Seus olhos estão voltados para a professora, que, nesse momento, bate palmas para ele. Ele se volta para mim, e continua o gesto de percutir a caixinha, sorrindo. Entrega-me o objeto, e eu repito o processo. Esse momento de intersubjetividade continua por quase um minuto. Percuto, ele fica observando; quando pauso, ele repete o gesto de percutir na caixinha. Depois, ele se direciona à cestinha, colocando seu objeto dentro dela. Balança a cestinha, e olha para os amigos. Pega outra saboneteira, chocalha umas três vezes e coloca dentro da cestinha. Quando escuta a pesquisadora percutir com as pontas dos dedos novamente na caixinha, ele para o que está fazendo e volta o olhar rapidamente para a pesquisadora. E, então, repete o gesto de percutir. Levanta e passa a chocalhar o seu objeto (este sim tem som!!), e, sorrindo, vai mostrar para a professora sua descoberta. É importante notar que, na caixinha sem som, ele mantém o gesto de percutir. Na caixinha com som, ele chacoalha repetidamente; ele não usa o gesto de percutir na caixinha que tem som, o que demonstra que, de fato, Pedro está atento à sonoridade do objeto.

Davi abaixa para pegar mais um objeto. Chocalha-o bastante. Pega a cestinha, e coloca o objeto dentro. Continua sentado. Olha para a pesquisadora, que está fazendo uma sonorização com o

SUMÁRIO

SUMÁRIO

objeto do Pedro. Segura com a mão direita, e bate na cestinha com a esquerda, como se fosse um tambor. A pesquisadora olha para ele, e percute com as pontas dos dedos em seu objeto. Ele repete o gesto, mas seu olhar rapidamente vai para os amigos. Coça o nariz, engatinha até a cestinha, e coloca sua saboneteira dentro dela. Olha para os outros bebês. Mexe na cestinha, balança-a; pega a saboneteira, tenta abri-la. Seus olhos vagam pelos amigos. Vai para perto dos bebês (nesse momento, dois bebês brincavam juntos). Pega dois objetos. Balança um que tem som; na outra mão, está o que não tem som. Mantém o mesmo gesto de balançar as duas mãos juntas. A direita tem mais força e o gesto é mais amplo. A esquerda sobe bem menos do que a direita. Bate objeto contra objeto. Agora está concentrado em sua exploração. Fica bravo com o amigo, porque tomou o objeto da mão dele. Tenta reaver. Consegue. O amigo reclama. Ele vira de costas para o amigo. Repete o mesmo gesto de chocalhar, e se levanta. Vem mostrar o seu gesto para a pesquisadora. Sorri enquanto mostra. Coloca na boca. Volta a chocalhar.

Coloca o objeto na boca; vira o objeto para os lados, olhando-o. Mais para o final do vídeo (18') que se põe, de fato, a explorar a sonoridade do objeto, chacoalhando e sorrindo.

Danilo é o primeiro a se aproximar da cesta. Vem depressa, senta-se e pega o objeto. Olha, tenta abrir e chacoalha. Assim que ouve o som, levanta-se e vai mostrar para a professora a descoberta. Entrega o objeto na mão dela, que o chacoalha e o devolve pra ele. Ele pega o objeto, vira-se, e, andando, chacoalha 14 vezes seu objeto. Depois, coloca-o na boca. Volta a chacoalhar, sempre próximo do ouvido. Vai disputar a cesta e outro objeto que está dentro da cesta com Martin. Pausam o movimento quando escutam a pesquisadora percutir na caixinha. Desiste de tentar pegar o objeto de Martin quando vê outro objeto no chão. Tenta pegar, se desequilibra e acaba encontrando outro objeto a sua frente. Chocalha o da mão direita e coloca o da esquerda na boca. Observa os amigos. Tenta pegar um objeto, não consegue. Vai ao encontro da pesquisadora, e

começa a percutir com o objeto na cestinha. Tenta colocar o objeto dentro da cesta. Sua exploração é intercalada com a observação dos amigos e da pesquisadora. Utiliza mais os braços em sua exploração do que o corpo.

As ideias de Delalande (2009) são aqui corroboradas: os bebês repetem os gestos para que os sons se repitam. Quando gostam de algum som, repetem o movimento. Acompanham os movimentos das mãos com o corpo. O objeto passa a ser uma extensão do corpo.

b) Análises com EON

Vídeo nº.:	18.09.17-2				
Tempo total do vídeo:	11'57"	Tempo do "Evento crítico":	00:00 à 02:00	Tempo de Observação:	2'
Eixo:	Exploração sonora com objetos				
Descrição do Episódio:	Exploração sonora de um jogo de saboneteiras previamente preparadas sonoramente para esta intervenção				
Cena:	A Pesquisadora dispõe o jogo no chão. O jogo é composto por uma cesta de vime e 12 saboneteiras (infantis), devidamente lacradas com fita. Algumas contém lantejoulas, outras canutilhos, outras pequenos parafusos, outras estão vazias. A ideia é que os bebês percebam os diferentes tipos de sons que produzem conforme seus próprios gestos, e percebam que algumas não produzem sons. Os bebês exploram livremente as saboneteiras que foram dispostas na cesta de vime.				
Escuta: gravada () ou ao vivo (X) Agência do movimento do bebê (X) Agência do movimento da pesquisadora ()					
Atividade trazida pronta pela pesquisadora (X) Jogo elaborado a partir da ação do bebê () Jogo produzido pelo bebê ()					

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:		Martin													Idade:		1 ano e 3 meses	
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais													
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações									
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int				
00:00 à 00:13	13					X												
00:14 à 00:30	16					X												

Observações:

Nome: Pedro **Idade:** 1 ano e 5 meses

Observações:

O tempo computado como movimento ativo é de fato o tempo em que Martin explora o som. O tempo em que os bebês brincam com os objetos, empilhando-os ou colocando-os na cestinha,

SUMÁRIO

não foi considerado como movimento ativo porque a brincadeira não se referia especificamente à exploração sonora. No entanto, destaca-se que a primeira ação do bebê, ao pegar o objeto, foi a de escutar o som. Em 14:14, ocorre, juntamente com a exploração sonora, um evento de intersubjetividade. Martin engatinha até a professora para lhe mostrar sua “descoberta sonora”. Repete o mesmo gesto que realizou durante sua exploração individual.

Matheus suspende o que está fazendo para olhar em direção ao evento. Vem imediatamente para o lugar de onde vem o som. Pega uma saboneteira (justamente a que não tinha som!) e a balança vigorosamente. Sorri para mim. E se volta à cesta para pegar outra. Sua alegria ao perceber que esta tinha som está evidenciada na foto 19.

Figura 19 – Matheus reagindo ao som emitido ao balançar as saboneteiras



Fonte: arquivo pessoal da autora.

É interessante notar que Matheus inicia com o movimento receptivo (observa o que está acontecendo); muito rapidamente se envolve com a atividade, fazendo movimentos exploratórios (movimento ativo); em seguida, passa a repetir o gesto; depois, quer mostrar seu novo aprendizado à professora! Tudo isso em apenas 2'!

Em 14':02", ocorre um momento fascinante. Matheus está tão empolgado com sua exploração que todos os bebês suspendem as atividades (movimento receptivo) para observá-lo em sua atividade.

Figura 20 – Alunos observando Matheus



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Em 14':04", Matheus se volta à professora para lhe mostrar suas descobertas. Mas em 14':14" Martin também a procura, e a professora acaba dando atenção para Martin. Fica muito claro que Matheus se ressentia da falta de atenção, e, após alguns segundos, desiste de compartilhar sua alegria.

Em vários episódios, ficam evidenciadas a vontade e a necessidade que os bebês têm de compartilhar suas descobertas com os adultos. No entanto, só foram considerados eventos subjetivos quando a professora ou a pesquisadora, de fato, estabeleceram relação (musical ou sonora) com os bebês. É importante dizer também que os eventos subjetivos assinalados se referem aos eventos musicais ou sonoros, e não a elogios ou comentários feitos pelo adulto.

Muitos jogos poderiam ser elaborados nos momentos em que o bebê procura o adulto para compartilhar suas descobertas. No entanto, a falta de preparo com o trabalho musical/sonoro faz com que os eventos sejam de natureza mais afetiva do que musical.

O EON evidencia aquilo que é importante para o bebê. O número de vezes (4 vezes) que, em apenas dois minutos, Matheus procura um adulto demonstra o quanto demonstrar e compartilhar seus aprendizados é relevante para ele.

As análises evidenciam que o tempo das observações adotadas da Escala de Envolvimento de Laevers é suficiente para demonstrar aspectos importantes do envolvimento do bebê e da relação com seus pares durante as experiências educativas.

Pedro sempre “pede” autorização do adulto pelo olhar antes de mexer em algo. Ele é o mais preocupado em deixar tudo organizado, e se mostra muito prestativo quando a pesquisadora solicita ajuda para guardar os materiais.

Neste episódio, isso fica muito claro. Pedro só pega o objeto quando eu o autorizo; sem ao menos chocalhá-lo nem uma vez, ele o aponta para mim. De 13':11" a 13':15", ele me mostra o objeto. De 13':16" aos 13':31", ele mostra-o para a professora. A saboneteira dele não tem som, e ele vem, aos 13':38", me mostrar que o objeto dele não tem som. Ele não procura outro objeto. Ele procura o adulto para solucionar o impasse. Isso demonstra que a relação do bebê com o adulto influencia diretamente na maneira como ele aprende e estabelece relações com suas descobertas.

Portanto, nesse caso, os movimentos de Pedro foram considerados como “movimento receptivo”, porque ele esperava, observando atentamente o que o adulto fazia com o objeto.

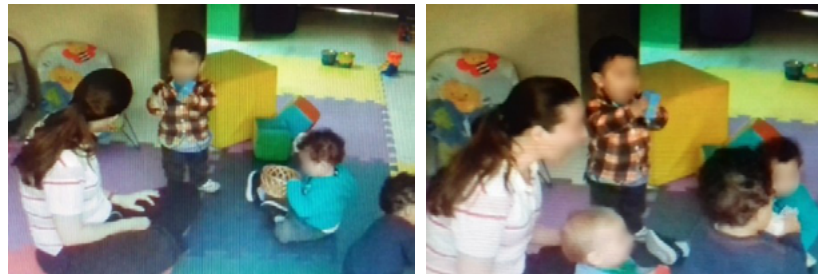
Quando a pesquisadora realiza uma pequena improvisação batendo os dedos no objeto, ele fica admirado, pega o objeto de volta, e passa a realizar o “Gesto Imitativo”.

Dessa forma, pode-se dizer que o gesto imitativo resultou da observação intensa do bebê em relação ao adulto. No entanto, essa preocupação de Pedro em observar o adulto (parecia que

SUMÁRIO

ele queria “fazer certo”, “não errar”) impossibilitou que ele explorasse o seu objeto à sua maneira, o que inviabilizou a ocorrência do gesto repetitivo.

Figuras 21 e 22 – Jogo entre Pedro e a pesquisadora



Fonte: arquivo pessoal da autora.

De 14':14" a 14':30", Pedro estabelece um jogo com a pesquisadora.

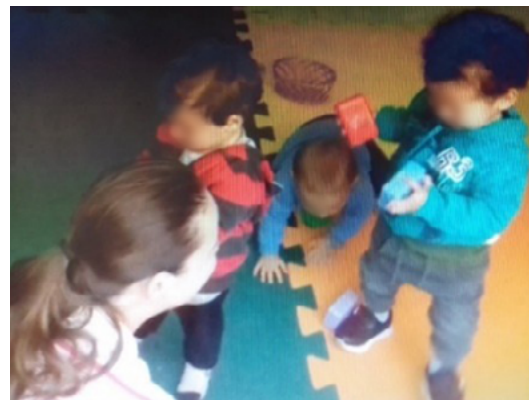
Ele toca e entrega o objeto para a pesquisadora, que toca e devolve o objeto para ele. Isso se repete por cinco vezes.

O fato de observar atentamente os vídeos permitiu que esses jogos curtos, em relação à duração (16"), mas ricos em termos de aprendizagem, pudessem ser registrados separadamente e levados em outras intervenções para que os bebês os assistissem.

O objeto que Davi escolheu estava vazio, portanto, não fazia sons diferentes como os de seus amigos. O pequeno olha atentamente para os outros bebês e para os objetos que estão com eles. Volta-se para o seu novamente, e parece não entender o motivo de não soar.

A partir da interferência da pesquisadora, Davi soluciona o problema percutindo tanto a cesta quanto a saboneteira. Apresenta, durante um minuto, duas vezes cada tipo de movimento (ativo, receptivo e imitativo), o que demonstra que aprende observando, explorando e imitando.

Figura 23 – Davi explorando os sons emitidos pelas saboneteiras



Fonte: arquivo pessoal da autora.

No próximo minuto, ele não faz exploração sonora. Brinca com o objeto; tenta abri-lo; coloca dentro da cesta; observa o que Matheus está fazendo.

Quase no final faz seu gesto repetitivo novamente. Durante esses dois minutos, Davi mantém o mesmo objeto (saboneteira sem nada dentro). Quando mais tarde, durante a intervenção, ele consegue ficar com um objeto sonoro, e sua alegria é evidente.

Logo no início de sua exploração, Danilo procura a professora. Ele presta muita atenção no que ela faz. Assim como Martin, Danilo sempre procura um adulto. É o único que leva o objeto à boca. Apesar de não se tratar de ação musical, Danilo leva o objeto à boca 5 vezes em dois minutos (13':25"; 14':03"; 14':14"; 14':43" e 14':48"), o que demonstra ser um gesto significativo para ele, e, por isso, esse registro é feito em "observações" no EON. Esse tipo de observação mereceria ser acompanhada, pois pode levar a uma melhor compreensão de como Danilo aprende e se relaciona com os objetos. Danilo explora com muito envolvimento o seu objeto sonoro. Apresenta um número significativo de explorações: (3) movimentos ativos e (5) gestos repetitivos. Suas explorações são curtas, variando entre 1" e 5"

Figura 24 – Danilo explorando seu objeto sonoro



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Os bebês intercalam a exploração com a observação do objeto, e, principalmente, com a observação do ambiente.

Outro fato que merece destaque é a qualidade do que se oferece aos bebês em termos de objetos sonoros ou instrumentos musicais. Isso porque, como se viu pelas análises, o foco dos bebês está definitivamente no som. Isso ficou claramente evidenciado quando estavam com as saboneteiras “vazias”. É necessário um olhar cuidadoso do adulto para com objetos que apresentam pouca ou nenhuma qualidade sonora.

2.4.5 EPISÓDIO 5: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Exploração Vocal

Bebês presentes: (3) Matheus, Martin e Pedro

Descrição: Exploração Vocal com movimentos corporais.

a) Análises de Vídeos (2')

A cena se inicia com movimentos fluidos e a entoação de glissandos e de um padrão rítmico pela pesquisadora.

Matheus observa atentamente os pés da pesquisadora. Os olhos estão bem abertos, e não há movimentos corporais. Olha para cima (para o rosto e braços da pesquisadora) quando os movimentos estão fluidos; volta a olhar para os pés quando os movimentos estão mais marcados.

Olha para o lado, e sai em busca de um objeto. Encontra um pedaço de tecido (um tecido com o qual se amarra a cortina), e me entrega. E diz: AiÁ!! Como se quisesse dizer: pegue!

Fica observando atentamente o que a pesquisadora vai fazer com o tecido. A pesquisadora passa a fazer o glissando, balançando o tecido de um lado para o outro em tempo fluido. Faz uma grande pausa. Nesse momento, Matheus, que estava se balançando, com o corpo bem molinho, dá uma parada. Faz um movimento de Pausa junto com a pesquisadora! Sorri.

Quando a pesquisadora volta a balançar o tecido, seu corpo fica fluido novamente. Se balança junto (apesar de não estar com o tecido em mãos). Seu movimento segue da direita para a esquerda, num suave balançar. Continua observando, mas senta-se num cadeirão que está no chão. Observa atentamente. Olhos bem abertos. Depois de um minuto e 16 segundos, começa a reproduzir o padrão rítmico!!

Não exatamente idêntico, mas muito parecido!!

O tom é o mesmo da pesquisadora. A pesquisadora, então, entoia o padrão novamente. Ele escuta e depois responde!!

Mantém o jogo. Sai da cadeira e pega o tecido da minha mão. Amassa-o, chacoalha-o, sempre sorrindo. Responde novamente ao padrão rítmico!!

Martin e Pedro ficam observando a cena quase que imóveis. Martin começa a querer imitar, mas logo se senta e volta a

SUMÁRIO

observar. Pedro quase não faz movimento nenhum. Martin faz movimentos com as pernas e braços, mas seu foco está em observar Matheus e a pesquisadora.

b) Análises com EON

Vídeo nº.:	201710.26-144921				
Tempo total do vídeo:	19'08"	Tempo do "Evento crítico":	00:00 à 02:00	Tempo de Observação:	2'
Eixo:	Exploração vocal				
Descrição do Episódio:	Exploração vocal com movimentos corporais				
Cena:	A Pesquisadora inicia com movimentos fluidos e uma vocalização em guisando seguida de um padrão rítmico em colcheias. Faz movimentos fluidos no guisando e um pouco mais marcados nos pés.				
Escuta: gravada () ou ao vivo (X)					
Agência do movimento do bebê ()					
Agência do movimento da pesquisadora (X)					
Atividade trazida pronta pela pesquisadora ()					
Jogo elaborado a partir da ação do bebê (X)					
Jogo produzido pelo bebê ()					

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Matheus				Idade:	1 ano e 6 meses									
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais										
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações						
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int	
00:25 à 00:33	8				X										
00:34 à 00:43	9							X							
00:44 à 01:24	40					X									
01:25 à 01:30	5								X						
01:31 à 01:43	12					X									
01:44 à 02:03	19				X										
02:04 à 02:06	2								X						
02:07 à 02:25	18					X									
Observações:															

Fonte: Elaborada pela autora.

SUMÁRIO

Nome:	Martin										Idade:	1 ano e 4 meses					
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais												
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações								
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int			
00:00 à 00:13	13					X											
00:14 à 00:15	1				X												
00:16 à 00:45	29					X											
00:46 à 00:51	5				X												
00:52 à 01:09	17			X													
01:10 à 02:00	50					X											
Observações:																	

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Pedro										Idade:	1 ano e 6 meses					
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais												
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações								
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int			
00:20 à 02:20	120					X											
Observações:																	

Fonte: Elaborada pela autora.

Neste episódio, Martin e Pedro permanecem quase o tempo todo da observação (2') em estado de “movimento receptivo”. Os “movimentos ativos” apresentados por Martin (muitos movimentos de pernas e braços) se dão sempre com o olhar na cena que se desenrola entre a pesquisadora e Matheus. Parecem não ter ligação com o canto e com o padrão rítmico entoado, mas com o envolvimento na observação da cena *em si*.

Pedro permanece os dois minutos exatamente na mesma posição. Sentado e com os olhos voltados para a cena. Não desvia o olhar. Não realiza quase nenhum movimento durante os dois movimentos.

Esse fato aconteceu frequentemente durante as intervenções. Os bebês suspendiam os seus próprios movimentos a fim de observarem o que estava acontecendo com outros bebês, ou com a pesquisadora ou com bebê/pesquisadora.

A constatação de que os bebês demonstram interesse em observar cenas é relevante para a abordagem do Miniaturas, uma vez que as propostas são pensadas a partir da relação observador/protagonista, e considerando as duas ações como essenciais na experiência estética.

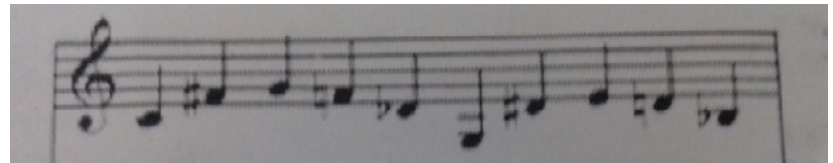
2.4.6 EPISÓDIO 6: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Exploração Vocal e entoação de canto atonal

Bebês presentes: 4 (Matheus, Pedro, Martin e Matheus)

Descrição: Contorno melódico atonal; tempo métrico com movimentos fluidos. Destaque para os intervalos dissonantes. Ideia de que som tem movimento.

Figura 25 - Contorno melódico atonal



Fonte: TREHUB, 2014, p. 42.

a) Análises de Vídeos (2')

A gravação desta intervenção não contemplou, em nenhum momento, todos os bebês juntos. Dessa forma, o tempo do vídeo das observações de cada bebê foi diferente.

SUMÁRIO

Matheus fica olhando muito seriamente para a pesquisadora deitada no chão; parece pensar em como despertá-la. Olha, mexe em meus cabelos. Está concentrado, buscando encontrar uma solução para me acordar. Investe esforço na atividade; passa a bater as mãos no chão para tentar me “acordar”. Não desiste; olha para o ambiente e vê uma bola. Busca a bola, me chama e entrega a bola. Mostra-se muito satisfeito quando me levanto e pego o que me oferece. (Imitação) Canto para ele, que abre bem a boca em forma de A; não pronuncia o A, mas parece estar se esforçando para buscar esse A dentro dele. Estabelece contato visual com a pesquisadora, olhando bem nos meus olhos, mexe no meu rosto e tenta fazer o A da canção. Sorri; mexe de novo no meu cabelo (afetividade). Sorri. Olha para os lados, procurando alguma coisa. Encontra um pedacinho de papel no chão e vem me mostrar. (Expressão facial) Pelo seu rosto, podemos afirmar que está feliz. Aguarda a minha reação enquanto mostra o “achado”. Em termos de conteúdo musical, percebo que ele procura “cantar” a canção comigo. Não entoa, mas busca esse som dentro dele. Essa tentativa dura aproximadamente 50”. Esse momento pode ser caracterizado como intersubjetividade. (Intersubjetividade) Nós dois estamos compenetrados no mesmo foco, buscando fazer a mesma coisa. Ele está seguro, e não procura pela educadora em nenhum momento.

Matheus se movimenta no plano alto; tem segurança ao caminhar. Não está preocupado com o movimento, nesse momento. Está ocupado, primeiro, em “despertar” a pesquisadora; e, em segundo, a imitar a canção entoada pela pesquisadora.

Após três minutos de observação do vídeo desta intervenção, registra-se a primeira vocalização dos bebês. Uma vocalização curta, mas nota-se a tentativa do bebê de reproduzir o que a pesquisadora estava a cantar.

Durante o tempo em que Danilo foi observado, a pesquisadora cantava um trecho de uma canção atonal, e se movimenta com movimentos fluidos. Soma à canção um jogo sonoro de

glissando descendente em U, feito com as duas mãos para cima, que termina com uma batida do objeto ao chão e com a sílaba PA!

Danilo está em pé, segurando o objeto com as duas mãos pra cima, imitando o gesto da pesquisadora. Mas não faz o som. Olha fixamente para a pesquisadora, e entrega o objeto para ela. Seu olhar parece querer dizer: - "Agora é sua vez". A pesquisadora repete o processo (glissando em U), levantando o objeto com as mãos para cima, e terminando com uma batida do objeto no chão ao mesmo tempo em que diz PA! Entrega o objeto novamente para ele, que o segura, e levanta novamente as duas mãos para cima. O objeto cai para trás, mas ele não o pega. Ele está atento à pesquisadora. Sua expressão facial é séria. Coloca as mãos na boca e fica observando. Pega novamente o objeto, tirando as mãos da boca. Derruba-o, coloca a mão na orelha, e encosta num pufe para observar a pesquisadora, que agora está no centro da sala.

A pesquisadora se volta para ele. Faz a brincadeira do glissando. Ele observa, depois pega o objeto, repete o gesto das mãos para cima (mas não vocaliza), deixa cair pra trás esse objeto, e dá uma risada. Ele se aproxima da pesquisadora, sorri, e tenta encontrar os sons dentro da boca dela. Mexe em sua própria boca, depois na boca da pesquisadora. Coloca as mãos no rosto da pesquisadora. Parece procurar os sons no rosto e na boca da pesquisadora. Mexe na boca da pesquisadora, fazendo brum, brum... Fica um tempo fazendo esse som, no que é acompanhado pela pesquisadora.

Figuras 26 e 27 - Interação entre pesquisadora e aluno



Fonte: arquivo pessoal da autora.

A pesquisadora canta um trecho de uma canção atonal, se movimentando com movimentos fluidos. Algum bebê, levantando as mãos para cima, entrega um objeto (um pequeno pufe quadrado e colorido) para a pesquisadora, que se utiliza desse gesto para fazer um jogo sonoro. Um glissando com U, que termina com uma batida do objeto com a palavra PA! O objeto é integrado à entoação da canção.

Martin estava no colo da professora, olha atentamente para a pesquisadora e sorri. Parece achar divertido. A pesquisadora não está olhando para ele, mas ele não desvia o foco, e não para de sorrir.

A pesquisadora entoa uma melodia, e, utilizando a sílaba PA, está em um plano médio. Martin está sentado no colo da educadora, no plano baixo.

A pesquisadora recebe um objeto de um bebê, e faz sons com ele. Martin abaixa a cabeça e gargalha! A pesquisadora recebe mais objetos (iguais), e propõe um jogo rítmico. Martin pisca os olhos quando o objeto atinge o chão com um PA! E depois sorri, satisfeito. Mexe os pezinhos. O sorriso não sai do rosto, mas ele ainda não fez menção de se levantar. Está seguro e confortável no colo da professora.

Martin olha para o bebê, que interage nesse momento com a pesquisadora, e volta a olhar para a pesquisadora. Martin sai do colo da professora, e se aproxima da pesquisadora. Pega o objeto. Está sentado no chão com o objeto no colo. Levanta-se, pega o objeto, mas seu olhar não se desvia da pesquisadora, que faz o jogo com o seu objeto. Ele sorri. Ele anda com o objeto, faz uma vocalização em aaaaaaaa, e olha para a professora para, evidentemente, mostrar o que está fazendo.

SUMÁRIO

Figuras 28 e 29 – Pesquisadora e bebês durante a atividade



Fonte: arquivo pessoal da autora.

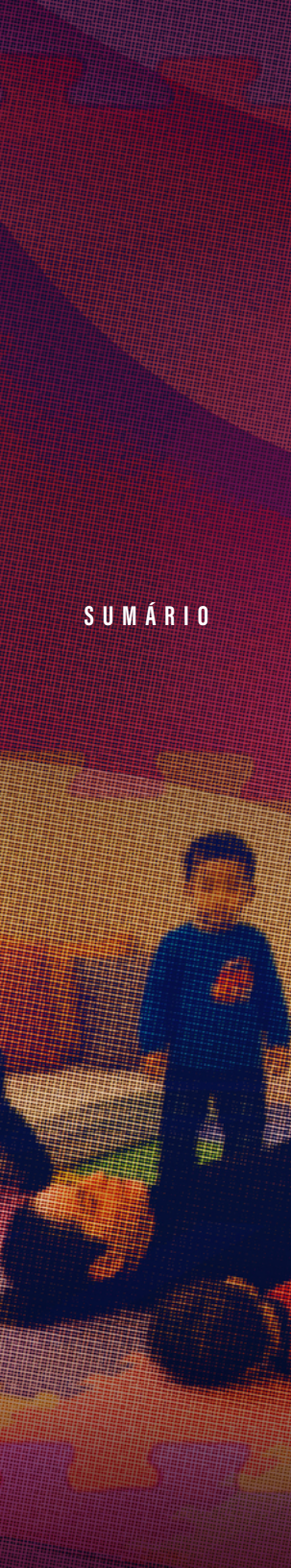
SUMÁRIO

b) Análises com EON

Vídeo nº.:	201708.03-004				
Tempo total do vídeo:	25'	Tempo do “Evento crítico”:	01:00 à 40:00	Tempo de Observação:	2'
Eixo:	Exploração vocal e entoação de canto atonal				
Descrição do Episódio:	Contorno melódico atonal; tempo métrico com movimentos fluidos. Destaque para os intervalos dissonantes. Ideia de que som tem movimento.				
Cena:	A pesquisadora entoa uma pequena peça atonal, composta por ela própria, com movimentos fluidos de corpo. Nesse momento do vídeo, a pesquisadora está em posição fetal, imóvel, em silêncio, esperando alguma reação dos bebês para se movimentar. Ao ser requerida pela bebê, se levanta, movimentando-se fluidamente.				
Escuta: gravada () ou ao vivo (X)		Agência do movimento do bebê ()		Agência do movimento da pesquisadora (X)	
Atividade trazida pronta pela pesquisadora (X)		Jogo elaborado a partir da ação do bebê ()		Jogo produzido pelo bebê ()	

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Matheus										Idade:	1 ano e 3 meses				
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais											
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações							
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int		
01:00 à 02:36	96				x											
02:37 à 02:40	3						X									

A child in a blue shirt stands in a colorful, abstract environment. The background is a vibrant, textured wall with shades of red, orange, and yellow. The floor is covered with large, colorful, irregular shapes in shades of blue, green, and yellow. The child is standing in the center, looking towards the camera. The overall style is artistic and modern.

SUMÁRIO

02:42 à 02:52	11	X
02:53 à 03:00	7	x

Observações:

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Danilo								Idade:	1 ano e 2 meses					
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais										
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações						
									VI	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int	
02:00 à 02:21	21				X										
02:22 à 03:54	92					X									
03:55 à 04:02	7								X						

Observações:

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:		Martin					Idade:		1 ano e 1 mês				
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais								
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações				
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D

04:00 à 06:00	120	X
---------------	-----	---

Observações:

Nome:		Pedro				Idade:		1 ano e 4 meses			
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais						
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações		
									V.I	V.C	V.Imp.

03:00 à 04:56	116	X
---------------	-----	---

04:57 à 05:00	3	X
---------------	---	---

A gravação desta intervenção não contemplou, em nenhum momento, todos os bebês juntos. Dessa forma, o tempo do vídeo das observações de cada bebê foi diferente.

Merece ser destacado o fato de que os bebês observam atentamente a boca da pesquisadora enquanto ela entoa o canto. Danilo chega a mexer com as mãos na boca da pesquisadora, como se estivesse investigando de onde vem aquele som ou como ele se processa dentro da boca. A duração dos movimentos receptivos de Martin e de Danilo indica um nível alto de concentração, sem perder contato em nenhum momento. É interessante notar como dois minutos de observação atenta podem levar a um bom entendimento de como cada bebê aprende, e como cada um lida com seus resultados e experiências.

Durante as observações, sem o uso do EON, foi necessário ver e rever os vídeos várias vezes para se chegar às descrições aqui apresentadas.

Nesse sentido, o EON é um instrumento que facilita a observação do bebê e a documentação do seu aprendizado. Os registros das observações, feitas em vídeo durante os dois minutos de observação dos episódios, são essenciais para o detalhamento e documentação do processo de aprendizado do bebê, e não devem ser descartados em substituição às fichas com categorias fechadas.

2.4.7 EPISÓDIO 7: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Escuta Ativa de Música Contemporânea

Bebês presentes: 2 (Matheus e Danilo)

Descrição: Escuta Ativa de peça contemporânea. Duas versões da mesma peça; uma vocal e outra instrumental. Peça entoada (voz)

pela pesquisadora e previamente gravada; peça interpretada pela pesquisadora ao teclado e previamente gravada.

a) **Análises de Vídeos (2')**

Matheus tenta pegar a bola da mão de Danilo. Assim que a pesquisadora coloca a gravação da melodia vocal, Matheus olha para o aparelho imediatamente. Olha para a pesquisadora; olha para a gravação. Parece entender que a voz é a mesma, mas a fonte é outra. Se não entende, ao menos demonstra estar compreendendo ou questionando internamente o fato.

Ele fica em pé, apontando para o aparelho. Quando termina a gravação, a pesquisadora, após um momento de silêncio e pausa no movimento, retoma a canção. Matheus vocaliza um nenenenenem, vindo em direção à pesquisadora com os dois bracinhos levantados. Quer subir no colo para enxergar o celular que reproduz a canção gravada. Com o dedinho indicador, ele toca na tela do celular (que mostra a pesquisadora cantando), e, em seguida, olha para o rosto da pesquisadora. Acha engraçado, sorri. Olha para a professora Miriam, querendo compartilhar a novidade. Mais uma vez procede a gravação, desta vez com o teclado. Matheus olha atentamente a tela do celular. Fica por um tempo muito maior observando a tela sem se mover. “Da primeira vez, a observação (e reconhecimento da pesquisadora) levou 3 segundos; da segunda vez, Matheus se demora 17” observando a tela. Não sorri. Sua feição parece ser de quem ainda não entendeu o que aconteceu. A pesquisadora o coloca no chão, mas ele pediu novamente para ir ao colo. Quer ver mais uma vez o que está acontecendo na tela. Assim que é recolocado no chão, ele vocaliza um Aba! Que não tem a ver com a altura da melodia, mas demonstra sua vontade de comunicar algo.

Em 2’18”, faço um Ya!, e Matheus também o reproduz!

Matheus vocaliza muito nesse vídeo. A pesquisadora lhe dá atenção, e ele é o que mais vocaliza. É impressionante a precisão que

ele demonstra quando a gravação termina. Coloca os dois dedinhos em riste e me avisa!

Danilo está com uma bola na boca, e observa atentamente a pesquisadora; tira-a da boca, olha para a bola e coloca-a na boca novamente. Mantém-se assim, brincando com a bola, mas observando a pesquisadora, Matheus e o celular.

b) Análises com EON

Vídeo nº.:	24.08.17-1				
Tempo total do vídeo:	10'	Tempo do "Evento crítico":	06:00 à 08:00	Tempo de Observação:	2ª Escuta
Eixo:	Escuta ativa de música contemporânea				
Descrição do Episódio:	Escuta ativa de peça contemporânea. Duas versões da mesma peça; um vocal e outra instrumental. Peça entoada (voz) pela pesquisadora e previamente gravada; peça interpretada ao teclado e previamente gravada.				
Cena:	Algumas bolas estão jogadas na sala; os bebês estão brincando livremente. A pesquisador coloca a gravação e intercala a gravação e o silêncio.				
Escuta: gravada (X) ou ao vivo () Agência do movimento do bebê (X) Agência do movimento da pesquisadora ()					
Atividade trazida pronta pela pesquisadora (X) Jogo elaborado a partir da ação do bebê () Jogo produzido pelo bebê ()					

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Matheus				Idade:	1 ano e 3 meses									
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais										
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações						
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int	
00:00 à 00:21	21					X									
00:22 à 00:30	8					X									
00:31 à 00:34	3				X										
00:35 à 01:09	34					X									
01:12 à 01:22	10				X										
01:23 à 01:26	3				X										

SUMÁRIO

01:27 à 01:35	8	X
01:36 à 01:54	18	X

Observações:

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Danilo				Idade:	1 ano e 6 meses								
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais									
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações					
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int
00:00 à 00:24	24					X								
00:53 à 01:03	10			X										
01:04 à 01:17	13					X								
01:18 à 01:23	5			X										
01:24 à 01:56	32					X								
01:57 à 02:00	3			X										
Observações:														

Fonte: Elaborada pela autora.

Danilo intercala a observação da pesquisadora, de Matheus e do aparelho de som com a experimentação sensorial de uma bola (de brinquedo) que está em suas mãos. Ele parece gostar das duas coisas, mas o foco de maior duração está na observação da cena.

Matheus apresenta movimento receptivo sempre que a reprodução sonora acontece. Quando o fragmento musical termina, ele se movimenta, pede colo, e diz algumas palavras para a pesquisadora. Quando a música retoma, ele foca no som novamente.

Observando o EON, pode-se perceber que Matheus mantém um padrão de movimento receptivo quando inicia a peça, e de movimento ativo quando esta termina.

As análises das observações de Danilo levam a crer que ele não está preocupado com o som. Está atento à cena que se desenrola, mas o foco não está na música, porque sua atenção para a cena não se dá juntamente com o início da música.

O EON facilita esse tipo de observação. Num primeiro momento, poder-se-ia dizer que Danilo estava compenetrado na música (ele permanecia muito mais tempo olhando para nós, do que experimentando o brinquedo que tinha em mãos). Mas as análises evidenciam que as suas suspensões de movimento não se davam concomitantemente com a música.

2.4.8 EPISÓDIO 8: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Escuta Ativa de Música Contemporânea

Bebês presentes: 3 (Martin, Matheus e Davi)

Descrição: Escuta de música contemporânea ao vivo com violino (interpretação da Lorena) e movimento corporal relacionado ao som com agência da pesquisadora.

a) Análises de Vídeos (2')

Matheus está sentado no chão, próximo à Lorena, que está se organizando para começar a tocar. Assim que tocam as primeiras sonoridades e a pesquisadora realiza movimentos, Matheus vira o corpo em direção ao som (à direita); rapidamente, vira o corpo à esquerda, onde está a pesquisadora. Vira-se, sentando-se de frente para o "evento". Sorri. Seu olhar vai da pesquisadora para Lorena, sem parar. Sorri novamente quando a pesquisadora faz um gesto intenso com as mãos e com o rosto. Olha bem para a pesquisadora, querendo estabelecer contato. Aponta com o dedo para o celular. Nesse exato momento, Lorena passa a fazer uma sonoridade rítmica,

e a pesquisadora passa a jogar o corpo de um lado para o outro ritmicamente. Ele olha para as pernas da pesquisadora, olha para a parte de cima. Olha novamente para as pernas, olha para cima. (ele está sentado, e a pesquisadora e a violinista estão em pé). Sorri. Nesse momento, a pesquisadora dá um suspiro, como se estivesse cansada. Ele percebe a mudança, e olha para Davi, que está atrás em uma cadeirinha de balanço. Vira mais um pouco para trás e olha para Martin; mas volta-se rapidamente para o violino.

Martin está sentado no colo de Miriam. Fica sentado durante os dois minutos. Mas seu foco é total, não se desviando nem quando seus colegas se mexem ou saem do lugar. Ele está com os olhos fixos na violinista e sorrindo. Miriam coloca-o em pé, e começa a balançá-lo para lá e para cá. Mas ele parece estar interessado em observar. O violino lhe chama muita atenção. Ele só volta o olhar para a pesquisadora quando esta usa a voz, fazendo um gesto com as mãos para cortar o som do violino. Mas logo seu olhar se volta para a violinista novamente.

Davi, diferente dos outros dois bebês, não apresenta um nível alto de envolvimento, ao menos durante esses dois minutos de observação. Seu foco de atenção na performance dura 53". Depois desse tempo, ele ia buscar sua chupeta (o que sugere que esteja com sono), e procura o colo de Miriam, a qual, por sua vez, pede que ele olhe para a cena. Ele procura se envolver corporalmente na cena (01':29" a 01':33" de movimento ativo), mas não insiste. Senta-se em sua cadeirinha e lá permanece. Pega um brinquedo que está no chão, mas Miriam tira-o de sua mão, e fala pra ele ficar quietinho. Ele aceita, mas demonstra não estar feliz; parece desanimado.

Por curiosidade, a pesquisadora observa Davi por mais dois minutos sem contabilizar os dados. Davi estava no colo da professora Miriam. Olha para a pesquisadora; coça os olhos, e torna a olhar para a pesquisadora, que agora faz sons com a boca enquanto a

SUMÁRIO

violinista a acompanha. Com o dedo indicador na boca, sorri. Olha para a pesquisadora, que agora está “caída” no chão. Sua expressão é de curiosidade. Seus olhos percorrem o corpo todo da pesquisadora. “Assim que a pesquisadora o levanta, sorri, e continua sorrindo pelos próximos 20”. Segue os movimentos da pesquisadora com os olhos. Não se levanta do colo de Miriam. Parece que prefere apreciar ou observar a fim de entender o que está acontecendo. Não desvia o olhar. O foco está no evento sonoro.

Ao longo da intervenção, os bebês passaram a se relacionar com a intérprete e com a pesquisadora.

Figura 30 – Interação entre intérprete, pesquisadora e bebês



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Em seguida, Lorena passou a interpretar com sons os movimentos dos bebês, o que inverteu o processo de telespectador. Depois, exploraram o violino. Foi a primeira vez que ouvi Matheus chorar. Davi balançou o arco do violino, e acabou atingindo Matheus. Ele chorou por 5", e, depois, acalmou-se. Acompanhar de perto a exploração de instrumentos e objetos por bebês se faz necessário.

b) Análises com EON

Vídeo nº.:	270717-2				
Tempo total do vídeo:	9'	Tempo do "Evento crítico":	00:30 à 02:30	Tempo de Observação:	2'
Eixo:	Escuta ativa de música contemporânea				
Descrição do Episódio:	Escuta de música contemporânea ao vivo com violino (interpretação de Lorena Niéri) e movimento corporal relacionado ao som com agência da pesquisadora.				
Cena:	A pesquisadora inicia os movimentos corporais com base na interpretação da Lorena ao violino.				
Escuta: gravada () ou ao vivo (X) Agência do movimento do bebê () Agência do movimento da pesquisadora (X)					
Atividade trazida pronta pela pesquisadora (X) Jogo elaborado a partir da ação do bebê () Jogo produzido pelo bebê ()					

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Martin	Idade: 1 ano e 1 mês												
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais									
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações					
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int
00:30 à 00:34	4					X								
00:35 à 00:36	1					X								
00:37 à 00:38	1					X								
00:39 à 00:40	1					X								
00:41 à 00:43	2					X								
00:44 À 00:57	13					X								
00:58 à 01:01	3					X								
01:02 à 01:06	4					X								
01:07 à 01:31	24					X								
01:32 à 01:36	4					X								
01:37 à 01:46	9					X								
01:47 à 01:49	2					X								
01:50 à 02:30	40					X								
Observações:														

Fonte: Elaborada pela autora.

SUMÁRIO

Nome:	Matheus										Idade:	1 ano e 3 meses			
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais										
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações						
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int	
00:30 à 00:41	9					X									
00:42 à 00:43	1					X									
00:44 à 00:55	9					X									
00:56 à 00:58	2					X									
00:59 à 01:09	10					X									
01:10 à 01:13	3					X									
01:14 à 01:15	1					X									
01:16 à 01:19	3					X									
01:20 à 01:24	4					X									
01:25 à 01:37	12					X									
01:38 à 01:41	3					X									
01:42 à 01:58	16					X									
Observações:															

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Davi										Idade:	1 ano e 2 meses				
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais											
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações							
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int		
00:30 à 00:46	16					X										
00:47 à 00:50	3					X										
00:51 à 00:53	2					X										
00:54 à 01:09	15		X													
01:10 à 01:28	18					X										
01:29 à 01:33	4				X											

01:34 à 01:42	8		X
01:43 à 01:59	16	X	
02:00 à 02:30	30		X
Observações:			

Nome:	Davi				Idade:	1 ano e 2 meses									
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais										
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações						
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int	
06:00 à 06:28	28					X									
06:29 à 06:35	6					X									
06:36 à 06:51	15					X									
06:52 à 07:00	8		X												
07:01 à 07:24	23					X									
07:25 à 07:28	3					X									
07:29 à 07:49	20					X									
07:50 à 07:54	4					X									
07:55 à 08:00	5					X									
Observações:															

154

Sua manifestação dura dois segundos, depois ele volta a observar sentado, em sua cadeirinha.

O tempo em que se registram viradas de cabeça ou mudança do foco do olhar, ora para a pesquisadora, ora para a intérprete, foi anotado em "movimento ativo".

Em 00:57", a intérprete muda da região aguda do violino para uma grave, bruscamente. Todos os bebês se voltam para ela nesse momento.

Matheus registra 12 viradas de cabeça; Martin 13.

Analisando as descrições feitas sobre Martin, com base nas observações dos vídeos sem o uso do EON (p. 86 do Relatório de Prorrogação), com as descrições que as análises dos resultados das observações do EON permitiram fazer, percebe-se que o instrumento possibilita uma descrição mais detalhada e rica da observação. Pelo instrumento, observa-se que Martin movimenta a cabeça e/ou os olhos, alternando o foco entre pesquisadora e intérprete, 13 vezes. Na descrição feita sem o Esquema, essa alternância não foi percebida.

A concentração de Davi, no evento, se mantém por 53". Após esse tempo, ele mostra sinais de que está com sono ou insatisfeito. Vai buscar sua chupeta; pede colo para a professora, que não o pega, e, por isso, deita-se em sua cadeirinha. Seu envolvimento com a cena é baixo durante o próximo minuto. Ele até se volta para observar a cena (por 3 vezes), e tenta uma movimentação ativa (por 4"), mas não persiste. Parece cansado.

A descrição, sem o EON, de mais dois minutos (escolhidos aleatoriamente) foi feita a título de curiosidade, e percebe-se que Davi está curioso em relação ao que está acontecendo, porque seu olhar mantém o foco na cena. Ele sorri o tempo todo, mas provavelmente está cansado ou com sono, porque quer ficar no colo da Miriam, e coça os olhos.

SUMÁRIO

2.4.9 EPISÓDIO 9: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Escuta Ativa de Música Contemporânea

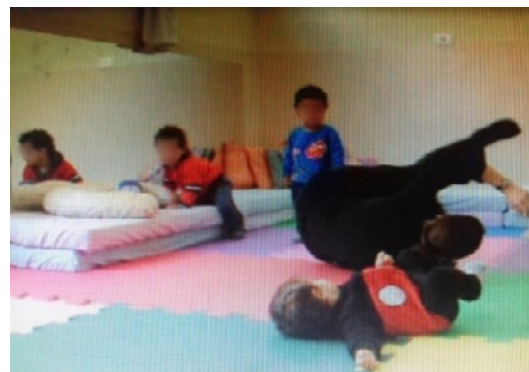
Bebês presentes: 3 (Matheus, Danilo e Davi)

Descrição: Apreciação de música contemporânea com movimento ativo. Ora a pesquisadora agenciava o movimento; ora imitava os movimentos feitos pelos bebês.

a) Análises de Vídeos (2')

Matheus está deitado no chão com as pernas para o ar, virando-se de um lado para outro. Por 10", se mantém observando a pesquisadora, que, nesse momento, realiza movimentos de plano baixo. Em seguida, levanta os braços e as pernas balançando-os. Balança os pés que estão para cima, e junta as duas mãos mais no alto. Vira para a direita querendo rolar. Assim que a música termina, vocaliza: - Ai diiii.

Figura 31 – Matheus deitado no chão observando a pesquisadora



Fonte: arquivo pessoal da autora.

A pesquisadora aproveita a lalação, imitando-a, e acrescenta alguma coisa. Matheus vira para a direita de novo, vocaliza de novo

(parece entender que, durante a música, não se fala); fica vocalizando baixinho, até reiniciar a música. Quando a reinicia, se levanta do chão.

Davi estava sentado no colchão que tem no chão da creche. Fica olhando por 6", e logo se aproxima. Fica em pé olhando a pesquisadora.

Ele vai caminhando pela sala, na direção de Matheus. Tropeça e cai próximo da pesquisadora. Aproveita para ficar sentado. Olha bem para a pesquisadora. Sorri. Olha para Matheus. Olha para a pesquisadora. Agora se apoia para trás com as duas mãos, deitando-se no chão, sempre sorrindo. Davi rola para o lado direito; senta-se novamente, e se deita logo em seguida, se rasteja pelo chão.

Danilo está a observar o que acontece entre a pesquisadora e Matheus. Está em pé parado, observando. Pelas análises dos vídeos, pode-se perceber que essa relação observação-participação é constante nessa abordagem. Como as atividades e jogos partem do que emerge dos bebês, o interesse de cada um é levado em consideração, tornando, assim, o resultado algo bastante individualizado, mas que serve como "evento artístico", alimento da sensibilização para todos os bebês que ali se encontram. Nenhum deles é obrigado a parar para observar, no entanto, esse foi o padrão de comportamento habitual.

Danilo acompanha com os olhos e com o corpo (virando-se quando sua visão não permite que observe a contento), ora para a pesquisadora, ora para Matheus, quando este se encontra com o controle do movimento. Danilo caminha três passos olhando para a pesquisadora, talvez para encontrar um ângulo melhor de observação, pois seus olhos não se desviam da cena. Ele não faz os movimentos como Matheus e Davi, mas observa.

Atenção e foco, sem movimentos corporais, são os indícios que os bebês demonstraram quando a música é gravada. Quando a pesquisadora repete com a voz o que está na gravação - entra o

SUMÁRIO

sorriso. Quando a voz entra no jogo, parece trazer junto um elemento de afetuosidade, que logo é identificado pelos bebês, que, imediatamente, respondem sorrindo.

Um momento do vídeo deixa claro esse fato. Estão sérios, compenetrados. Olhando sem desviar os olhos da pesquisadora. Quando esta reproduz um assobio da gravação, Martin sorri imediatamente (tempo: 3':38" – vídeo DSC 1296). Martin demonstra estar escutando a música nesse momento. (Tempo 3':56" do vídeo DSC 1296). Estava olhando para o chão, de repente olha para o lugar de onde vem o som. Depois olha para a pesquisadora. Olha para a direção do som novamente. Coloca dois dedinhos na boca.

b) Análises com EON

Vídeo nº.:	24.08.17-1				
Tempo total do vídeo:	7'	Tempo do "Evento crítico":	00:00 à 02:00	Tempo de Observação:	2'
Eixo:	Escuta ativa de música contemporânea				
Descrição do Episódio:	Apreciação de música contemporânea com movimento ativo. Ora a pesquisadora agenciava o movimento, ora imitava os movimentos feitos pelos bebês.				
Cena:	Início da intervenção com movimentos da pesquisadora em plano baixo				
Escuta: gravada (X) ou ao vivo () Agência do movimento do bebê (X) Agência do movimento da pesquisadora ()					
Atividade trazida pronta pela pesquisadora (X) Jogo elaborado a partir da ação do bebê () Jogo produzido pelo bebê ()					

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Matheus				Idade:	1 ano e 4 meses								
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais									
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações					
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int
00:00 à 00:54	54							X						
00:55 à 01:03	8				X									
01:04 à 01:06	2										X			

01:07 à 01:17	10			X					
01:18 à 01:43	25							X	
01:44 à 02:00	16			X					
Observações:									

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Danilo										Idade:	1 ano e 3 meses				
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais											
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações							
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int		
00:00 à 00:03	3					X										
00:04 à 00:37	33					X										
00:38 à 00:42	4			X												
00:43 à 02:00	17					X										
Observações:																

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Davi								Idade:	1 ano e 3 meses					
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais										
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações						
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int	
00:00 à 00:08	8					X									
00:09 à 00:20	11				X										
00:21 à 01:02	41					X									
01:03 à 01:04	1					X									
01:05 à 01:13	8					X									
01:14 à 01:49	35							X							
01:50 à 02:00	10							X							
Observações:															

Fonte: Elaborada pela autora.

SUMÁRIO

A proposta do Miniaturas prevê a emergência de cenas intersubjetivas entre professor-bebê; entre bebê-bebê e entre bebê-pesquisadora. Dessa forma, ocasiões ocorrem em que algo especial se dá entre uma dupla ou um trio. É comum que os demais bebês fiquem observando essas cenas.

Isso interfere nas análises dos dados do EON, porque, em uma mesma intervenção, no mesmo tempo de vídeo, os bebês, geralmente, não estão fazendo a mesma coisa. Não estão fazendo uma atividade, todos juntos, em roda, que possibilite o cruzamento e a estatística desses dados.

Cada bebê é único, e cada um está em seu momento. Respeita-se essa individualidade.

Tem-se em conta que o instrumento de observação (EON) está sujeito a essa condição primária, de respeitar a individualidade dos bebês. Por isso, não se pretende cruzar os dados, mas ter um instrumento que possibilite observar minuciosamente os bebês, a fim de melhor compreender sua forma de aprendizado.

Esse fato fica evidente nas análises do episódio n. 10. Na ficha de Matheus, têm-se três gestos imitativos, uma improvisação vocal e um movimento ativo; na de Danilo, no mesmo tempo de vídeo, durante a mesma intervenção, têm-se praticamente os dois minutos de movimento receptivo, exceto por quatro segundos que ele apresenta desvio de atenção (D. A.); Davi, por sua vez, apresenta dois gestos imitativos, um movimento ativo e quatro movimentos receptivos.

A cena se desenrolou com Matheus, mas Davi procurou entrar e imitar, ao passo que Danilo observou tudo. O EON facilita essa visualização.

Percebe-se que os Movimentos apresentam um número bem maior do que as vocalizações. Isso se deve muito provavelmente porque foram analisados mais episódios de escuta (8) do que de

SUMÁRIO

entoação (dois). Isso porque a proposta do Miniaturas se baseia principalmente na escuta. Mesmo quando a atividade envolve entoação, vocalizações e brincadeiras vocais, o foco está na escuta.

Daí, possivelmente o número mais baixo de vocalizes.

2.4.10 EPISÓDIO 10: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Estrutura Sonora

Bebês presentes: 3 (Davi, Matheus e Martin)

Descrição: Estrutura Sonora com Objetos.

a) Análises de Vídeos (2')

Davi é o primeiro a se aproximar do pianinho; toca primeiro com um dedo por 10". Empenha-se em fechar a tampa do objeto; não consegue; volta a tocar, dessa vez, com as duas mãos e com todos os dedos de uma vez, como um *clusters*. Mas o gesto é o mesmo que realiza da primeira vez (quando só tocou com um dedo). O padrão que executa é aproximadamente o seguinte: quatro pulsos, seguidos de um *clusters* que teve a duração de dois pulsos.

Davi toca agora com três *clusters* em semínimas bem fortes. Pausa o movimento, olha para a pesquisadora e retoma o primeiro padrão de *clusters*, demonstrando claramente um "gesto repetitivo".

Volta a tocar o segundo padrão, desta vez só com a mão direita.

Vai para uma almofada que está ao lado do pianinho, e brinca por 8" com ela. Volta-se para o pianinho, e observa o que está acontecendo. Observa a estrutura sonora que a pesquisadora realiza (e que termina com o glissando); aguarda o movimento sonoro acontecer, e, quando chega o momento do glissando, ele o realiza ao pianinho!

Matheus se aproxima da pesquisadora e do pianinho; está segurando uma bolinha branca na mão direita; experimenta o pianinho com um dedo só da mão esquerda; não solta a bolinha; suas explorações ao pianinho são feitas com a bolinha na mão ou na boca. Seu toque é leve, e ele parece não querer competir com Davi, que toca, durante quase dois minutos, fortemente seus *clusters*. Quando a pesquisadora passa a seguir a linha do objeto e entoar um som, Matheus se interessa. Não entoa o som, mas segue a linha com o dedinho da mão esquerda (porque sua mão direita ainda segura a bolinha).

Figura 32 – Matheus explorando o pianinho



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Esse episódio faz parte da primeira intervenção. Martin é o mais novinho da turma, e o que fica mais tempo junto da professora. Parece estar meio inseguro. A professora o traz para perto do pianinho; ele olha para o objeto, olha para a pesquisadora, pedindo colo novamente. A professora se retira de perto do objeto, levando Martin com ela. Martin observa a cena durante quase dois minutos com os dedinhos na boca.

Em 00:40", ele sorri para a pesquisadora quando esta realiza um glissando ao pianinho. E continua sua observação chupando os dedinhos.

Martin ainda está inseguro; se mantém no colo da profes-
sora. Logo que se sente à vontade, passa a explorar o pianinho.

Terminada essa parte da intervenção, seguimos realizando
estruturas sonoras com tecidos. O pianinho permanece na sala, mas
os bebês seguem a pesquisadora para observar a novidade (com
os tecidos). É nesse momento que Martim explora o objeto. Feliz,
mostra para a professora suas descobertas sonoras!

A estrutura sonora com os lenços se deu primeiro, mantendo,
para cada lado do lenço, um som contínuo e diferente. Os bebês
observam, e logo Matheus começa a tampar o rosto com o lenço, o
que transforma a estrutura sonora em um jogo de esconde-esconde.
A pesquisadora “aproveita” dois sons que vinha fazendo na estrutura
para o jogo do esconde-esconde. Os bebês não entoam os sons,
mas se divertem e riem muito com a brincadeira.

b) Análises com EON

Nome:		Davi				Idade:		1 ano e 1 mês							
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais										
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações						
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int	
00:00 à 00:13	13				X										
00:14 à 00:40	26						X								
00:41 à 00:48	7		X												
00:49 à 01:37	48						X								
01:38 à 01:51	13							X							
01:52 à 02:00	8		X												
Observações:															

Fonte: Elaborada pela autora.

SUMÁRIO

Nome:	Matheus										Idade:	1 ano e 1 mês					
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais												
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações								
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int			
00:00 à 00:20	20				X												
00:21 à 00:26	5				X												
00:27 à 00:33	6					X											
00:34 à 00:50	16		X														
00:51 à 01:01	10					X											
01:02 à 01:15	13		X														
01:16 à 01:42	26					X											
01:43 à 02:00	17							X									
Observações:																	

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Martin										Idade:	11 meses					
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais												
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações								
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int			
00:00 à 00:30	30		X														
00:31 à 00:40	9					X											
00:41 à 00:43	2				X												
00:44 à 02:00	76					X											
Observações:																	

Fonte: Elaborada pela autora.

Davi apresenta um movimento ativo e três movimentos repetitivos. Corrobora-se, com a pesquisa de Delalande, o fato de que os bebês repetem os gestos após a exploração, estando em outro nível de aprendizagem musical – o da invenção.

Davi apresenta duas explorações longas (26" / 48") e outra mais curta (13"), com duas saídas "fora da intervenção" entre elas. Parece que precisa desse tempo de pausa, de silêncio, para retomar.

Os dados de Matheus também apontam dois momentos "fora da intervenção"; apesar de demonstrarem atividade nos primeiros segundos (movimento ativo), revelam um padrão de movimentos receptivos intercalados com movimentos ativos e gesto imitativo.

E, aqui, se lembra de Gordon (2000), quando afirma que os bebês precisam de pausas entre as entoações para que ajudem.

Ao que parece, até durante as explorações, os bebês precisam de pausas. Fato relevante, portanto, quando se pensa na educação musical formal de bebês.

Matheus sempre se mostrou muito observador. Ele se interessa pela cena, não desvia o olhar, mas, provavelmente por ser essa a primeira intervenção, se mantém no colo da professora, ao menos durante os dois minutos iniciais da intervenção.

O tempo em que o bebê caminha até a intervenção, até a cena, ou seja, o tempo que ele leva para chegar até o lugar onde a intervenção está ocorrendo, foi considerado "movimento ativo". Isso porque o bebê caminha para o evento por estar interessado no evento. Como alguns estão aprendendo e outros engatinham, levam aproximadamente entre 20"/25" para chegar.

2.4.11 EPISÓDIO 11: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Estrutura Sonora

Bebês presentes: (1) Martin

Descrição: Estrutura Sonora com brinquedos.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

a) **Análises de Vídeos (2')**

Martin estava tentando alcançar alguns brinquedos que estavam sobre uma prateleira. Queria brincar. A pesquisadora estava não muito próxima a ele, entoando alguns padrões rítmicos e melódicos. Martin conseguiu tirar o brinquedo que almejava da prateleira, e passa a manipulá-lo. Enquanto brinca com seu objeto, responde às finalizações dos padrões!

Interessa-se pela sonoridade que a pesquisadora está produzindo. Suspende a brincadeira por alguns instantes. Olha para a pesquisadora, sorri e entoia o padrão. Volta-se para o brinquedo que tem em suas mãos. Depois de alguns segundos, levanta os olhos para a pesquisadora novamente, sorri e interage com o brinquedo da pesquisadora desta vez. Vocaliza.

Escuta o padrão feito pela pesquisadora, olhando para o brinquedo que tem nas mãos, e reproduz o padrão rítmico!

Escuta o padrão novamente, desta vez uma entoação melódica, e a repete ao final.

Ainda brincando com o seu brinquedo, escuta a pesquisadora novamente, e repete o padrão!

A pesquisadora improvisa sobre o brinquedo dele, e Martin termina o padrão a tempo! Martin sorri. Está feliz.

b) **Análises com EON**

Vídeo nº.:	17.08.17-3			
Tempo total do vídeo:	6'	Tempo do "Evento crítico":	01:20 à 03:20	Tempo de Observação: 2'
Eixo:	Estrutura sonora			
Descrição do Episódio:	Estrutura sonora com brinquedos.			

Cena:	Martin estava a brincar com um brinquedo. A Pesquisadora estava entoando uma estrutura sonora; Martin passa a imitar as estruturas ainda que brincando com o seu brinquedo.		
Escuta: gravada () ou ao vivo (X)	Agência do movimento do bebê ()	Agência do movimento da pesquisadora (X)	
Atividade trazida pronta pela pesquisadora ()	Jogo elaborado a partir da ação do bebê (X)	Jogo produzido pelo bebê ()	

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Martin										Idade:	1 ano e 2 meses				
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais											
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações							
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int		
01:30 à 01:34	4								X							
01:35 à 01:40	5				X											
01:41 à 01:44	3					X										
01:45 à 02:03	18	X														
02:04 à 02:06	2								X							
02:07 à 02:20	13					X										
02:21 à 02:23	2								X							
02:24 à 02:26	2					X										
02:27 à 02:28	1								X							
02:29 à 02:30	1					X										
02:31 à 02:33	2								X							
02:34 à 02:35	1					X										
02:36 à 02:38	2								X							
02:39 à 02:40	1					X										
02:41 à 02:43	2								X							
Observações:																

Fonte: Elaborada pela autora.

O padrão apresentado por Martin, nas análises de suas observações, indica alto envolvimento do bebê. Essas análises apon-

SUMÁRIO

taram a necessidade de se acrescentar mais uma categoria ao EON – a D+F – que significa “dentro, mas fora”. Isso porque Martin estava brincando com um brinquedo que não era o mesmo que a pesquisadora estava fazendo a estrutura sonora. Em alguns momentos, nem ao menos estava olhando para a pesquisadora; nem estava próximo. Estava a brincar com outros brinquedos, mas estava inteiramente dentro do jogo da estrutura sonora, porque entoava o padrão sonoro exatamente *a tempo*, procurando imitar a vocalização da pesquisadora, conseguindo fazê-lo muito bem! Foi uma cena emocionante!

Pelo EON, percebe-se claramente o seu envolvimento na atividade: as ações musicais imitativas são intercaladas aos movimentos receptivos (momento em que a pesquisadora vocalizava a estrutura) por dois minutos seguidos.

Os dados de Martin somam 10 “movimentos receptivos” e 9 “vocalizações imitativas” em dois minutos. Tanto as vocalizações quanto os movimentos receptivos têm duração curta.

Destaca-se a importância do EON no sentido de possibilitar análises de curta duração, pois como os dados evidenciam, os bebês realizam diversas experiências, e desenvolvem aprendizados em tempos curtos. Sem um instrumento de análise, esses momentos podem passar despercebidos.

2.4.12 EPISÓDIO 12: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Criação de Jogos Sonoros pelos bebês

Bebês presentes: Danilo e Matheus

Descrição: A atividade consistia em entoação de trechos dissonantes com movimentos fluidos. Danilo estava observando a pesquisadora atentamente. Ela se aproxima e canta bem próximo dele. Ele lhe entrega a bola.

a) Análises de Vídeos (2')

Danilo observava a pesquisadora cantar e se movimentar fluidamente sentado num dos cantos da sala do berçário. Estava colocando uma pequena bola (de massagem) na boca. A pesquisadora senta-se bem em frente a ele e canta a canção. Ele lhe entrega a bola. A pesquisadora faz o som do going-going (jogo sonoro inventado por Matheus, e que, a essa altura, todos os bebês já faziam – de rodar a bola fazendo going-going com a boca. Quando a bola corria solta e em uma direção, fazíamos sempre um único som – qualquer som, mas contínuo), e entregávamos a bola novamente pra ele, que ficava esperando com as duas mãozinhas esticadas. Ele pega a bola, dá uma risada alta, e faz um movimento de cima para baixo com a bola nas mãos por 9 vezes, sendo as quatro primeiras mais altas e intensas, e as demais mais curtas, porque sua intenção era colocar a bola na boca novamente. O movimento fica fraco, até que a bola alcança a boca. A pesquisadora canta novamente a melodia. Danilo está com a bola na boca, mas seus olhos estão focados diretamente na pesquisadora. Assim que se atenta ao silêncio da canção, entrega novamente a bola para a pesquisadora, que retoma novamente a mesma ideia: o jogo do going-going, seguido da entoação da melodia, devolvendo a bola pra Danilo. Danilo aguarda pacientemente todo o processo, e dá risada novamente quando a bola lhe é entregue. Já está com a boca aberta, sorrindo, e, por isso, seus movimentos foram mais contidos. A bola foi para a boca, novamente, mas seus olhos não se desviam em nenhum instante da pesquisadora. Ele brinca um pouco com a bola na boca, e devolve a bola para a pesquisadora, que repete o processo. Não vocaliza, mas seu bem-estar e envolvimento ficam nítidos pelo olhar focado, pela espera da devolução da bola (no caso, foi guiado pela escuta do canto) e pela alegria, sorrisos e movimentos de pernas que fazia. Sempre que pegava a bola, balançava o corpo todo, impulsionando as pernas (estava sentado sobre as pernas).

Ressalta-se que, muito embora a atividade fosse a mesma, gerou jogos diferentes entre os bebês. Mais uma vez, destaca-se

aqui a importância da individualidade e da atenção do adulto para o interesse do bebê.

Durante o jogo, Matheus faz uma vocalização imitando a pesquisadora. Não era igual, mas muito parecida.

A pesquisadora chama a atenção para a vocalização de Matheus, repetindo-a. Mas, nem mesmo nesse momento, Danilo desvia sua atenção da pesquisadora, continuando a observá-la atentamente, e entregando-lhe a bola depois de brincar com ela na boca. Fico a perguntar que som tem aquela bola na boca dele.

SUMÁRIO

b) Análises com EON

Vídeo nº.:	24.08.17-2				
Tempo total do vídeo:	7'	Tempo do "Evento crítico":	00:00 à 02:00	Tempo de Observação:	2'
Eixo:	Criação de jogos sonoros pelos bebês				
Descrição do Episódio:	A atividade consistia em entoação de trechos dissonantes com movimentos fluidos. Danilo estava observando a Pesquisadora atentamente. Ela se aproxima e canta bem próximo dele. Ele lhe entrega a bola.				
Cena:	X				
Escuta: gravada () ou ao vivo (X) Agência do movimento do bebê () Agência do movimento da pesquisadora ()					
Atividade trazida pronta pela pesquisadora (X) Jogo elaborado a partir da ação do bebê () Jogo produzido pelo bebê ()					

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:		Danilo				Idade:		1 ano e 3 meses						
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais									
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações					
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int
00:00 à 00:09	9					X								
00:10 à 00:21	11				X									
00:22 à 00:28	6					X								
00:29 à 00:38	9						X							

SUMÁRIO

00:39 à 00:42	3	X
00:43 à 00:54	11	X
00:55 à 00:59	4	X
01:00 à 01:20	20	X
01:21 à 01:25	4	X
01:26 à 01:33	7	X
01:34 à 01:35	1	X
Observações:		

Fonte: Elaborada pela autora.

As análises com o EON demonstram que o padrão de recepção-ação se mantém durante os dois minutos de observação. Danilo aguarda sua vez no jogo para atuar, e, muito embora a duração dos eventos varie, percebe-se que a ação tem tempo maior do que a recepção.

Figura 33 – Danilo durante atividade com a pesquisadora



Fonte: arquivo pessoal da autora.

2.4.13 EPISÓDIO 13: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Jogo Sonoro

Bebês presentes: 01 (Martin)

Descrição: Ah, Ah! (jogo por Martin).

a) Análises de Vídeos (2')

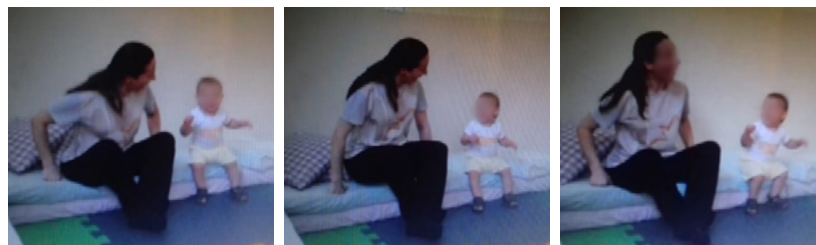
Martin estava sozinho no berçário neste dia. Talvez por isso interagiu muito com a pesquisadora, que, neste dia, lhe dedicou uma atenção individualizada. Estava animado, propondo várias brincadeiras. Em um momento da intervenção, olha para a pesquisadora, vocalizando alguns sons e caminhando até os colchões que estão dispostos próximos às paredes da sala. Solicita que a acompanhe, e isso fica claramente evidenciado, apesar de ainda não falar, pela forma com que vai andando e olhando para trás, e vocalizando para ela.

Senta-se no colchão, e passa a vocalizar (ah, ah, ah...), acompanhando com impulsos corporais (como se fosse levantar). A vocalização acompanha o ritmo do movimento, demonstrando que Martin já está preparado para o trabalho de estabelecimento de pulso; fato muito importante de um professor observar antes de trabalhar a marcação do pulso rígido.

Martin suspende o movimento, olha para a pesquisadora e diz: - Ah?

A pesquisadora entende que ele quer que ela o imite. Quando o faz, ele se mostra muito satisfeito! Sorri, muito feliz!

Figuras 34, 35 e 36 - Martin interagindo com a pesquisadora



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Assim que a pesquisadora cessa a imitação, Martin retoma o processo, estabelecendo o jogo, o qual permanece por pouco tempo, mas se repete em várias outras ocasiões.

Em outra intervenção, Matheus faz o jogo de Martin em outro espaço: o da sala de música da creche!

Martin repete sempre a mesma vocalização e o mesmo movimento corporal, e sempre propõe o jogo sobre um colchão.

b) Análises com EON

Vídeo nº.:	17.08.17-3				
Tempo total do vídeo:	13'12"	Tempo do "Evento crítico":	04:00 à 06:00	Tempo de Observação:	2'
Eixo:	Jogo sonoro				
Descrição do Episódio:	Ah, Ah! (Jogo por Martin)				
Cena:	Martin estava interagindo com a Pesquisadora, propondo várias brincadeiras.				
Escuta: gravada () ou ao vivo (X) Agência do movimento do bebê (X) Agência do movimento da pesquisadora ()					
Atividade trazida pronta pela pesquisadora () Jogo elaborado a partir da ação do bebê () Jogo produzido pelo bebê (X)					

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Martin										Idade:	1 ano e 2 meses			
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais										
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações						
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int	
04:00 à 04:12	12				X					X					
04:13 à 04:23	10					X									
04:24 à 04:35	11						X			X					
04:36 à 04:39	3					X									
04:40 à 04:51	11						X			X					
04:52 à 05:03	11					X									

05:04 à 05:17	13		X	X
05:18 à 05:29	11		X	
05:30 à 05:39	9		X	X
05:40 à 06:00	20	X		
Observações:				

Fonte: Elaborada pela autora.

Apesar de o jogo ser repetido algumas vezes, durante a mesma intervenção e em outras, as observações revelam que a duração do envolvimento do bebê com o jogo não ultrapassa os dois minutos. Nesta observação, especificamente em 1':40", Martin desvia a atenção para outro foco.

Esses fatos indicam que as experiências educativas com os bebês devem ser organizadas de modo a respeitar o tempo e interesse próprios de cada pequeno. Os jogos não duram muito tempo, mas são significativos para os bebês, principalmente para aquele que o elaborou.

É interessante ressaltar que o jogo de vocalização imitativa de Martin aconteceu no eixo "Estrutura Sonora", e não em "Exploração vocal e canto", como seria esperado. Esse tipo de abordagem abre possibilidades para que os jogos aconteçam, mas não dá para prever quando e que eixo acontecerá, pois depende do interesse do bebê.

2.4.14 EPISÓDIO 14: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Criação de Jogos Sonoros por Bebês

Bebês presentes: 3 (Mariana, Davi e Danilo)

Descrição: Pesquisadora aguardava em silêncio alguma vocalização dos bebês enquanto realizava movimentos fluidos com o corpo.

a) Análises de Vídeos (2')

A pesquisadora aguardava em silêncio alguma vocalização dos bebês enquanto realizava movimentos fluidos com o corpo, porque a agência sonora, nessa ocasião, era do bebê.

Davi sentou-se numa cadeirinha de balanço.

Mariana esteve presente no dia da Performance e nesta única intervenção. As intervenções aconteciam no período vespertino, e a bebê frequentava a creche somente no período da manhã. Estava tentando interagir ou entender o que estava acontecendo. Em nenhum momento estranhou a pesquisadora. Pelo contrário. Queria ficar no colo, e chorou muito quando a intervenção terminou e a pesquisadora disse que iria embora. Demonstrava querer interagir. Encostou-se à porta de vidro, e começou a bater o “bumbum” nela, o que gerou um padrão rítmico. Assim que ela pausava, a pesquisadora iniciava, repetindo seu padrão.

Quatro batidas, mais ou menos regulares, sem uso da voz.

Davi estava sentado numa cadeirinha de balanço. Observava com atenção ao movimento de Mariana e da pesquisadora. Assim que a pesquisadora terminou o padrão, ele entrou no jogo, repetindo o mesmo padrão com a sílaba Bá! Ba Ba Ba Ba.

Ele balançava os pezinhos aleatoriamente, ou seja, o movimento dos pés era fluido e livre em relação à vocalização que estava bastante regular.

Mantivemos o jogo por 2 minutos completos!! Sempre respeitando a ordem: Mariana, pesquisadora e Davi.

Davi deixou, inclusive, de olhar para a pesquisadora e Mariana. Passou a brincar com o seu pé, e tirar as sandálias. Mas se manteve no jogo, e “entrou”, no seu momento, em todas as sequências.

Danilo, que sempre gostou de fazer brum ...brum.... com os lábios, entrou no jogo.

Mariana começou a imitá-lo. Nesse momento, a coordenação do movimento do quadril se desestabilizou. Manteve-se encostada na porta, ainda percutia, mas não manteve o padrão quase regular que vinha fazendo no jogo. Sua atenção voltou-se para o brum... Então, outro jogo foi iniciado. Mantivemos a vocalização de Davi, e incluímos a onomatopeia de Danilo.

É interessante ressaltar que o jogo se estabeleceu com cada bebê em um canto da sala.

Davi estava (e permaneceu o tempo todo) no balanço, brincando com outras coisas, tais como sua sandália. Danilo estava andando pela sala, e Mariana encostada na porta que dá acesso ao parque (no fundo da sala).

O que, de fato, estava em jogo ali, naquele momento, era a escuta. Eles estavam livres. Não estavam em roda. Mas o foco daqueles minutos foi o jogo direcionado pela escuta e o interesse dos bebês. O jogo foi dado por eles. A pesquisadora somente considerou o que estava acontecendo sonoramente, e "entrou" no jogo, o que fez com que eles se sentissem incentivados a continuarem a proposta.

b) Análises com EON

Vídeo nº.:	30.05.17-3				
Tempo total do vídeo:	16'	Tempo do "Evento crítico":	05:00 à 07:00	Tempo de Observação:	2'
Eixo:	Criação de jogos sonoros por Bebês				
Descrição do Episódio:	A Pesquisadora aguardava em silêncio alguma vocalização dos bebês enquanto realizava movimentos fluidos com o corpo.				
Cena:	Davi estava na cestinha, Mariana começa a percutir a porta, Davi passa a vocalizar um padrão.				
Escuta: gravada () ou ao vivo (X) Agência do movimento do bebê (X) Agência do movimento da pesquisadora ()					
Atividade trazida pronta pela pesquisadora () Jogo elaborado a partir da ação do bebê () Jogo produzido pelo bebê (X)					

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:		Idade: 1 ano													
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais										
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações						
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int	
07:20 à 07:26	6										X		X		X
07:27 à 07:35	8					X									
07:36 à 07:43	7										X		X		X
07:44 à 07:51	7					X									
07:52 à 07:56	4										X		X		X
07:57 à 08:03	6					X									
08:04 à 08:06	2										X		X		X
08:07 à 09:00	53					X									
09:01 à 09:20	19			X											
Observações:															

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Mariana	Idade: 1 ano e 1 mês													
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais										
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações						
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int	
05:21 à 05:26	5				X										
05:27 à 05:40	13					X									
05:42 à 05:47	5						X								
05:49 à 06:01	12					X									
06:02 à 06:07	5						X								
06:08 à 06:23	15					X									
06:26 à 06:32	6						X								
06:34 à 06:48	14					X									
06:50 à 07:02	12						X								
Observações:															

Fonte: Elaborada pela autora.

SUMÁRIO

Nome:	Davi										Idade:	1 ano				
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais											
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações							
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int		
05:20 à 05:34	14					X										
05:35 à 05:40	5										X					
05:41 à 05:54	13					X										
05:55 à 06:01	6										X					
06:02 à 06:16	14					X										
06:17 à 06:23	6										X					
06:24 à 06:41	17					X										
06:42 à 06:48	6										X					
06:49 à 07:10	21					X										
07:11 à 07:17	6										X					
07:18 à 07:20	2					X										
Observações:																

Fonte: Elaborada pela autora.

As análises de EON apontam que a relação entre tempo de espera (movimento receptivo) e tempo de ação (gesto repetitivo) é bastante regular nas fichas de Mariana e Davi, o que demonstra que o jogo estava bem estabelecido, e os bebês estavam, de fato, envolvidos na atividade. Os tempos de recepção são mais longos do que os de ação, isso ocorre porque estávamos em três no jogo (até Danilo entrar, posteriormente, aumentando o padrão de recepção). As observações de Danilo, em tempo posterior, ou seja, depois que ele entra em ação, evidenciam que o jogo permanece por quase 4 minutos. Um tempo bastante representativo em relação ao que se tem observado do tempo de envolvimento dos bebês em jogos.

Esse jogo, de fato, foi muito intenso. Não foi mais repetido em nenhum outro momento (Mariana não participava das intervenções

porque só permanecia na creche durante o período da manhã), mas os bebês apresentam um nível alto de envolvimento, revelados por meio da regularidade dos tempos que expressam concentração e atenção ao jogo.

2.4.15 EPISÓDIO 15: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Jogos Sonoros

Bebês presentes: 02 (Danilo e Matheus).

Descrição: Elaboração de jogos sonoros pelos bebês.

a) Análises de Vídeos (2')

Danilo estava olhando a cena que se desenrolava entre a pesquisadora e Matheus. Estava em pé, parado, sem realizar nenhum movimento. A pesquisadora se aproxima dele, e faz uma estrutura sonora com um *puff* que estava bem próximo dele. Ele acompanhava com o olhar. Espera. Pega o *puff*, e imita o gesto da pesquisadora. Eleva os braços muito para trás, acaba se desequilibrando, derruba o *puff* e sorri. Danilo vem buscar o *puff*, que está nas mãos da pesquisadora. Solta, imitando o gesto, e tentando vocalizar como a pesquisadora estava fazendo! Sorri. A pesquisadora pega outro *puff* (diferente somente na cor) e repete a estrutura com a boca bem aberta. Danilo se interessa pela boca. Vocaliza procurando imitar a pesquisadora e, ao final, tampa a própria boca com as mãos.

Espera a pesquisadora repetir a estrutura e foca novamente na boca dela. Parece querer entender de onde vem o som. Toca sua própria boca e agora acaba fazendo um brum-brum, movimentando os dedos sobre os lábios. A pesquisadora repete o seu som. Ele aguarda. Assim que a pesquisadora termina, ele repete o movimento dele novamente. No turno da pesquisadora, ele toca novamente com as mãos na boca dela, como se quisesse investigar a fonte sonora.

Repete o som dele. Fica instituído o jogo. Danilo o adora, e sempre o propõe durante as intervenções.

Figura 37 – Danilo e a pesquisadora



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Esse jogo serviu de base para algumas estruturas sonoras, tais como a que se fez intercalando glissandos ascendentes e descendentes (feitos com uma almofada em formato de bala que Martin ofereceu à pesquisadora) com os brum-brum de Danilo.

b) Análises com EON

Vídeo nº.:	28.03.18-4			
Tempo total do vídeo:	22'	Tempo do "Evento crítico":	09:30 à 11:30	Tempo de Observação: 2'
Eixo:	Jogos sonoros			
Descrição do Episódio:	Elaboração de jogos sonoros pelos bebês.			
Cena:	Danilo estava olhando a cena que se desenrolava entre a Pesquisadora e o Matheus. Estava em pé, parado, sem realizar nenhum movimento. A Pesquisadora se aproxima dele, e faz uma estrutura sonora com um puff que estava bem próximo dele.			
Escuta: gravada () ou ao vivo (X)		Agência do movimento do bebê (X) Agência do movimento da pesquisadora ()		
Atividade trazida pronta pela pesquisadora ()		Jogo elaborado a partir da ação do bebê () Jogo produzido pelo bebê (X)		

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:		Danilo				Idade: 1 ano e 10 meses										
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais											
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações							
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int		
09:30 à 09:33	3							X								
09:34 à 09:47	13					X										
09:48 à 09:51	3				X											
09:52 à 10:15	23						X									
10:16 à 10:22	6						X									
10:23 à 10:30	7					X										
10:31 à 10:41	10						X									
10:42 à 10:52	10					X										
10:52 à 10:56	4						X			X						
10:57 à 11:00	3					X										
11:01 à 11:03	2						X			X						
11:04 à 11:09	5					X										
11:10 à 11:13	3						X									
11:14 à 11:18	4					X										
11:19 à 11:23	4						X			X						
11:24 à 11:27	3					X										
11:28 à 11:30	2						X			X						
Observações:																

Fonte: Elaborada pela autora.

As análises pelo EON demonstram que, a partir do momento em que o jogo é instituído (10:42 da análise), o padrão – movimento receptivo (aguardando sua vez) e o gesto repetitivo (e a composição “brum-brum”), se mantém durante o próximo minuto. A duração do tempo entre espera e ação varia entre 2” e 5”; o que, mais uma vez, corrobora a ideia de que momentos ricos e de intersubjetividade podem acontecer em momentos relativamente curtos na visão de um adulto, mas significativos e ricos para os pequenos.

2.4.16 EPISÓDIO 16: DESCRIÇÃO E ANÁLISE COM EON

Eixo: Jogos Sonoros elaborados pelos bebês

Bebês presentes: 01 (Matheus)

Cena: Havia uma música contemporânea de fundo, e a pesquisadora procurava imitar os movimentos dos bebês.

Descrição: A pesquisadora observava os bebês, a fim de lhes imitar os movimentos ao som de uma música contemporânea.

a) Análises de Vídeos (2')

Matheus estava interagindo com a pesquisadora; procurava chamar sua atenção por meio de movimentos corporais e vocalizações. Apanhou uma bola que estava no chão do berçário, e vem em direção à pesquisadora, vocalizando um "guem-guem". Queria comunicar algo; queria que brincasse com ele. A pesquisadora repete o "guem-guem", rodando a bola com as mãos. Imediatamente, Matheus dá uma gargalhada! Nesse momento, Martin, que também queria participar da brincadeira, jogou uma bola menor do que a de Matheus, e a pesquisadora aproveitou para fazer um som contínuo enquanto esta rolava ao chão. Repetiu o guem-guem rodando a bola. O jogo estava estabelecido.

Matheus pegou a bola maior, fez o "guem-guem" e esperou até que a pesquisadora lançasse a bola menor no chão, entoando um som contínuo. Quando a bolinha parou (e o som também), Matheus retoma o "guem-guem".

Ele sabia o que era uma bola. A pesquisadora teve a oportunidade de vê-lo em dias anteriores brincando de chutar a bola com os pés (como se jogasse futebol), e arriscando um "oooo" (que muito provavelmente significa um "gol"), revelando uma brincadeira que, com certeza, amava. Mas quando, durante as intervenções, trazia as bolas para a pesquisadora, era o jogo do "guem-guem" que esperava;

isso era evidenciado pela forma como ficava feliz quando, esticando a bola e rodando-a nas mãos, vocalizava e entregava a bola para a pesquisadora, esperando que esta fizesse sua parte no jogo.

O jogo “guem-guem” foi feito diversas vezes, nesta intervenção, com Matheus, e em outras ocasiões com Matheus e outros bebês. Mas era ele quem sentia que mais gostava do jogo, e demonstrava um grande contentamento quando este era realizado.

Durante a vocalização do “guem-guem”, explora-se o plano da dinâmica, que vai do piano (fraco em termos de intensidade sonora) até o meio-forte. O som contínuo é feito inversamente. De *forte* para o *piano*.

b) Análises com EON

Vídeo nº.:	22.06.17				
Tempo total do vídeo:	13'	Tempo do “Evento crítico”:	08:00 à 10:00	Tempo de Observação:	2'
Eixo:	Jogos sonoros elaborados pelos bebês.				
Descrição do Episódio:	A pesquisadora observava os bebês a fim de lhes imitar os movimentos ao som de uma música contemporânea.				
Cena:	Havia uma música contemporânea de fundo e a Pesquisadora procurava imitar os movimentos dos bebês.				
Escuta: gravada () ou ao vivo (X)		Agência do movimento do bebê (X)		Agência do movimento da pesquisadora ()	
Atividade trazida pronta pela pesquisadora ()		Jogo elaborado a partir da ação do bebê ()		Jogo produzido pelo bebê (X)	

Fonte: Elaborada pela autora.

Nome:	Matheus										Idade:	1 ano e 2 meses				
Tempo em segundos	Duração em segundos	F+D	F.I	D.A	Ações Musicais											
					M.A	M.R	G.R	G.I	Vocalizações							
									V.I	V.C	V.Imp.	V.M.S	V.A.D	V.int		
08:00 à 08:20	20				X						X					
08:21 à 08:35	14					X										

08:36 à 08:50	14	X	
08:51 à 09:09	18	X	X
09:10 à 09:17	7	X	
09:18 à 09:26	8	X	
09:27 à 10:01	34	X	X
Observações:			

Fonte: Elaborada pela autora.

As análises com o EON, para observar o envolvimento de Matheus com o jogo, demonstram um padrão regular de tempo de espera (movimento receptivo da vocalização da pesquisadora com a bolinha pequena; e repetição do guem-guem com a bola maior) e de ação (seu momento de vocalizar no jogo). O tempo vai de 8 a 20", mas percebe-se que o tempo de "movimento receptivo" que Matheus precisa aguardar excede o da ação. Mas ele não se aflige. Espera o seu momento de realizar o jogo.

Figura 38 – Matheus durante o jogo



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Apesar de não se pensar em desenvolvimento musical para facilitar os estudos musicais futuros, aqui vale apontar que essa postura (de esperar o tempo certo para a ação) é importante para os estudos musicais formais e em conjunto.

A vocalização de Matheus foi considerada do tipo “composição”, porque sempre a repete da mesma forma – mesmo registro, mesmo som e mesma duração (com pequenas diferenças entre uma interpretação e outra).

2.5 ANÁLISES DAS OBSERVAÇÕES DO EON: UMA PERSPECTIVA DAS AÇÕES MUSICAIS DOS BEBÊS EM RELAÇÃO A CADA EIXO MUSICAL

O EON permite o entrelaçamento de dados dentro de uma mesma categoria. Analisam-se, portanto, agora, as categorias das Ações Musicais que representam envolvimento (movimento ativo, movimento receptivo, gesto repetitivo, gesto imitativo, vocalização; e Dentro, mas fora) dos bebês em relação a cada Eixo Musical (paisagem sonora, estrutura sonora, exploração sonora, vocalizações, entoações e explorações vocais, escuta ativa e jogos sonoros).

As categorias que representam não envolvimento e mal-estar do bebê (Fora da Intervenção, Desvio de Atenção e episódios de choro), em relação a cada eixo musical, foram analisadas em seguida. Os dados de cada categoria são apenas um panorama dentro de cada eixo, não podendo ser comparados. Isso porque, além de terem números diferentes de participantes/bebês em todos os episódios, alguns eixos tiveram mais episódios analisados do que outros. Portanto, esse entrelaçamento visa a um panorama dentro de cada eixo no contexto desta pesquisa.

O estudo não é generalizável. Não foi um estudo comparativo; não contou com grupo controle X grupo experimental. Análises de dados com o EON se prestam a contribuir para que o professor

avance na compreensão do aprendizado musical do bebê por meio de observação minuciosa a fim de avaliar, reavaliar e adequar sua prática para potencializar o desenvolvimento musical de cada bebê; e não para comparar ou analisar o desempenho dos bebês.

2.5.1 CATEGORIAS DE ENVOLVIMENTO: ANÁLISES DE CADA EIXO, CONSIDERANDO-SE TODOS OS BEBÊS-PARTICIPANTES

2.5.1.1 Paisagem Sonora

Total de categorias apresentadas: 5

Considerando-se todos os bebês, dentro do eixo “paisagem Sonora” do EON, destacam-se as seguintes categorias:

- Movimento receptivo: 21 ações com duração entre 4” e 52”
- Movimento ativo: 5 ações com duração entre 6” e 12”
- Gesto imitativo: 8 ações com duração entre 6” e 37”
- Vocalização/improvisação: 2 ações com duração entre 2” e 7”
- Vocalização imitativa: 2 ações com duração de 1”

Os eixos não devem ser comparados. Isso porque, como já se disse, tanto o número de episódios analisados como o número de bebês (portanto, o número de ações) diferem entre um eixo e outro. Mas a visão do todo, dentro de cada eixo, é importante a fim de estabelecer relações.

Em “paisagem sonora”, contabilizam-se cinco categorias, sendo “movimento receptivo” a que soma mais ações e apresenta a maior duração (4” a 52”).

No caso da música, pode-se dizer que o movimento receptivo indica um alto nível de envolvimento do bebê, uma vez que está focado, direcionado para a cena, e, portanto, aprendendo.

O gesto imitativo, destacando aqui o dedo em riste, é a única ação que acontece concomitante com a escuta. Tanto os movimentos ativos como as vocalizações se dão sempre nos momentos de relaxamento da escuta, ou seja, depois que se acabava de prestar atenção em sons como carros, caminhões ou crianças; os bebês até respiravam profundamente depois da escuta, indicando um alto nível de envolvimento durante essa escuta.

Isso permite dizer que os bebês possuem ampla capacidade de escuta atenta, sem ser ativa, ou seja, conseguem se concentrar somente na escuta por um tempo representativo.

Esse é um dado relevante no cenário da educação musical de bebês, pois a ideia de que os bebês precisam de ação e brinquedos o tempo todo é comum entre os educadores musicais. Escutar a paisagem sonora é um exercício rico e possível de ser realizado com bebês, exigindo apenas boa vontade dos educadores. Não é necessário ter formação musical específica para a realização do trabalho.

Dentro, mas fora: 0.

2.5.1.2 Estrutura Sonora

Total de categorias apresentadas: 5.

Total de categorias de não envolvimento apresentadas: 2.

O eixo "estrutura sonora" apresenta 5 ações relativas ao movimento ativo (com duração entre 1" a 20"); 15 movimentos receptivos (1" a 26"); 2 gestos imitativos (13" a 17"); 12 gestos repetitivos (3" a 48"); e 16 vocalizações imitativas (1" a 5").

Neste eixo, destacam-se as vocalizações como a categoria que mais apresenta ações (16), seguida por movimento receptivo, evidenciando claramente que os bebês procuram imitar os eventos que observam.

Daí o cuidado que se deve ter em relação às ofertas sonoras que se fazem para os bebês.

Gestos imitativos eram esperados neste eixo. Mas, como se pode perceber, os bebês apresentam, em maior número, a categoria de gestos repetitivos, ou seja, repetem seus próprios gestos, demonstrando uma releitura das ações da pesquisadora.

Duas compreensões urgem desses dados: ou a repetição do próprio gesto do bebê significa sua interpretação da ação da pesquisadora ou demonstra que os bebês não somente imitam, como era esperado neste caso, mas inventam os seus próprios gestos.

Os vídeos revelaram ser um instrumento eficaz no sentido de dar voz aos bebês. Por eles, pode-se observar, com detalhes, os movimentos realizados pelos bebês em cada eixo, a fim de se servir deles em outras intervenções.

Como ficou claro, os bebês demonstram um alto envolvimento quando suas invenções e movimentos são valorizados. Portanto, utilizar as ações dos bebês, seus movimentos e vocalizações específicas, é recomendável em qualquer processo de experiência educativa com os pequenos, não somente na música.

Isso suscita uma reflexão no campo da educação musical a respeito das coreografias de canções tão comumente utilizadas no trabalho com bebês. Esse tipo de atividade pode até constar do plano do especialista ou do professor, mas em pequena proporção. É importante que se ofereçam variados modelos de movimentos (fluidos, marcados, pulsados, pesados, leves, com direção e sem direção) para que o bebê, a seu tempo, decida se quer inventar ou imitar.

Uma experiência musical que respeita o direito da infância não deve obrigar o bebê a realizar movimento nenhum em qualquer situação, mas oferecer possibilidades.

Dentro, mas fora: 1 (18").

2.5.1.3 Exploração Sonora

Total de categorias apresentadas: 4.

Total de categorias de não envolvimento apresentadas: 0.

Em "exploração sonora", têm-se as categorias de "movimento ativo" (22 ações com duração entre 1" a 37"); 12 ações de movimento receptivo (com duração entre 1" a 21"); 9 gestos repetitivos (2" a 14") e uma de gesto imitativo (9").

Os movimentos ativos se sobressaem neste eixo (22), o que era esperado. E, apesar de se pensar previamente que cada bebê se concentraria em sua exploração do objeto, os dados evidenciam que os bebês observam relativamente bastante neste eixo (12), indicando que não só exploram e compõem (9 gestos repetitivos revelam que os bebês são excelentes compositores), mas que aprendem observando em qualquer situação.

Infere-se que as cenas (momentos em que estão a observar jogos ou eventos de intersubjetividade entre adulto e outro bebê) são momentos de aprendizado para os pequenos.

Dentro, mas fora: 1 (20").

2.5.1.4 Vocalizações e Cantos

Total de categorias apresentadas: 5

Total de categorias de não envolvimento apresentadas: 2

7 movimentos ativos (1" a 96")

8 movimentos receptivos (12" a 236")

1 gesto imitativo (9")

3 vocalizações imitativas (2" a 7")

2 gestos repetitivos (3" a 7")

Os dados indicam que os bebês vocalizam pouco no momento da intervenção. Quando se comparam as vocalizações e os movimentos receptivos dos bebês, fica claro que eles optam por observar. De todos os eixos, possivelmente, as entoações, vocalizações e os padrões atonais representem o maior desafio para os bebês, porque não se servem de palavras nem de objetos. Nem tampouco correspondem aos que eles (já) entendem por música. Isso porque os bebês ainda estão formulando o conceito de música, por meio do que lhes é apresentado no seio familiar, social e educacional do qual fazem parte. E a abordagem da música contemporânea, como se viu pela revisão da literatura, está praticamente alijada dos contextos dos bebês. Poucos são os trabalhos específicos em educação musical que oferecem essa vertente musical. No estudo de caso em questão, representava, de fato, uma novidade, não só para os bebês como também para a professora da turma e para a diretora (fato por elas relatado, uma vez que estiveram presentes em muitas intervenções).

No entanto, os bebês se servem dessas vocalizações e entoações em outras situações; a professora deixa claro que, em várias ocasiões, os bebês utilizaram as entoações da pesquisadora em suas brincadeiras.

Além disso, as vocalizações (inclusive as imitativas) aparecem nas criações de jogos e em outras categorias, tais como em exploração sonora.

Dessa forma, insistir nesse repertório é função do professor e direito do bebê. Mas seria necessário capacitar os professores para

SUMÁRIO

esse trabalho. Talvez, dos eixos apresentados pelo “Miniaturas”, este seja o que exige, de fato, uma capacitação para a realização do trabalho.

Dentro, mas fora: 0.

2.5.1.5 Criação de Jogos Sonoros

Total de categorias de envolvimento apresentadas: 4

Total de categorias de não envolvimento apresentadas: 1

Movimento ativo: 5 (5" a 20")

Movimento receptivo: 36 (1" 56")

Vocalização-composição dentro do jogo: 22 (2" a 20")

Gestos repetitivos: 20 (2" a 18")

Vocalizações e gestos repetitivos no eixo da “criação de jogos” se intercalam com o movimento receptivo dos bebês; no caso, o movimento receptivo refere-se ao tempo de espera do bebê para atuar no jogo. Apesar de não se pretenderem análises quantitativas pelo EON, é facilmente observável que, se somando as ações de gestos e de vocalizações (42), tem-se um resultado muito próximo dos movimentos receptivos (36). Isso demonstra o engajamento e alto envolvimento dos bebês com a proposta dos jogos.

Não há um momento específico no *Miniaturas* para a elaboração dos jogos. Eles emergiram pelo envolvimento e intersubjetividade que o bebê estabeleceu com a pesquisadora e com os outros bebês em situações de intervenção.

Os dados demonstram que os jogos são um eixo relevante no trabalho com os bebês, no sentido de valorizar a produção e a construção do processo pelo bebê.

Dentro, mas fora: 0.

2.5.1.6 Escuta Ativa de Música Contemporânea

Total de categorias de envolvimento apresentadas: 4
Total de categorias de não envolvimento apresentadas: 0
Movimento ativo: 7 (3" a 11")
Movimento receptivo: 49 (1" a 41")
Gesto imitativo: 4 (10" a 54")
Vocalizações dentro da escuta ativa: 1 (2")

A categoria com mais ações no eixo "escuta ativa" foi a de movimento receptivo; esse resultado pode, à primeira vista, parecer esperado, uma vez que a proposta era a escuta. No entanto, imaginava-se que os bebês estranhariam a sonoridade, o que poderia interferir na concentração, causar enfado ou até mesmo choro. No entanto, não foi isso que aconteceu. Mais uma vez, os bebês demonstraram ser excelentes ouvintes, e, ainda que os números de ações ativas e imitativas não sejam expressivos (11), indicam que são participativos também.

Pelo número de vocalizações (apenas 1), pode-se inferir que os pequenos compreendem quando a vocalização não está em jogo na proposta.

Dentro, mas fora: 0.

2.5.1.7 Categorias de Não-Envolvimento: Análises de cada Eixo, considerando-se todos os bebês-participantes

▪ Paisagem Sonora

Desvio de atenção: 0
Fora da intervenção: 0
Episódio de choro: 0

SUMÁRIO

- **Estrutura Sonora**

Desvio de atenção: 0

Fora da intervenção: 4 (13" a 30")

Episódio de choro: 0

- **Exploração Sonora**

Desvio de atenção: 0

Fora da intervenção: 0

Episódio de choro: 0

- **Vocalizações e entoações**

Desvio de Atenção: 0

Fora da intervenção: 1 (4")

Episódio de choro: 0

- **Jogos Sonoros**

Desvio de atenção: 1 (20") + 1 (19")

Fora da intervenção: 0

Episódio de choro: 0

- **Escuta Ativa**

Desvio de Atenção: 5 (3" a 16")

Fora da intervenção: 2 (16" a 26")

Episódio de choro: 0

Todos os momentos em que se registram "fora da intervenção" os bebês estavam tranquilos, fazendo outra atividade, brincando com algum brinquedo ou, ainda, deitados, chupando chupeta. Em nenhum momento, se verificou choro ou mal-estar; em nenhuma situação os bebês foram obrigados a participar da intervenção. Em ocasião alguma foi feita uma roda.

- Total de tempo observado: 2.160" (36')
- Total de tempo das categorias de envolvimento: 1.925" (32')
- Total de tempo das categorias de não envolvimento: 235" (03':55")

Se for considerado o tempo total de observação dos Episódios analisados com o EON 2.160" (36'), em relação aos 235" (03':55") do tempo total de tempo das categorias que indicam não envolvimento, percebe-se que a proposta *Miniaturas Musicais* é adequada à faixa etária dos 0 aos 2 anos, apresentando um bom índice de envolvimento; pouco de nenhum envolvimento; e nenhum de mal-estar.

Esses dados ficam claros se considerarmos a porcentagem das duas categorias (envolvimento e não-envolvimento) em relação ao tempo total observado:

- Tempo em Categorias de Envolvimento: 89%
- Tempo em Categorias de não envolvimento: 11%

SUMÁRIO

RESULTADOS PRINCIPAIS

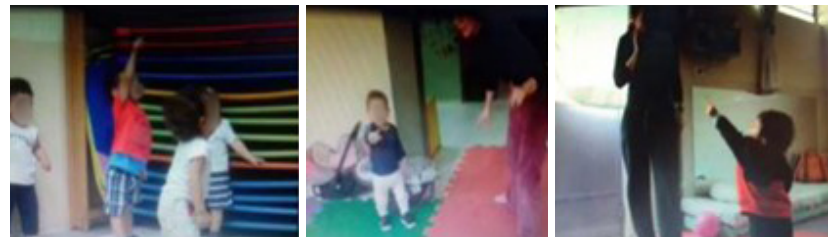
Por apresentar um bom índice de envolvimento dos bebês (89%), pode-se dizer que a proposta do “Miniaturas” contempla seu principal objetivo, que é o de proporcionar experiências sonoro-musicais de qualidade para a faixa etária dos 0 aos 2 anos.

A observação dos bebês, revelada por meio dos dados que se referem aos movimentos, traz à tona a reflexão sobre o quanto o bebê é bom ouvinte e apreciador.

Pode-se dizer que a ideia do “Miniaturas”, de se pautar por uma proposta de trabalhar com o que emerge em termos sonoros e de movimento de cada bebê, enquanto os demais “assistem”, ou seja, observam as cenas, é produtora e de qualidade, pois considera o bebê como produtor de cultura, ao mesmo tempo em que possibilita ampliar suas referências culturais. Invenção e Composição são elementos que se destacam nas intervenções.

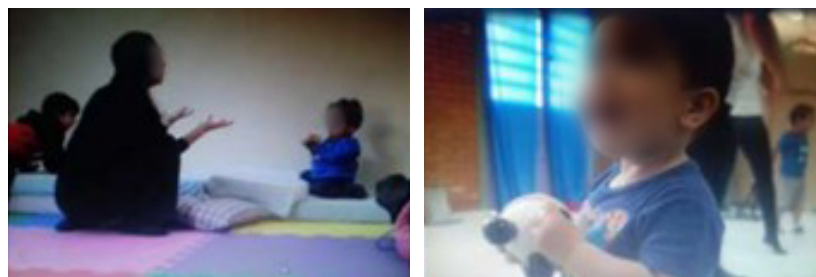
As ações relevantes dos bebês, em relação à proposta do Miniaturas, referem-se ao olhar atento e olhos bem abertos; dedo em riste; vocalizações e repetição, além de criação de movimentos. Olhar atento e dedo em riste.

Figuras 39, 40 e 41 – Dedo em riste



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figuras 42 e 43 – Vocalização



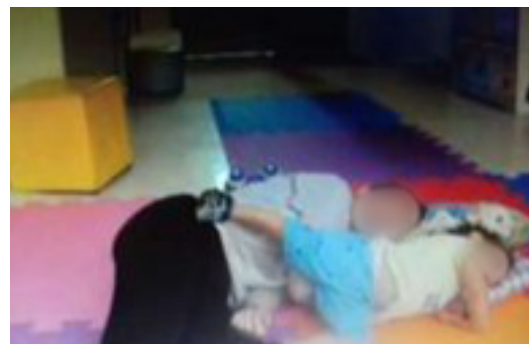
Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 44 – Criação de Movimento



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 45 – Imitação de Movimento



Fonte: arquivo pessoal da autora.

O fato de haver poucas categorias de não-envolvimento (11%), não havendo nenhum registro de choro ou mal-estar, indica que a apresentação da música contemporânea contribui com um processo de aculturação amplo e diversificado dos bebês.

O Esquema de Observação Niéri (EON) possibilita observar os dados de forma relacionada aos eixos, permitindo avaliar e readequar o trabalho realizado junto ao bebê.

O olhar panorâmico, que o EON possibilita, seria desafiador em estudos descritivos sem o uso de escalas. A duração dos eventos, em segundos, permite observar qual caminho cada bebê traça para o seu aprendizado; análise que seria praticamente impossível de ter sido realizada somente com as observações em diários de campo. É importante ressaltar, no entanto, que os registros e as descrições detalhadas das observações (ou seja, a escuta malaguzziana dos bebês) não devem ser preteridos por uma abordagem quantitativa do Esquema.

A gravação em vídeo e o Esquema de Observação (EON) se mostraram eficazes no sentido de observar o envolvimento do bebê, possibilitando ao adulto avaliar as práticas, e oferecer experiências educativas de qualidade aos pequenos.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADESSI, A. R.; PACHET, F. Experiments with a musical machine: musical style replication in 3 to 5 year old children. **British Journal of Music Education**, v. 1, n. 22, p. 21-46, 2005.

ADDESSI, Anna Rita Addressi; FERRARI, Laura; CARLOTTI, Simona; PACHET, François Pachet. Young children's musical experiences with a flow machine. Alma Mater Studiorum University of Bologna, August 22-26 2006. Disponível em: <https://www.francoispachet.fr/wp-content/uploads/2021/01/addressi-06c.pdf>. Acesso em 24/09/2024.

ADESSI, Anna Rita. Interação vocal entre bebês e pais durante a rotina da “troca de fraldas”. **Revista da ABEM**. Londrina. v. 20, n. 27, p. 21-30, jan. jun. 2012.

AQUINO, Thaís Lobosque. **Epistemologia da Educação Musical Escolar**: um estudo sobre os saberes musicais nas escolas de educação básica brasileiras. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2016.

AMBRÓS, Tatiane. **A musicalização como dispositivo de intervenção precoce junto a bebês com risco psíquico e seus familiares**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

AMORIM, Carla Patrícia Carvalho de. **Batuca bebê**: a educação do gesto musical. UnB M., 2017.

BEYER, Esther Sulzbacher. **Resumo do Projeto Música para bebês como ação de extensão do Departamento de Música da UFRGS**, com início em 1999/1. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/203548?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 12 mai. 2018.

BEYER, E. (1996). Os múltiplos caminhos da cognição musical: Algumas reflexões sobre seu desenvolvimento na primeira infância. **Revista ABEM**, 3, 3, 9-16, 1996.

BEYER, E., & Stifft, K. (2003). A relação mãe-filho no Projeto “Música para Bebês”: um estudo sobre possíveis interferências no desenvolvimento musical dos bebês. **Revista Educação** (UFSM), 28, p. 93-99.

BEYER, E. (2003). A interação musical em bebês: algumas concepções. **Revista Educação**, Santa Maria, vol. 28, n. 2, p. 87-98, jul./dez. 2003.

SUMÁRIO

BEYER, Esther. Do balbucio ao canto do bebê em sala de aula. *In: I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS*, 1. 2005, Curitiba. **Anais...**, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005, p. 350-356.

BEYER, E; PECKER, Paula; MAFFIOLETTI, Leda de A. Som e movimento: a influência da música nas ações motoras dos bebês. *In: Anais do XIII Encontro Anual da ABEM*, Rio de Janeiro, 2004.

BEYER, E. (org.). **O Som e a Criatividade**: reflexões sobre experiências musicais. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005.

BEYER, Esther; CORREA, Aruna. *In: CORREA, Aruna. Bebês produzem música? O brincar-musical de bebês em berçário*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.

BRASIL. **Parâmetros nacionais de qualidade e equidade para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. 2006.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 2**, de 13 de abril de 2016. Define Diretrizes Nacionais para a operacionalização do ensino médio integrado à educação profissional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 72, p. 22, 14 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 17 out. 2024.

BRUNER, J. **Actual minds, possible worlds**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1986.

BRUNER, J. **The culture of education**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1996.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CARVALHO, Anderson Carmo de; RAMALHO, Celso Garcia de Araújo. A atualidade da música nos cursos de Pedagogia no Brasil. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 74-101, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/14124>. Acesso em: 1 jun. 2025.

CUNHA, Karina Marques Torquato da. **Pedagogias Musicais Ativas e Suas Contribuições para o Ensino da Arte no 1º Ano do Ensino Fundamental**. 2019. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru.

SUMÁRIO

Cunha, Sandra Mara da. (2019). Caixinha de sons na Educação Infantil. **Música Na Educação Básica**, v. 9, n. 10/11, 2019, p. 8-17. Disponível em: <https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/191>. Acesso em: 24 jun. 2025.

DAREZZO, Margareth. **Impacto de um programa de ensino para cuidadores em creches**: música como condição facilitadora de condutas humanas ao lidar com bebês. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2004.

DAMIANI, Magda Floriana. **Sobre Pesquisas do tipo-intervenção**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas, p. 2882-2890, 2012.

DELANDE, F. **Le Condotte Musicali**. Bologna: Clueb, 1993.

DELANDE, F. **A criança do sonoro ao musical**. In: Anais do VIII Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical; tradução de Bernadete Zagonel. Curitiba: ABEM, 1999.

DELANDE, F. **La nascita della musica**. Esplorazioni sonore nella prima infanzia. Editora: Franco Angeli, Milão, 2009.

FILGUEIRAS, Isabel Porto. **Espaços lúdicos ao ar livre na educação infantil**. São Paulo, 1998.

FOLONI, Tais. **O desenvolvimento cognitivo-musical de bebês entre 3 e 18 meses de idade**: um estudo de caso. Tese (Doutorado em Música). Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2010.

FONTERRADA, Marisa. **De tramas e fios**: um ensaio sobre música e educação. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

FREYBERGUER, Adriana. **A construção do Ambiente Educativo**: uma pesquisa-ação colaborativa em um CEI. Tese (doutorado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2005.

FURQUIM, Alexandra Silva dos Santos. **A formação musical de professores em cursos de Pedagogia**: um estudo das universidades públicas do RS. 2009. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/6882>. Acesso em: 1 jun. 2025.

FURQUIM, Alexandra Silva dos Santos; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. A formação musical de professores unidocentes: um estudo em cursos de pedagogia do Rio Grande do Sul. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 24, p. 54-63, set. 2010.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas:** a teoria na prática. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul, 1984.

GARDNER, H. **Estruturas da mente:** a teoria das inteligências múltiplas. Trad. Sandra Costa. Porto alegre: Artmed, 1994.

GARDNER, H. **As artes e o desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOMES, Clériston Batista; CARVALHO, Sebastião Carlos dos Santos. A música nos anos iniciais: estudos sobre aulas de música no ensino público. **Educação**, Volume 29 - Edição 144/MAR 2025 / 31/03/2025.

GORDON, E. E. **Learning Sequences in Music** (1980). Chicago: GIA Publ. Inc. 1997.

GORDON, E. E. **Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

GORDON, E. E. **Roots of Music Learning Theory and Audiation.** Chicago: GIA Publications, 2011.

GORDON, E. E. **Music Listening Experiences for newborn and Preschool Children.** Chicago: GIA Publications, 2012.

GRIFFITHS, Paul. **A música moderna.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

HARGREAVES, David. The development of artistic and musical competence. /n: Deliége I; Sloboda J. (Ed.) **Musical beginnings.** New York: Oxford University Press, 1996.

HENRIQUES, Wasti Silvério Ciszewski. **A educação musical em cursos de pedagogia do Estado de São Paulo.** (Mestrado em Música) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2011.

ILARI, Beatriz. O desenvolvimento cognitivo-musical no primeiro ano de vida. **Em busca da mente musical:** ensaio sobre os processos cognitivos da música – percepção à produção de Beatriz Senoi Ilari (organizadora). Editora da UFPR, 2006, p. 271-302.

KASHIMA, Rafal Keidi. Projeto Primeira Nota: democratização do ensino de música e espaço de formação docente em Campinas. **Revista da Abem**, [s. l.], v. 32, n. 1, e32107, 2024. Disponível em <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1314/687>. Acesso em: 07 jun. de 2025.

LABAN, R. **Domínio do movimento.** São Paulo: Summus, 1978.

SUMÁRIO

LABAN, R. **A vision of dynamic space**. London and Philadelphia: The Falmer Press, 1984.

LABAN, R. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LAEVERS, F. (org). **The Leuven Involvement Scale for Young Children**. Manual and Video. Centro for Early Childhood & Primary Education. Katholieke Universiteit Leuven. Belgium, 1994.

LAEVERS, F. **An Exploration of the concept of involvement as an Indicator de Quality in Early Childhood Education**. Dundee: Scottish Consultative Council on the curriculum, 1996.

LAEVERS, F. **Observation of well-being and involvement in babies and toddlers**. A video-training pack will manual. Leuven: research Centre for Experiential Education, 2005.

LAEVERS, F. **Entrevista**. Conferência sobre "Quality at the level of Process, Outcome & Context" proferida no Espaço Noesis. Fevereiro 2008. Disponível em file:///C:/Users/Marco/Downloads/entrevista74%20(2).pdf. Acesso em: 25 jul. 2014.

LAEVERS, F. **Fundamentos da Educação Experiential**: bem-estar e envolvimento na Educação Infantil. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 25, n. 58, p. 152-185, maio/ago. 2014.

LAPIERRE, A; AUCOUTURIER. **A simbologia do movimento**: psicomotricidade e educação. Tradução: Laura Solange Ferreira. Fortaleza, CE: RDS Editora, 2012.

MALAGUZZI, L. Ao contrário, as cem existem. *In*: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MALLOCH, S. Mothers and Infants and communicative musicality. **Musicae Scientiae**, Special Issue, p. 29- 57, 1999/2000.

MARIANO, Fabiana Leite. **Música no Berçário**: formação de professores e a teoria da aprendizagem musical de Edwin Gordon. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MARTINEZ, Andreia Pereira de Araújo. **Infâncias musicais**: o desenvolvimento da musicalidade dos bebês. UnB, 2017.

MATEIRO, Teresa. Desafios em Educação Musical. **ORFEU**, v. 6, n. 1, abril de 2021, p. 2 de 6.

SUMÁRIO

MELO, Cecília Paulozzi. **Possíveis contribuições da musicalização infantil para bebês a crianças atendidas em programas de intervenção precoce.** UNICAMP, 2017.

MELTZOFF, A. N.; BORTON, R. W. Intermodal matching by human neonates. **Nature**, 282, p. 403-404, 1979.

MIÃO, Cícero Rodarte. **O essencial é invisível aos olhos:** análise de oficinas de musicalização enquanto possibilitadoras de desenvolvimento para bebês de 0 a 2 anos em situação de acolhimento. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, 2016.

MOURA, Lucia Seidl de. **O bebê do século XXI e a psicologia do desenvolvimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. (Coleção Psicologia e Educação).

NATERA, Gislene; MATEIRO, Teresa. Música na formação acadêmico-profissional nos cursos de Pedagogia: 20 anos de pesquisa. **Opus**, v. 27 n. 1, p. 1-21, jan./abr. 2021.

NIÉRI, Débora. **A pesquisa brasileira em educação musical infantil:** tendências teórico-metodológicas e perspectivas. 2014. 270 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/9183bac1-92f1-44e4-adf2-0d36964a8207>. Acesso em: 19 ago. 2025.

NIÉRI, Débora. **Miniaturas Musicais:** evidências do envolvimento de bebês com uma proposta sonoro-musical criativa. Relatório de Pós-Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo FEUSP, São Paulo, 2018.

NOGUEIRA, Monique Andries. Educação musical no contexto da indústria cultural: alguns fundamentos para a formação do pedagogo. *In*: **Revista Educação da UFSM**. Santa Maria, v. 37, n. 3, set./dez. 2012, p. 615-626.

OLIVA, A. D. A noção de estado inicial e concepções de desenvolvimento: problemas e necessidade de definições empíricas dos termos. *In*: **O bebê do século XXI e a psicologia do desenvolvimento.** MOURA, M., L., S. (org.). Coleção Psicologia e Educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 61-110.

PAPOUSEK, Hanus. Musicality in Infancy research: biological and cultural origins of early musicality. *In*: DELIEGE, I; SLOBODA, J. (orgs). **Musical Beginnings:** Origins and Development of Musical Competence. 2. ed. New York: Oxford University Press, 1996.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

PAPOUSEK, Hanus. Intuitive parenting: a hidden source of musical stimulation in infancy. *In*: DELIÉGE I.; SLOBODA J. (Ed.). **Musical beginnings**. New York: Oxford University Press, 1996. cap. 4, p. 88-112.

PAPOUSEK, M.; PAPOUSEK, H. Musical elements in the infant's vocalizations: their significance for communication, cognition, and creativity. *In*: Lipsitt L. P (Ed.), **Advances in Infancy Research**, v. 1, Ablex, Norwood, N. J., 1981.

PAYNTER, John. **Sound and Structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

PAYNTER, John. **Hear and Now**: an Introduction to Modern Music in Schools. London: Universal, 1972.

PARIZZI, Maria Betânia (2007). **O canto espontâneo como manifestação do desenvolvimento cognitivo-musical da criança**. SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 3, Salvador. Anais... P.107-114.

PARIZZI, Maria Betânia (2009). **O desenvolvimento da percepção do tempo em crianças de dois a seis anos**: um estudo a partir do canto espontâneo. 219 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PECKER, Paula Cavagni. **A prática percussiva de bebês**: análise microgenética e reflexões pedagógicas. UFPR, 2017.

PENNA, Maura. Professores de música nas escolas públicas de ensino fundamental e médio: uma ausência significativa. *In*: **Revista da ABEM**. Porto Alegre, v. 10, n. 7, set. 2002, p. 7-19.

PENNA, Maura. Apre(e)ndendo músicas: na vida e nas escolas. *In*: **Revista da ABEM**. Porto Alegre, v. 11, n. 9, set. 2003, p. 71-79.

PENNA, Maura. A dupla dimensão da política educacional e a música na escola: I – analisando a legislação e termos normativos. *In*: **Revista da ABEM**. Porto Alegre, v. 12, n. 10, mar. 2004^a, p. 19-28.

PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Trad. Alvaro Cabral. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982/1966.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança**. Trad. Alvaro Cabral. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975/1964.

PIAGET, Jean. **A Construção do Real na Criança**. Trad. Álvaro Cabral. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970/1963.

PORENA, Boris. **Kinder Musik**. Milão: Edizione Suvini Zerboni, 1973.

PORTUGAL, Gabriela; LAEVERS, Ferre. **Avaliação em Educação Pré-Escolar**. Sistema de Acompanhamento das Crianças. Porto, Porto Editora, 2010.

PORTUGAL, Gabriela. Uma proposta de avaliação alternativa e "autêntica" em educação pré-escolar: o Sistema de Acompanhamento das Crianças (SAC). Universidade de Aveiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, set.-dez., p. 600, 2012.

RAMIRO, Juliane. **Compartilhando um ambiente musical**: processos educativos e relações afetivas entre pais e crianças de 8 a 24 meses. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2008.

RODRIGUES JUNIOR, André José. **As relações entre a afetividade e o desenvolvimento cognitivo-musical nos dois primeiros anos de vida**. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2015.

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. *In*: Bauer MW, Gaskell G., editores. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis (RJ): Vozes; 2002, p. 343-64.

SAINT-GEORGES, Catherine; Do parents recognize autistic deviant behavior long before diagnosis? Taking into account interaction using computational methods. **PLoS ONE**, 6 (7), 1-13, 2011.

SANTOS, Larissa, C.; LEÃO, Eliane. Choro para flauta doce: um estudo de técnicas que promovem a performance. *In*: LEÃO, Eliane. **Pesquisa em Música**: apresentação de metodologias, exemplos e resultados. Editora CRV. Curitiba: 2013.

SANTOS, Marcy de Lima. **As características musicais da comunicação entre adulto e bebê e suas implicações no desenvolvimento cognitivo-musical da criança no primeiro ano de vida**. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2013.

SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo**. Trad. Marisa Fonterrada. São Paulo: Editora: UNESP, 2001.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

SELF, George. **Nuevos sonidos em sala de aula**. Buenos Aires: Ricordi, 1967.

SUMÁRIO

SILVA, Dalila Mayara Caetano Werneck. **Conexões entre o comportamento dos pais nas aulas de música e o desenvolvimento musical dos bebês nos dois primeiros anos de vida**. UFMG, 2018.

SMITH, Anne; TAYLOR, Nicola; GALLOP, Megan (cords). **Escuchemos a los niños**. México: Fondo de Cultura Económica, 2010.

SOARES, Magda. Pesquisa em Educação no Brasil: continuidade e mudanças. Um caso exemplar: a pesquisa sobre alfabetização. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 393-417, jul./dez. 2006.

SOARES, Cintia Vieira da Silva. **A música na Educação Infantil**: o movimento dos bebês em ambiente musical. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Goiás. Goiás, 2007.

STAHLSCHMIDT, Ana Paula Melchiors. **A canção do desejo**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2002.

STERN, Daniel. **O mundo interpessoal do bebê**: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

STIFFT, Kelly. **A construção do conhecimento musical no bebê**: um olhar a partir de suas relações interpessoais. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008.

TORMIN, Malba. **Dubabi Du**: uma proposta de formação e intervenção musical na creche. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

TREHUB, S. Music and Infants: Research findings and implications. *In*: **Harmonic development**. Music's impact to age three. Pittsburgh: Pittsburgh Symphony, 2000.

TREHUB, S. Musical predispositions in infancy. *In*: TREHUB, Sandra. **The cognitive neuroscience of music**. Oxford: Oxford University Press, 2003a.

TREHUB, S. The developmental origins of musicality. *In*: **Nature Neuroscience** 6, p. 669-673 (2003). Publicado on-line: 25 June 2003b.

TREHUB, S. & TRAINOR, L. Singing to infants: Lullabies and playsongs. *Advances. In: Infancy Research*, 12, p. 43-77, 1998.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

TRENTINI, Julcimara. **Direito à educação ou direito à creche:** o que fundamenta o atendimento à criança de 0 a 3 anos na região da AMUNESC? Dissertação. Mestrado em Educação. Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, 2016.

TREVARTHEN, Colwyn. The concept and foundations of infant intersubjectivity. *In*: S. Bråten (Ed.). **Intersubjective Communication and Emotion in Early Ontogeny**, Cambridge, vol. 2, p. 15-46, 1998.

TREVARTHEN, Colwyn. Musical motives of infant communication. *In*: BARONI, M. (org). **Proceedings of the 9th International Conference on Music Cognition and Perception**, p. 22-26. Agosto, 2006. Bolonha: Bologna University Press, 2006.

TREVARTHEN, Colwyn. Musicality and the intrinsic motivic pulse: Evidence from human psychobiology and infant communication. **Musicae Scientiae**, Special Issu, p. 155-215, 2000.

TREVARTHEN, Colwyn. Origins of music identity: evidence from infancy for musical social awareness. *In*: HARGREAVES, D.; MIELL, D.; MACDONALD, R. (Ed.). **Musical identities**. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 21-38.

TREVARTHEN, Colwyn. **Learning about ourselves from children:** why a growing human brain needs interesting companions. 2004. Acesso em: 15 fev. 2008.

TREVARTHEN, Colwyn; MALLOCH, S. Musicality and music before three: Human vitality and invention shared with pride. **Zero to Three**, 23, 10-18, 2002.

TREVARTHEN, Colwyn; MALLOCH, S. **Communicative musicality:** Narratives of expressive gesture and being human. Oxford: Oxford University Press, 2007.

VIGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKY, Lev. L. (2001). **Pensamento e Linguagem**. 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes.

VIGOTSKY, Lev. L. (2001b). **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes.

VIGOTSKY, Lev. L. (2008). **Pensamento e Linguagem**. 4 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes.

VILARINHO, Fabiana de Freitas Angulo; RUAS, José Jarbas. Os efeitos da musicalização para o /desenvolvimento musical em mbebês de zero a dois anos. **Opus**, v. 25, n. 3, p. 357-382, set./dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20504/opus2019c2516>. Acesso em: 25 jul. 2019.

WALLON, Henri. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

WALLON, Henri. **Do Ato ao Pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1979.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da Criança**. Lisboa: Edições 70, 2005.

SUMÁRIO

ÍNDICE REMISSIVO

A

abordagens criativas 19

água 20

aprendizagem 16, 24, 29, 43, 44, 70, 71, 133, 164, 201, 202

arte 28, 29, 32, 38, 39

B

balbucios 16, 20, 33

Base Nacional Comum Curricular 23, 24, 199

bebês 14, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 59, 60, 61, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 133, 135, 139, 140, 143, 145, 147, 150, 151, 155, 156, 157, 158, 160, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 206

berçário 20, 41, 42, 52, 89, 90, 95, 96, 97, 101, 116, 169, 172, 182, 199

BNCC 23, 24, 27, 28, 199

brincadeira 43, 82, 84, 87, 91, 93, 108, 124, 130, 141, 163, 166, 182

brincar 21, 24, 28, 34, 39, 41, 54, 74, 84, 90, 101, 123, 166, 167, 168, 170, 175, 199

C

canto 20, 40, 41, 43, 58, 79, 86, 88, 94, 97, 106, 117, 138, 139, 143, 145, 169, 174, 176, 199, 204

canto espontâneo 40, 58, 79, 204

Centros de Educação Infantil 26

competências musicais 23, 29

composição 35, 48, 50, 58, 62, 64, 181, 185, 191

comunicação 22, 34, 41, 50, 64, 73, 205

contextos sonoros 21

conversas 18

corpo em movimento 20

cotidianidade 21

cotidiano 18, 20, 21, 71, 91, 92

creche 20, 21, 28, 34, 35, 39, 41, 43, 54, 66, 67, 69, 71, 72, 73, 75, 76, 90, 91, 95, 100, 105, 107, 109, 116, 122, 157, 173, 175, 179, 206, 207

creches públicas 27, 28

criação musical 38

criações sonoras 43

crianças pequenas 25, 28, 30, 41, 54

cultura 22, 24, 32, 195

D

desenvolvimento cognitivo 22, 40, 41, 42, 74, 200, 201, 204, 205

desenvolvimento cognitivo-musical 40, 41, 42, 74, 200, 201, 204, 205

desenvolvimento humano 22, 201

desenvolvimento musical 23, 34, 42, 43, 71, 106, 184, 186, 198, 206

diálogos não verbais 22

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil 23, 24

diversidade musical 32

E

educação básica 25, 198

educação formal 16

Educação Infantil 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 32, 33, 40, 69, 75, 76, 199, 200, 202, 206

Educação Musical 16, 17, 38, 40, 43, 198, 200, 202

educação musical infantil 28, 203

educação sonora 32

SUMÁRIO

SUMÁRIO

educador 17, 32, 33, 36, 57, 65, 66

ensino de música 25, 27, 201

envolvimento 33, 34, 35, 36, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 52, 53, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 69, 89, 92, 101, 105, 106, 121, 125, 132, 134, 138, 150, 155, 167, 168, 169, 174, 178, 179, 184, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 194, 195, 197, 202, 203

Escala de Envolvimento Leuven 33

escuta 15, 20, 24, 27, 33, 44, 58, 59, 61, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 78, 81, 84, 87, 88, 91, 92, 94, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 110, 111, 114, 115, 117, 121, 122, 125, 126, 136, 160, 161, 166, 169, 176, 185, 187, 192, 197

Esquema de Observação Niéri 35, 44, 50, 59, 197

estética 33, 41, 57, 72, 105, 139

estruturas sonoras 20, 89, 90, 163, 180

experiência 21, 29, 32, 47, 56, 57, 71, 72, 73, 86, 102, 105, 139, 154, 188, 189

experiências sonoras 20

experiência vivida 21

exploração sonora 32, 54, 77, 85, 106, 123, 125, 130, 134, 185, 189, 190

F

faixa etária 31, 38, 44, 76, 194, 195

fala 17, 20, 27, 39, 52, 72, 113, 126, 150, 157

fazer musical 21

formação continuada 27

formação de professores 36, 42, 202

formação musical 26, 27, 28, 34, 187, 200

G

gesto musical 42, 198

gestos sonoros 20, 77

I

imaginação 27, 72

imersão sonora 21

imitação 16, 22, 55, 57, 63, 64, 71, 74, 79, 82, 84, 86, 88, 109, 173

improvisação 19, 20, 50, 58, 62, 64, 67, 74, 75, 83, 84, 132, 160, 186

instalações sonoras 21

instrumentos 18, 32, 34, 35, 38, 44, 47, 54, 59, 60, 135, 151

interação 23, 29, 34, 52, 57, 73, 105, 198

interculturalidade 21

J

jogos 20, 33, 55, 72, 74, 75, 99, 104, 106, 131, 133, 157, 169, 170, 174, 176, 178, 179, 180, 185, 189, 190, 191

L

lalações 20, 33, 69

legislação educacional 23

Leuven Involvement Scale for Young Children 34, 202

livros 101

M

manifestações protomusicais 22

movimento corporal 32, 73, 91, 149, 152, 173

movimentos controlados temporalmente 22

música atonal 39

música concreta 17, 20

música contemporânea 20, 33, 35, 44, 47, 66, 67, 69, 72, 74, 93, 104, 106, 147, 149, 152, 156, 158, 182, 183, 190, 197

música erudita 33

musicalidade 22, 29, 30, 42, 43, 202

música pós-moderna 33

O

objetos sonoros 44, 135

observação 17, 19, 34, 35, 36, 47, 49, 52, 53, 57, 60, 61, 62, 66, 73, 78, 86, 122, 128, 132, 134, 135, 138, 140, 145, 146, 148, 149, 150, 155, 157, 160, 162, 171, 174, 186, 194, 195

P

paisagem sonora 20, 21, 33, 72, 73, 91, 99, 100, 102, 106, 107, 108, 109, 185, 186, 187

parque sonoro 21

pedagogo 26, 36, 203

pensamento 27, 50, 72, 207

poética 41, 105

políticas públicas 36

SUMÁRIO

prática pedagógica 24, 35, 36
práticas musicais 44, 55, 104
primeiríssima infância 29
produção acadêmica 38
professor polivalente 25
propostas musicais 35, 103
Protocolo de Observação 35
protoconversas 22
psicologia 22, 23, 49, 60, 203, 206

R

recém-nascidos 16, 201
relação intersubjetiva 33
repertório musical 32, 35, 36
repertório tonal 32
revisão sistemática 35, 38

S

sociologia 22, 23, 60

som 15, 23, 33, 38, 40, 47, 48, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 62, 64,
65, 66, 67, 69, 71, 72, 74, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84,
85, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 99, 100, 101, 103, 108,
110, 111, 112, 115, 116, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 127,
128, 129, 130, 132, 135, 139, 140, 141, 143, 145, 148,
149, 150, 152, 158, 162, 163, 169, 170, 179, 180, 182,
183, 185, 205

sonoro-musicais 29, 33, 35, 50, 55, 57, 70, 71, 73, 104, 105, 195

sujeito de direitos 23

T

talheres 20

V

vocalizações 20, 33, 43, 50, 54, 56, 64, 74, 75, 84, 86, 88, 94,
95, 114, 121, 160, 161, 168, 182, 185, 187, 188, 190,
191, 192, 195

Z

zero a três anos 43

www.pimentacultural.com

Miniaturas Musicais

música dos e com bebês

